

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

SUELY BARBOSA DE MOURA

**O COLÉGIO SÃO JOSÉ E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NORMALISTAS
EM CAXIAS-MARANHÃO: FORMANDO PARA IGREJA, PARA A PÁTRIA E O
LAR (1949 – 1972)**

TERESINA – PI

2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

SUELY BARBOSA DE MOURA

**O COLÉGIO SÃO JOSÉ E A FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS NORMALISTAS
EM CAXIAS- MARANHÃO: FORMANDO PARA IGREJA, PARA A PÁTRIA E O
LAR (1949 – 1972)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes

TERESINA – PI

2014

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

M929c Moura, Suely Barbosa de
 O Colégio São José e a formação das professoras
normalistas em Caxias – Maranhão: formando para a igreja, para a
pátria e o lar (1949 – 1972) / Suely Barbosa de Moura. -- Teresina,
2014. 120 f.: il.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí,
2014.
Orientação: Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes.
1. Educação - História. 2. História da Educação - Maranhão. 3.
Colégio São José – Caxias (MA). 4. Normalistas - Maranhão. I.
Título.

CDD 370.981 21

SUELY BARBOSA DE MOURA

**O COLÉGIO SÃO JOSÉ E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NORMALISTAS
EM CAXIAS-MARANHÃO: FORMANDO PARA IGREJA, PARA A PÁTRIA E O
LAR (1949 – 1972)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Educação da Universidade
Federal do Piauí, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho
Lopes

Aprovado em: 19 /08 / 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio de Pádua Carvalho Lopes (Orientador)
Universidade Federal do Piauí- UFPI

Prof. Dr^a Samara Mendes Araújo Silva (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Prof. Dr^a Maria da Glória Soares Barbosa Lima (Examinador Interno)
Universidade Federal do Piauí- UFPI

Ao Marcio Segundo, presença marcante de Deus na minha vida, inspiração de todos os momentos de fraqueza e de fortaleza.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da minha vida que me compreende sem nenhuma explicação.

Ao Professor orientador Antônio de Pádua Carvalho Lopes, pela paciência e o incentivo nas horas de dúvida, sua participação foi fundamental em minha vida.

Aos meus familiares, pela atenção, apoio e confiança. Em especial, a minha mãe que jamais mediu forças para que pudesse me ajudar. Ao Meu marido, Marcio Rodrigo, que sempre esteve presente na busca pela realização desse projeto em minha vida. E ao meu filho, Marcio Segundo, que mesmo tendo pouca idade compreende as minhas limitações. Eu o amo profundamente.

Aos meus irmãos Suevandro, Suelândia e Manoel, que mesmo a imensa distância souberam ser presentes e parceiros em minhas decisões.

Aos meus colegas da 20ª turma do Programa de Pós-Graduação em Educação- UFPI, pela amizade e pela motivação de maneira especial Cristiano de Assis que sempre foi companheiro e amigo nas horas difíceis.

Aos professores do curso de Mestrado, obrigada pela sua contribuição na minha formação intelectual através das leituras e discussões na sala de aula ou em outros espaços. Sou grata ao orientador Antônio de Pádua Carvalho Lopes, Maria do Amparo Ferro, Luís Carlos Sales, Carmen Lúcia Cabral, Maria da Glória Soares Barbosa Lima. Muito obrigada por sua atenção e incentivo que me fez acreditar que o impossível é superável.

Aos professores do Centro de Estudos Superiores de Caxias, Professor Roldão Barbosa que através de seu conhecimento e sabedoria me ajudou a construir o projeto de pesquisa, Professora Maria de Fátima Alencar uma grande incentivadora para que eu cumprisse mais essa etapa em minha vida.

À Irmã Gemma Maria Carvalho, seu apoio foi fundamental para a construção desse trabalho, obrigada pela atenção, paciência e colaboração em me atender cada vez que eu a procurei.

A irmã Eucaristia e todos os funcionários do Colégio São José, por permitirem que eu estivesse presente por tanto tempo em sua rotina de trabalho.

Ao Professor Marcos Aurélio, que me ajudou com sua sensibilidade e compreensão.

À Professora Mariângela Guimarães, amiga e companheira solidária, com quem eu sempre pude contar.

À Professora Silvia Carvalho, pelo apoio benevolente e o incentivo em buscar novos horizontes, a senhora foi muito importante na concretização de meus ideais.

As entrevistadas que me receberam com carinho e permitiram que eu compartilhasse de suas memórias tão particulares.

A Academia Caxiense de Letras que sempre esteve com suas portas abertas para mim.

Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimentos; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia eu me alegro no senhor, exulto no Deus da minha salvação. O senhor é a minha fortaleza, e faz os meus pés como o da corça, e me faz andar altaneiramente.

Habacuque 3:17-19.

RESUMO

Este trabalho é um estudo de História da Educação Maranhense que aborda o Ensino Normal do Colégio São José. A pesquisa tem como objetivo descrever o processo de formação das professoras normalistas para as escolas primárias no Colégio confessional católico Colégio São José na cidade de Caxias MA. Assim, pesquisou-se o processo de escolarização das mulheres caxiense ocorrida na escola confessional católica dirigida pela Associação das Irmãs Missionárias Capuchinhas em Caxias, no período de 1949 a 1972. O recorte temporal adotado nesta pesquisa refere-se ao ano da fundação da Escola Normal São José na cidade de Caxias que data de 1949 e como marco final do período a ser estudado neste trabalho o ano de 1972, período em que a escola deixou de ofertar o Ensino Normal. Nossos aportes teóricos são compostos de referenciais da história cultural, observando-se como conceito central a história das instituições escolares. Para consolidação deste referencial, foram utilizados, dentre outros autores, Le Goff (1987), Louro (2004), Barros (2005), Lopes (2002), Motta (2008), Magalhães (2004) e Gatti Júnior (2002). Utilizamos como procedimentos de pesquisa a revisão bibliográfica, a análise documental (jornais, periódicos, decretos, e documentos produzidos na própria Escola Normal São José) entrevistas e questionários. Para a obtenção das fontes empregadas na construção do trabalho de pesquisa, recorreremos aos arquivos da secretaria do colégio São José, Academia Caxiense de Letras, Arquivo público do Maranhão e aos arquivos particulares das ex-alunas do Curso Normal do Colégio São José. Foram realizadas três entrevistas com ex-alunas que estudaram no período de 1949 a 1972 e duas religiosas que estão presentes na história do Colégio desde 1945 até dias atuais. Procuramos compreender o modelo educacional e a constituição desta escola confessional para mulheres na cidade de Caxias. Dentre as conclusões de nossa pesquisa podemos observar que o ensino oferecido pela ordem confessional Capuchinha na cidade de Caxias, através do Colégio São José, foi marcado pelo objetivo de construir valores religiosos católicos presentes em sua forma de ensinar e de educar suas alunas. A pesquisa apresenta o processo de formação das professoras normalista proporcionado pela escola, analisando as atividades escolares desenvolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Escola Normal. História da educação. Ensino Confessional.

ABSTRACT

This work is a study of the History of Education Maranhense that addresses the Normal School of the College of St. Joseph. The research aims to describe the process of forming normalistas teachers for primary schools in the confessional College St. Joseph Catholic High School in the city of Caxias MA. Thus, the process of education of women caxiense occurred in the Catholic confessional school run by the Association of Capuchin Missionary Sisters in Caxias in the period 1949 to 1972 it was researched. The time frame adopted in this research refers to the year of the founding of the Normal School in Caxias dating from 1949 and as a final milestone of the period to be studied in this work the year 1972, a period when the school ceased to offer the Normal school. Our theoretical contributions are composed of referential cultural history, noting how central concept the history of schools. To consolidate this framework were used among other authors Le Goff (1987), Blonde (2004), Barros (2005), Lopes (2002), Motta (2008), Magalhães (2004) and Gatti Jr. (2002). Used as research procedures the literature review, document analysis (newspapers, journals, ordinances, and documents produced in own Normal School San Jose) interviews and questionnaires. To obtain employed in the construction of research sources, we used the files of the secretariat of the college of San José, Caxiense Academy of Arts, Public Archives of Maranhão and private archives of former students of the Normal Course of the College of St. Joseph were performed three interviews with former students who studied in the period from 1949 to 1972 and two nuns who acted in the operation of the College during this period. We seek to understand the educational model and the constitution of this denominational school for women in Caxias. Among the findings of our research we can see that the education offered by the confessional Capuchin order in Caxias through the College of St. Joseph was marked by the goal of building Catholic religious values present in their way of teaching and educating their students. The research shows how we constructed the ideas that guided the formation of the Normal School teachers and the relationships established by these in the experience of your education.

KEYWORDS: Normal School. History of education. Denominational education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa do Maranhão situando a cidade de Caxias – 2011	25
FIGURA 2 – Revista Flores do Alverne (1958).....	30
FIGURA 3 – Irmã Electa Maria uma das fundadoras do Colégio São José	32
FIGURA 4 – Alunas do Educandário São José (1947).....	41
FIGURA 5 – Fachada do Colégio São José na década de 1970	44
FIGURA 6 – Fachada interna da Escola construída.....	46
FIGURA 7 – Reunião da Associação de Pais e Mestres do Colégio São José (1971)	50
FIGURA 8 – Alunas do Colégio São José em atividade recreativa (1957).....	52
FIGURA 9 – Curso de teatro realizado pelo Grêmio Santa Joana d’Arc do Colégio São José (1970)	55
FIGURA 10 – Fraternidade das Irmãs Capuchinhas em Caxias no Colégio São José	58
FIGURA 11 – Fotos das alunas que compunha o quadro de honra do Colégio São José (1954)	75
FIGURA 12 – Anúncio dos cursos do Colégio São José (1954)	80
FIGURA 13 – Missa de 1ª comunhão realizada na capela do Colégio São José (1958).....	84
FIGURA 14 – Comemoração da festa do dia dos Pais (1970).....	84
FIGURA 15 – Desfile de 07 de setembro (1958).....	86
FIGURA 16 – Banda do Colégio São José - 07 de setembro 1970.....	86
FIGURA 17 – Desfile de 07 de setembro – Colégio São José (1970).....	87
FIGURA 18 – Missa de formatura das alunas do Colégio São José (1970).....	89
FIGURA 19 – Mês ornamentada para cerimônia de formatura (1958).....	90
FIGURA 20 – Formandas do Ensino Normal (1970)	91
FIGURA 21 – Jogral em homenagem a São Francisco de Assis (1970).....	91
FIGURA 22 – Alunas uniformizadas (1950)	99
FIGURA 23 – Aluna do Ensino Normal em uniforme de gala (1960)	100
FIGURA 24 – Alunas vestidas no uniforme do time de voleibol (1958).....	101
FIGURA 25 – Alunas do time de basquetebol da Escola Normal (1970)	102
FIGURA 26 – Alunas no pátio do Colégio São José em momento de oração (1960)	103

FIGURA 27 – Alunas na coroação da Virgem Maria – Colégio São José (1958)....	104
FIGURA 28 – Aluna Homenageada na Revista do Grêmio Santa Joana d’Arc (1958)	
.....	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Entrevistadas: ex-alunas e religiosas do Colégio São José	19
Quadro 2 – Subvenções destinadas à manutenção do Colégio São José (1957-1967).....	36
Quadro 3 – Diretoras do Colégio São José (1937 – 1972).....	57
Quadro 4 – Enxoval da Escola Normal São José (ano 1949)	62
Quadro 5- Horário do Curso Normal (1º ano 1959).....	66
Quadro 6 – Horário do Curso Normal (2º ano 1959)	67
Quadro 7 – Horário do Curso Normal (3º ano 1959)	67
Quadro 8 – Lista de alunas da 1ª turma do curso Normal (1949)	70
Quadro 9 – Matrícula das alunas do 1º ano do Curso Norma (1949-1953).....	71
Quadro 10 – Matrícula total e número de concludentes do curso normal (1961-1965).....	71
Quadro 11 – Número de alunas do Colégio Normal São José (1971-1972)	71
Quadro 12 – Relação dos professores da Escola Normal São José (1953-1967) ..	73
Quadro 13 – Currículo da Escola Normal (Ginásial 1949 - 1951)	76
Quadro 14 – Currículo da Escola Normal (Colegial -1959)	77
Quadro 15 – Mensalidades do internato do Colégio São José (1949)	80
Quadro 16 – Valores das aulas particulares do Colégio São José (1949)	81

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
1 A EDUCAÇÃO CONFSSIONAL CATÓLICA EM CAXIAS E AS IRMÃS CAPUCHINHAS.....	25
1.1 A ordem capuchinha em Caxias.....	31
1.2 A instituição de Ensino São José (Fundação e Ampliação)	34
1.3 Arquitetura Escolar.....	42
1.4 Pedagogia das Capuchinhas.....	47
2 AS MARCAS DA ESCOLA NORMAL SÃO JOSÉ.....	56
2.1 Regras de Convivência	61
2.2 Horários do Colégio.....	65
2.3 A Matrícula das Alunas.....	68
2.4 Composição do Corpo Docente	72
2.5 O Currículo da Escola Normal.....	74
2.6 O Internato	77
2.7 Festividades do Colégio	81
3 AS LEMBRANÇAS DO COLÉGIO: MEMÓRIA DAS EX- ALUNAS DA ESCOLA NORMAL.....	93
3.1 O primeiro dia das alunas no Colégio	97
3.2 O uniforme das alunas	98
3.3 As práticas de orações no Colégio.....	102
3.4 A disciplina no Colégio	105
4 PALAVRAS FINAIS	109
REFERENCIAS.....	113
APÊNDICES	121

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa iniciou de um interesse despertado por uma curiosidade persistente, que aos poucos ganhou forma de projeto para dissertação. O interesse pessoal e a pretensão inicial que construíram a versão inicial do projeto de pesquisa surgiram de uma ideia que era analisar o papel da escola normal na formação das professoras na cidade de Caxias e, junto a isso, compreender o processo de formação docente e as estratégias empregadas na formação das alunas que mais tarde exerceriam a profissão de professoras primárias nas escolas rurais e urbanas. Como afirma Barros (2005, p. 12), “iniciar uma pesquisa, em qualquer campo do conhecimento humano, é partir para uma viagem instigante e desafiadora”.

Ao receber as primeiras orientações e estabelecer contato com produções acadêmicas sobre o tema, foi possível perceber que o estudo proposto inicialmente se tornaria relevante em razão de buscar-se compreender como ocorreu a formação das professoras normalistas oriundas do Colégio São José em Caxias, ampliando o conhecimento sobre a formação docente no interior do Maranhão.

Assim, começamos a trabalhar na pesquisa buscando compreender as lacunas existentes na historiografia sobre o ensino normal no Maranhão. O desvelar de nosso objeto figurou uma investigação lenta e criteriosa; por se tratar de uma pesquisa situada no campo da história e da memória, deveríamos buscar fontes que elucidassem nossas conjecturas.

O Ensino Normal de cunho confessional indicava um campo de pesquisa fértil para a historiografia do município, sendo necessário analisar sua existência e atuação na rede escolar de Caxias.

Fator determinante na motivação em realizar a pesquisa sobre o tipo de educação dispensada pelas organizações católicas foram as leituras relacionadas às produções locais sobre a história da educação, que não situavam com especificidade o Ensino Normal do Colégio São José em Caxias.

Definimos como objeto da pesquisa “A ação da ordem missionária capuchinha na formação das professoras normalistas em Caxias- MA, no período de 1949 a 1972”. O recorte temporal da pesquisa compreende o período de duração do Ensino Normal nesta escola.

Após estas constatações, convinha decidir os rumos que a pesquisa iria tomar uma vez que o nosso objeto possui a característica de inexplorado, carecendo de estudos mais aprofundados, que trouxessem maiores elucidações sobre a composição, a estruturação e o papel educacional e social, além dos impactos do ensino oferecido às mulheres caxienses com a Escola Normal do Colégio São José. Conforme afirma Nosella (2001, p. 56),

Sabemos que o projeto de estudo nunca é dado; é construído. Ou seja, não é um pacote fechado que o pesquisador abre e investiga. É um conjunto de possibilidades que o pesquisador percebe e desenvolve construindo, assim, aos poucos, o seu objeto [...] Enfim a construção do objeto depende, de um lado, da formação, da experiência, da criatividade e dos valores do pesquisador e, de outro, da existência de acesso às fontes. Uma escola pode ser vista com base em várias perspectivas, e isso faz da história uma ciência aberta.

Definido o objeto de pesquisa nos ocupamos em realizar a “pesquisa” (propriamente dita). Surgiram, então, muitas indagações, o período a ser estudado era complexo, afinal teríamos que estudar uma modalidade de ensino que já não existia há mais de quatro décadas sendo esta escola exclusivamente feminina e parte das pessoas que dela fizeram parte estavam “falecidas”. Tivemos que estudar também a categoria gênero feminino. Desta forma, acreditamos que os estereótipos:

“feminino” e “masculino” são ditados pela sociedade na qual o homem é autoritário, vinculado ao sexo, ativo e racional, enquanto a mulher por ser fisicamente frágil em relação ao homem, é delicada e débil, aprende a demonstrar sensibilidade, doçura, indulgência e submissão (SOUZA, 2011, p.146)

Foram necessários alguns meses de reflexão e muita paciência de nossa parte e do orientador para definir os desenhos da pesquisa. Até que as leituras realizadas nos deram norte sobre o que devíamos pesquisar, retomando algumas indagações feitas no primeiro projeto de pesquisa sobre a Escola Normal São José em Caxias. O “orientador” ajudou-nos através de seus questionamentos a definir o que de fato deveria ser a problemática da pesquisa. Assim, “a problematização é um expediente, um recurso de cientificidade – unindo dimensões e questões\requisitos de natureza epistêmica (história\historiografia) com dimensões de natureza objetual e narrativa” (MAGALHÃES, 2004, p. 140).

Podemos afirmar que esta pesquisa objetiva compreender o processo de formação das Professoras Normalistas para a Escola Primária no Colégio

Confessional Católico Colégio São José na cidade de Caxias – MA, no período de 1949 a 1972.

Assim definido o objeto de estudo, passamos a um novo questionamento que seria definir o “lugar” de nossa pesquisa na produção regional e local sobre a temática que estávamos propondo o estudo.

Adotamos em nossa pesquisa a perspectiva de que a história da educação deve ser analisada não somente a partir dos fatos educacionais “mas que sejam buscados os seus determinantes estruturais (econômico) e suas relações com o político social” (LOPES, 2002, p. 44).

Salientamos que a história cultural presente em nossa discussão nos direciona para uma compreensão do nosso contexto de análise por fazer menção às produções culturais utilizadas por nós no processo de reconstituir os ambientes sociais “que enfatizaria o estudo dos aspectos culturais” (BARROS, 2005, p. 96).

A escolha de nossos objetivos foi fundamental para que pudéssemos avançar em nossos questionamentos e buscar a definição do objeto da pesquisa no campo da historiografia de Caxias. Dar continuidade a história da formação das mulheres no processo educacional manifestou-se como algo fundamental na construção desse trabalho. Como destaca Nóvoa (1995, p. 18), os professores normalistas “estão na origem de uma nova mutação sociológica do corpo docente o ‘velho’ mestre escolar é definitivamente substituído pelo novo professor de instrução primária”.

O Colégio São José era de educação exclusivamente voltada para meninas e mulheres no início de seu funcionamento, não recebendo crianças do sexo masculino. Somente em 1961, a escola passou a ser mista fazendo parte de seu alunado meninos e meninas.

A Escola Normal foi constituída em sua totalidade apenas pelo sexo feminino, moças tanto caxiense quanto de outras localidades. A escola durante o tempo em que ofertou o Ensino Normal também funcionou em regime de internato para as alunas que vinham de outras localidades para se tornarem normalistas.

A Escola Normal Regional São José formava até o ano de 1953 regentes de ensino, sendo o curso de nível ginásial. A partir de 1955, o Colégio passou a oferecer o Curso Normal de grau colegial. O Diário Oficial -Decreto-Lei nº 1123 – de 01 de novembro de 1955 especifica:

Outorgou mandato ao Ginásio São José para ministrar o Curso Normal, de grau colegial, ficando assim instituída a Escola Normal São José, que foi integrada ao Sistema estadual de Educação, em, 03/ 12/1965, Portaria nº 08/65, do Conselho Estadual de Educação.

Após esta explanação, faz-se necessário destacar os objetivos específicos, os quais nos ajudaram a concretizar o problema da pesquisa. Estabelecemos os seguintes objetivos:

- Situar a Escola Normal São José no contexto histórico-social da educação caxiense.
- Compreender o processo educativo empregado na formação das alunas do Ensino Normal do Colégio São José.
- Analisar a pedagogia adotada pelas freiras Capuchinhas no Ensino Normal do colégio São José.

O recorte temporal de nossa pesquisa foi feito considerando o seguinte critério: para definirmos o marco cronológico inicial utilizamos o ano em que foi instituído o ensino normal no Colégio São José que data de 1949, o qual representa o início da ação em um novo grau de escolarização no Colégio São José. Como nos afirma Lima (1997, p. 31):

Partindo daí a exigência de escola de nível maior. Diante desta situação as irmãs, incentivadas pelas famílias resolveram atender as reivindicações exigidas e fundaram o GINÁSIO SÃO JOSÉ e a ESCOLA NORMAL REGIONAL DE CAXIAS, preenchendo assim uma lacuna existente na área educacional da cidade e da região do Vale do Itapecuru.

A escola tinha como preocupação a formação de meninas, estando voltada para a valorização da instrução católica, em que se desenvolviam as condutas morais e sociais, consideradas necessárias a formação do indivíduo pertencente a esta instituição de ensino. Isso permaneceu durante todo o tempo em que funcionou a Escola Normal São José, como afirma Lima (1997, p. 28):

Criado o Colégio, possibilitando receber jovens de outras cidades, passou o educandário São José a atender os caxienses, bem como a uma vasta região do centro-sul do estado do Maranhão, primando por um ensino de boa qualidade, por uma educação de grande primor e assistindo à comunidade naquilo que ela mais necessita no campo educacional.

Outro fator condicionante na escolha do recorte temporal foi o fato de que a escola manteve-se ao longo desse período focada na formação do sexo feminino, ocupando-se em estabelecer as bases educacionais católicas voltadas para a educação feminina no intuito de instruir essas mulheres não apenas no aspecto intelectual, mas também com o objetivo de desenvolver o que consideravam as aptidões peculiares ao papel de mulher, que não deviam se distanciar dos afazeres domésticos nem das incumbências de mães e esposas. As moças recebiam no colégio uma disciplina de estudos e uma rotina que contemplava essas exigências presentes no seu currículo de formação como aprender costurar, fazer crochê e bordar.

Enfatizamos que buscamos referenciais teóricos que embasassem o estudo, um suporte para as interpretações ligadas a esta área de conhecimento. Para desenvolvermos a pesquisa, definimos a história cultural como referencial teórico primordial. Essa seleção está em consonância com nossas expectativas de produção de saber admitindo que:

Os historiadores reescrevem continuamente a história [...] a História não é transparente e não se deixa interpretar imediatamente, enquanto é vivida, embora o contemporâneo não esteja impedindo de fazer reflexões imediatas ainda em seu “tempo quente” [...] O presente é ambíguo [...] assim, o historiador [...] não tem certeza de poder conhecer o passado [...] (REIS, 2002, p. 7).

Assim, buscamos as fontes que nos permitiram alcançar os caminhos que delineamos para essa pesquisa. Como afirma Nosella (2001, p. 57),

A questão da fonte na área da História da Educação e, obviamente, na pesquisa com instituições escolares é das mais importantes e está intimamente relacionada às teorias da História, vale dizer, teorias do conhecimento. Conforme o referencial teórico adotado, o pesquisador privilegia fontes diferentes e também as interpreta valendo-se de diferentes enfoques e interesses práticos.

Por essa razão, consideramos a própria leitura das fontes como algo complexo, por depender da “ótica teórica e ética e da política do pesquisador” (NOSELLA, 2001, p. 58), além disso, há o tempo da procura pelas fontes preservadas em arquivos públicos¹, nos centros culturais como Instituto Histórico

¹ Refere-se ao arquivo público do Maranhão, localizado na cidade de São Luís, onde se localiza a maior parte do acervo utilizado na pesquisa.

Geográfico de Caxias², Academia Caxiense de Letras e através das produções acadêmicas da historiografia do Centro de Estudos Superiores de Caxias³.

Nos arquivos do Colégio São José, localizamos fontes essenciais para pesquisa. Os jornais do período, referente à pesquisa, foram importante para que fornecessem uma expressiva e variada gama de informações sobre o contexto da época estudada e o discurso vigente na sociedade caxiense sobre os fatos pesquisados. Como afirma Le Goff (2003, p. 536):

A única habilidade do historiador consiste em tirar dos documentos tudo que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém mais próximo possível dos textos.

As fontes orais possibilitam o acesso às memórias das ex-alunas oriundas do curso normal, que desta forma se apresentam como sujeitos vivos desta história. Para selecionarmos as ex-alunas, que se constituíram em sujeitos desta pesquisa, buscamos localizá-las através das irmãs que ainda permanecem nos cargos de gestoras da escola e nas redes de relações familiares e de amizades existente entre aquelas que estudaram no colégio.

As alunas pesquisadas foram três, tendo elas hoje entre 65 a 75 anos de idade, residentes em Caxias. O principal critério para a seleção dos sujeitos desta pesquisa foram os anos de ingresso de nossas entrevistadas na Escola Normal São José, ou seja, foram consultadas mulheres que estudaram no colégio, além da diretora e de religiosas do período que compreende a nossa pesquisa de 1949 a 1972.

² O Instituto histórico geográfico de Caxias possui muitas obras pertinentes a historiografia de Caxias, instituído pelo empenho dos autores, estudiosos com interesses na produção historiográfica local.

³ Os trabalhos examinados no Centro de estudos Superiores de Caxias dizem respeito á artigos publicados em eventos científicos referentes ao objeto de estudo em questão. As monografias apresentadas pelos acadêmicos pertinentes à historiografia e ao objeto da pesquisa.

Entrevistadas	Dados Bibliográficos	Filiação	Ano de estudo no Colégio São José.
Inei dos Reis Lobão	Ex-aluna do Curso Normal, estudou em regime de externato. Filha de Agripino Figueiredo Lobão e Linda Jesus Lobão. Professora e diretora aposentada da rede estadual de ensino.	Raimundo Agripino Figueiredo Lobão e Zuíla dos Reis Lobão	1959-1963
Maria do Carmo Daniel da Cunha	Ex-aluna do Curso Normal , estudou em regime de externato. Professora aposentada da rede estadual de ensino, exerceu a função de professora de Português do Colégio São José	Manoel Daniel Filho e Zélia Feitosa Daniel	1959 - 1963
Maria de Jesus de Melo Lobão	Ex-aluna do Curso Normal estudou em regime de externato. Filha de Eduardo de Moraes Lobão e Isaura Gonçalves de Melo Lobão. Professora aposentada da rede estadual de ensino e da Universidade Estadual do Maranhão, ex-secretária de educação da cidade de Caxias-MA. Exerceu semelhante cargo na cidade de Aldeias Altas –MA.	Eduardo de Moraes Lobão e Gonçalves Izaura de Melo Lobão	1959-1963
Irmã Maria Assunta da Eucaristia Barros Neri	Ex- aluna do internato do Colégio São José. Tornou-se religiosa da ordem Capuchinha no ano de 1950 e exerce o cargo de secretária do Colégio desde 1974.		1945
Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho	Religiosa capuchinha. Nasceu na cidade de Oeiras-PI, exerceu a função de auxiliar no palácio do Karnak, época do governador Rocha Furtado. Fez curso superior no Rio de Janeiro. Veio para Caxias no ano de 1956, exercendo o magistério como professora de Português, Literatura, Francês e Latim. Foi diretora do colégio nos anos de 1963 a1966. Atualmente é diretora do Colégio São José, desde 1971.	Milton José de Carvalho	-

QUADRO 1 - Entrevistadas: ex-alunas e religiosas do Colégio São José

Fonte: Secretaria do Colégio São José

A revisão bibliográfica nos possibilitou conhecer parte das produções pertinentes à educação confessional no Brasil e no Maranhão, servindo-nos de base para que fossemos em busca das fontes que dessem sustentação ao trabalho de pesquisa que realizamos. Considerando a escolha do sexo feminino para composição do corpo discente da Escola Normal São José, procuramos compreender a razão dessa escolha e o que seria de fato um ensino destinado apenas às mulheres. Pensar o papel social da escola nos ajudou avançar na pesquisa e na elucidação de pontos obscuros. Utilizamos na pesquisa as seguintes fontes;

- Bibliografia pertinente – livros, revistas, boletins, monografias, memórias, dissertações, teses, relatórios, sites e etc.
- Documentos do acervo da própria escola – atas, livros de matrícula, anuários, programas de disciplina, fotografias etc.
- Jornais da época que constituem fontes importantes por noticiarem acontecimentos realizados na escola.
- Documentos da Câmara municipal de Caxias, dos arquivos públicos e particulares.
- Mapas, plantas da escola
- Fotografias das atividades desenvolvidas pelas alunas da Escola Normal preservados nos arquivos da Escola Normal São José e arquivos particulares.
- Legislação pertinente;
- Entrevistas a ex-alunas e freiras da escola.

No concernente à história da educação, podemos afirmar que há um alargamento quanto às definições de fontes como afirma Nosella e Buffa (2009, p. 61);

As memórias, histórias de vida (escritas ou orais), livros cadernos de alunos, discurso em solenidades, batas, jornais de época, almanaques, livros de ouro, correspondências epistolar, relatórios, fotografias, plantas baixas dos prédios e muitas outras fontes encontráveis em arquivos públicos e particulares são importantíssimas.

Ao proceder às análises dos documentos, através de sucessivas leituras, aos pouco identificamos “núcleos conceituais, palavras recorrentes que lhes permitem elaborar categorias catalisadoras e organizadoras das informações” (NOSELLA, 2009, p. 65). Estas categorias nos serviram de ponto de referência para o roteiro das entrevistas aplicado as ex-alunas do Curso Normal do Colégio São José, contido no apêndice do trabalho que foi elaborado com base nos objetivos que nos propomos alcançar. Segundo Nosella e Buffa (2009, p. 65), este momento da pesquisa pode ser considera como:

O mais criativo e não existe para o pesquisador outra forma de elaborar as categorias de análise a não ser inspirando-se em outros autores e lendo os depoimentos quantas vezes forem precisas, até que os conceitos possam emergir.

Finalmente acreditamos, conforme Nosella e Buffa (2009, p. 84), “que tais pesquisas elevam nos educadores o nível de responsabilidade pelos seus atos e estimulam nos leitores o gosto pelos estudos da história local e nacional”.

Os testemunhos orais, fotografias de arquivos pessoais, o fardamento escolar dos alunos, o reconhecimento dos espaços físicos e até mesmo os mobiliários, foram importantes fontes por terem sidos mantidos e conservados ao longo de várias décadas.

Estes convidam o leitor a inserir-se em uma época e em uma determinada sociedade, enriquecendo a imaginação sobre o cotidiano do passado do Colégio São José. Como afirma Sousa (2007, p. 58),

[...] Embora tornamos quase sempre como um pressuposto natural, os artefatos materiais vinculam concepção pedagógicas, saberes práticas e dimensões simbólicas do universo educacional construindo um aspecto significativo da cultura escolar.

Torna-se necessário, neste ponto do trabalho, mencionarmos os referenciais teóricos adotados concernentes á concepção de construção do saber, designados a partir dos princípios da história cultural. Esta será a mais ampla e significativa das fundamentações que utilizamos ao longo de nossa pesquisa, pois é desta base que derivam os conceitos e as interpretações. Também, são destas concepções historiográficas os autores que subsidiaram nossas argumentações. Dentre muitos outros, figuram: Le Goff (1987), Louro (2004), Motta (2008), Lopes (2002), Vilella (2008), Gauthier (1993). Ao se forjar academicamente o termo gênero,

a pretensão é, então, entender gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. [...] Numa aproximação às formulações mais críticas dos estudos feministas e dos estudos culturais, compreendemos sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas, identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento aos diferentes grupos [...] constitui sujeito e pode leva-lo a se perceber como se fosse empurrado em diferentes direções, [...] Ao afirmar que o gênero institui a identidade (PERROT, 2001, p.177-178).

Ao lermos as produções acadêmico-científicas que abordam a história das Escolas Normais no Maranhão percebemos uma lacuna a ser preenchida, sobretudo no tocante à história das instituições escolares localizadas no interior do estado. Sobre as abordagens pertinentes ao estudo que nos serviram de suporte; destaca-se a obra de Diomar da Graça Motta⁴ (2008). Enquanto que na área da história há uma obra publicada de Jacques Inandy Medeiros⁵ (1991), Albert Lima (1997).

Gatti Júnior (2002, p. 32) afirma que as pesquisas de instituições educacionais buscaram “a apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez e ainda faz parte”

Desse modo, podemos vislumbrar que a educação católica no Maranhão possui vários aspectos que merecem ser estudados e que a nossa persistência em estudá-los nos proporciona respostas sobre como a ordem missionária Capuchinha influenciou a formação das professoras normalistas em Caxias.

Constatamos, assim, que diferentemente de outros lugares no País⁶, no Maranhão, muito pouco se pesquisou e se produziu sobre as Escolas Normais, embora nos últimos anos a história da educação tenha se tornado um campo de pesquisa importante nas instituições de ensino no estado. Conforme nos afirma Coelho (2011, p. 274), referindo-se as ciências sociais,

⁴ A autora possui um expressivo e significativo referencial teórico sobre as escolas normais no Maranhão, Doutora em educação pela Universidade Federal fluminense - RJ. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão seus estudos dão ênfase em história da educação e histórias das mulheres professoras, atuando principalmente nos seguintes temas: Maranhão, Educação História, Mulher e feminismo.

⁵ O autor tem importantes trabalhos publicados no campo da história da educação caxiense, onde se destaca como membro da Academia Caxiense de Letras, seus trabalhos abordam a historiografia da cidade de Caxias em diferentes épocas de seu contexto social político econômico e, sobretudo educacional.

⁶ Para tal constatação observou-se a produção acadêmica de outros estados como Piauí, Ceará e também o Rio Grande do Norte.

Há também a possibilidade de considerar a produção que toma o Maranhão como objeto de investigação, realizada por profissionais ligados a outros estados ou mesmo países. O Maranhão tem se constituído em importante referência empírica a um grande número de pesquisadores [...]

Os primeiros passos dados pelas instituições destinadas à formação dos professores no Maranhão ocorreram quando o Ensino Normal já havia sido implantado em outros lugares do país. Como nos afirma Motta (2011, p. 231),

A Escola Normal no Maranhão foi criada no Governo de Dr. José Tomás Porciúncula (que durou seis meses do ano de 1890), anexa ao Liceu, de acordo com o que prescrevia o Art. 7º, do decreto nº 21, de 15 de abril de 1890, que reorganizava o ensino público estadual.

Ao longo desse trajeto foi necessário também ter acesso a maiores informações sobre as pesquisas que estão sendo desenvolvida dentro do campo da História da Educação referente às temáticas da História das instituições escolares.

Apoiados na produção de Magalhães (2004), buscamos fundamentar nosso trabalho, com a perspectiva de que:

Compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição; é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência (MAGALHÃES, 2004, p. 133-134).

O modo como o trabalho foi dividido indica a perspectiva adotada para se realizar a pesquisa, procurando favorecer a discussão do tema analisado. O primeiro capítulo versa sobre a educação confessional católica e as irmãs capuchinhas em Caxias, contextualizando o panorama educacional da cidade, descrevendo a influência exercida pela ordem das irmãs Capuchinhas na cidade de Caxias. Esta ordem que no ano de 1937 se instalou na cidade com o objetivo de fundar uma escola que formasse jovens segundo valores religiosos católicos.

O segundo capítulo - Marcas da Escola Normal São José - apresenta o modelo educacional no período analisado pela pesquisa, enfatizando a chegada das capuchinhas em Caxias. As atividades desenvolvidas pelas freiras e a presença de uma nova ordem religiosa na cidade exerceram forte influência não apenas no campo educacional, mas também religioso da cidade. As freiras foram consideradas educadoras com grande potencial, pois além dos ensinamentos escolares

transmitiam valores morais e religiosos importantes para a educação das mulheres caxienses.

Procuramos descrever como foi o funcionamento desta escola que era uma das modalidades de ensino oferecido pelo Colégio São José sob a direção das freiras capuchinhas.

O terceiro e último capítulo narra a história pela ótica de quem vivenciou esta forma de ensino, analisaremos as memórias narradas pelas ex-alunas, diretora e religiosas que vivenciaram á Escola Normal no período analisado.

Assim, procuraremos compreender a trajetória da Escola Normal e os ensinamentos praticados pela ordem religiosa capuchinha que por mais de duas décadas manteve o Ensino Normal em funcionamento permanecendo no exercício de suas atividades educacionais na cidade de Caxias.

Convém mencionar que o Ensino Normal dispensado pelo Colégio São José exerceu grande influência no processo educacional da cidade de Caxias. Muitas mulheres formadas nesta escola exerceram cargos e funções importantes na cidade. As ideias e valores aprendidos nesta escola respondiam aos anseios da sociedade local, que primava e valorizava os princípios católicos apregoados pelas irmãs educadoras que cuidavam e zelavam pela conduta religiosa de suas alunas.

Muitos foram os relatos por parte das ex-alunas sobre como se ministravam esses ensinamentos no espaço escolar, a disciplina imposta e as condutas exigidas por parte das alunas que faziam parte do Colégio São José, uma vez que o cuidado com a educação e a formação religiosa não se limitava apenas ao Ensino Normal, mas a todas as modalidades de ensino oferecidos pela escola. Os relatos procuram descrever o ensino praticado pela ordem missionária Capuchinha no espaço escolar do Colégio São José com seus componentes educativos tais como as horas das orações, refeições, atividades de educação física e as atividades de avaliação.

1 A EDUCAÇÃO CONFSSIONAL CATÓLICA EM CAXIAS E AS IRMÃS CAPUCHINHAS.

Caxias é um município do Estado do Maranhão. Foi fundado no século XVIII à margem do rio Itapecuru, nos pontos mais altos de um vale ribeirinho. Foi ao longo do curso do rio Itapecuru que se desenvolveu uma importante etapa da agricultura e pecuária maranhense a partir do século XVIII.



FIGURA 1 - Mapa do Maranhão situando a cidade de Caxias

Fonte: IBGE, 2011.

A economia caxiense foi marcada pela cultura algodoeira que indicava a prosperidade na região desde o século XVIII até a década de 50 do séc. XIX, tinha como fator de desenvolvimento, como descreve Coutinho (2005, p. 125):

A ascensão a categoria de cidade – lei Provincial nº 24/1836 decorre do aumento populacional, resultante do significativo desenvolvimento econômico, pois em meados do século XIX, a cidade transforma-se na principal exportadora de algodão, abastecendo grande parte da Europa pelo porto de São Luís, e para os grandes centros do sul, através do Piauí, Pernambuco e Bahia.

Em Caxias, a indústria manufatureira de tecido influenciou durante muito tempo o desenvolvimento local, embora nas décadas de 40 e 50 do séc. XIX, já não

tivesse o mesmo perfil de prosperidade, vivendo um período de decadência ocasionado pelo fechamento das fábricas no Maranhão e inicialmente na cidade de Caxias.

Já existia em 1940 uma insegurança no aspecto econômico e social bem como dissidências políticas que permeavam o setor educacional, mesmo a cidade tendo um grande crescimento econômico, como enfatiza Pereira (2010, p. 33);

No momento da abertura democrática, o comércio caxiense era admirável, visto que estava em pleno desenvolvimento, com organizações exemplares, capazes de atuarem em qualquer lugar do país. O crescimento urbano e as novas construções (residências e comércio) representavam a ansiedade pela chegada do progresso.

A derrocada acompanhada de decadência do parque têxtil em Caxias pode ser explicada através do início da crise econômica e tecnológica que sofreu a indústria local em razão das dificuldades econômicas enfrentadas em todo território brasileiro. Sobre a precariedade da indústria têxtil maranhense, afirma-nos Pereira (2010, p, 45),

Em suma, para os caxienses a falência das fábricas no final da década de 1950 representou um momento de crise econômica pelo qual o Brasil passava até o início dos anos 60. Desajustamentos, injustiças sociais, inquietação dos espíritos, desníveis de condição de vida, tudo isso constitui um complexo de decorrências inevitáveis que vai buscar as suas causas e a sua motivação no estabelecimento do império da inflação (JORNAL TRIBUNA CAXIENSE, 1960).

Quanto á educação, Caxias possuía na década de 1940 algumas escolas de ensino público e privado, essas escolas não possuíam especificamente curso destinado a mulheres ou a formação de professoras, as escolas de formação de professores que haviam funcionado tinham sido desativadas. A Ordem Missionária das Irmãs Capuchinhas implantou no ano de 1949 a Escola Normal São José, uma escola que era centrada na necessidade educacional feminina, a qual ajudou efetivar com sua atuação a interiorização do Curso Normal no Maranhão e a proporcionar professoras normalistas para escolas primárias da região. Conforme alude Castellanos (2011, p. 204),

Mais que á aquisição de uma habitação profissional (o que constituía a mentalidade de algumas mulheres daquela época) e a não permissão por parte da família de cumprirem com o tempo de trabalho determinado no interior do estado, depois de formados, prejudicava e influenciava negativamente no termino do magistério, a própria desvalorização da

profissão-professor, por parte dos próprios formadores, contribuía para que a formação teórica e prática do docente não tivesse o resultado esperado!

Contudo, Caxias também se desenvolveu no aspecto educacional, sobretudo por apresentar escolas de referência no interior do Maranhão. Assim na década de 1940, através das Irmãs Capuchinhas, Caxias teve implantada no ano de 1949 a Escola Normal São José que formava professoras para atuarem no interior do Estado.

Com esta escola, muitas mulheres vindas de outras cidades em busca de formação se estabeleceram em Caxias. Foi uma época marcada pela transição de costumes, pois a cidade apresentava novas exigências educacionais e o Colégio da Ordem das Capuchinhas sinalizava para o desenvolvimento no campo educacional da cidade.

Quanto á sua ação, as Irmãs Capuchinhas criaram a “Região São Francisco⁷” (LIMA, 2007, p. 46). Tratava da definição dos espaços onde as irmãs missionárias Capuchinhas atuariam como educadoras, sendo esta região formada pelos estados do Maranhão, Piauí, Pará e Amazonas, com sede em São Luís. Assim lembramos com relação à fundação de escolas católicas no Brasil que:

Não faltou a presença de muitas escolas católicas nos lugares mais remotos e pobres do país. Muito antes de o Estado chegar ao Oeste Brasileiro ou á Região Amazônica já mourejam ai educadores e educadoras enfrentando situações adversas, fundadas nas forças de suas convicções e de seu carisma de educado (MOURA, 2000, p. 190).

As congregações Capuchinha em Caxias e também de outros lugares foram influenciadas pelas mudanças propostas no Concílio ecumênico convocado pelo Papa João XXIII⁸, que deu novas orientações para a ação da igreja. Como destaca Silva (2010, p. 194):

A sociedade caxiense foi marcadamente influenciada pelo catolicismo que em alguns momentos se confrontou com outros grupos religiosos; o sagrado demarca fronteiras, cada religião, portanto passa a incorporar um sistema

⁷ A congregação das Irmãs Capuchinhas havia crescido muito, havia a necessidade de destacar e delimitar os espaços onde cada grupo deveria atuar em seu trabalho religioso e educacional, assim ficara determinado esses espaços por regiões onde atuariam cada agrupamento.

⁸ Entre os documentos aprovados pelo Concílio está a Declaração sobre a Educação Cristã de Juventude, de 20 de outubro de 1965, que é importante para se compreender a posição da igreja em matéria de educação. Logo no início da declaração, a Igreja salienta a “gravíssima importância da educação na vida do ser humano e seu reflexo cada vez maior no progresso social do nosso tempo” (MOURA, 2000, p. 33).

de crenças, que no caso é atravessado pela noção de evangelização, catequese e avanço.

A cidade de Caxias, considerada como “berço de tantos varões ilustres no campo das letras, das artes e das ciências” (COUTINHO, 2005, p. 125), proporcionou, ao Maranhão e ao Brasil, exemplo pioneiro de manifestações culturais. Caxias possuía uma imprensa local ativa na década de 1940, como podemos observar pelo jornal Sertão Judiciário que era uma revista mensal de doutrina e jurisprudência, fundado em 1º de janeiro de 1940 e o jornal Aldeias Altas. Outros importantes jornais circularam nas décadas de 1950, 1960 e 1970 como o Pioneiro, Timbira e Cruzeiro, jornal “católico” sob a direção do Monsenhor Joaquim Dourado. Nesse impresso, publicavam-se os assuntos pertinentes “à igreja católica caxiense, mas em suas colunas também eram divulgados trabalhos literários dos intelectuais da época” (COUTINHO, 2005, p, 315). O jornal cruzeiro de propriedade da igreja católica representava, conforme Sena (2010, p, 281),

Proposta político-ideológica do Jornal Cruzeiro: seminário católico, que foi fundado no ano de 1931 em Caxias e que por alguns anos foi responsável pela veiculação do discurso religioso da igreja católica na sociedade caxiense, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940 (SENA, 2010, p, 281).

Toda essa imprensa veio à luz em época que a liberdade de imprensa sofria limitadas e duras restrições, adotando sempre uma linha noticiosa e literária, observado, de acordo com Sena (2010, p. 283-284);

Muitas de suas reportagens e de seus artigos eram provenientes de jornais do Rio de Janeiro, São Paulo, e até do Rio Grande do Sul, no entanto a tônica era sempre a mesma: exaltação à pátria, louvor a Deus e a doutrina e a disciplinarização do trabalhador. O próprio lema do jornal – Deus, Pátria e Família-por si só, dá referência do direcionamento político-ideológico e doutrinário do mesmo.

O jornal Cruzeiro possuía um “discurso moralizante e doutrinário” (SENA, 2010, p. 289), sendo de circulação regular. Procurava em seus discursos orientar a sociedade sobre os perigos dos vícios e os maus costumes considerados nocivos à vida comum do lar. Fato curioso a ser mencionada é que os ensinamentos da Igreja Católica na época deveriam ser iniciados no lar e no convívio diário das famílias bem definidos no “livrinho áureo” (SILVA, 2010, p. 209), que continha informações sobre as regras morais que deviam ser praticadas pelos cristãos.

Segundo Silva (2010, p. 209), “havia uma tentativa de localizar as pessoas a partir do catolicismo quem não é bom católico é católico inimigo”. Os jornais católicos de circulação periódica como o *Cruzeiro* enfatizavam com veemência os deveres inerentes à vida religiosa que deveria ter todo aquele que professasse o catolicismo. Esta imprensa ocupava um papel definido na construção de um legado religioso “façamos da imprensa uma instituição regeneradora, um apostolado dos tempos moderno” (SILVA, 2010, p. 210). A mídia também se concretizou como uma importante ferramenta da religião na tentativa de estabelecer e perpetuar seu legado cultural no âmbito da sociedade caxiense ocorrido ao longo dos anos. Era comum o *Jornal Cruzeiro* noticiar na década de 1940 e 1950 as festividades ocorridas no Colégio São José, como as festas de formaturas e as comemorações religiosas. Conforme descrito abaixo:

Com grande solenidade, realizou-se na noite de 13 do corrente, no salão de festas do educandário “São José” desta cidade, o solene ato cívico de colação de grau da Turma “D. Luiz Marelím” e entrega de certificados dos humanistas de 1952. Às 21 horas. Teve lugar a sessão solene presidida pelo Exmo. Senhor Bispo diocesano com a presença do representante do Governador Eugênio Barros, paraninfo homenageado, do inspetor federal Gastão de Oliveira Sobrinho, do representante do Senhor Prefeito Municipal, dos paraninfos das professorandas e humanistas e distintas famílias de nosso meio social (Ginásio e Escola Normal “São José” de Caxias. CRUZEIRO. Quinta-feira, 25 de dezembro de 1952).

Podemos observar que as autoridades caxienses detentoras da hegemonia política e econômica eram frequentemente destacadas na imprensa religiosa, retratada por um discurso ideológico da soberania do catolicismo. O Colégio São José possuía como veículo de imprensa uma revista intitulada “FLORES DO ALVERNE”, esta revista teve uma grande circulação entre os alunos, pois divulgava as atividades culturais, recreativas e religiosas empreendidas pelo colégio. O grêmio Littero-Recreativo Santa Joana D’Arc era o responsável pela redação da revista organizando, ainda, dos eventos do colégio na década de 1950.

A revista tinha, além de matérias sobre as atividades escolares realizadas pelo Grêmio, colunas escritas por Padres pertencentes a diocese local como é o caso de Monsenhor Arias Cruz, que também escrevia para o jornal católico “*Cruzeiro*”. Era comum se homenagear através da revista escolar personagens importantes do clero caxiense como padres que colaboravam com a escola, irmãs

que se destacavam por seus trabalhos junto à congregação e também alunas que apresentavam notas boas e um bom comportamento escolar.

O papa era sempre lembrado nas páginas de “Flores de Alverne” como uma forma de não deixar de promover e professar os valores e doutrinas religiosas tão presentes no contexto escolar. Assim, “As alunas do ginásio São José prestam homenagem solene ao santo padre em quem veneram o Doce Cristo na Terra” (Flores do Alverne, 1958, p. 02). Os pronunciamentos do Papa eram publicados na revista para que fosse do conhecimento coletivo do alunado, visando não se perder de vista o amor e o afeto pelo pontífice da igreja católica. A capa do exemplar nº IV, de 04 de outubro de 1958 evidencia esta prática literária do grêmio estudantil, (figura 02).

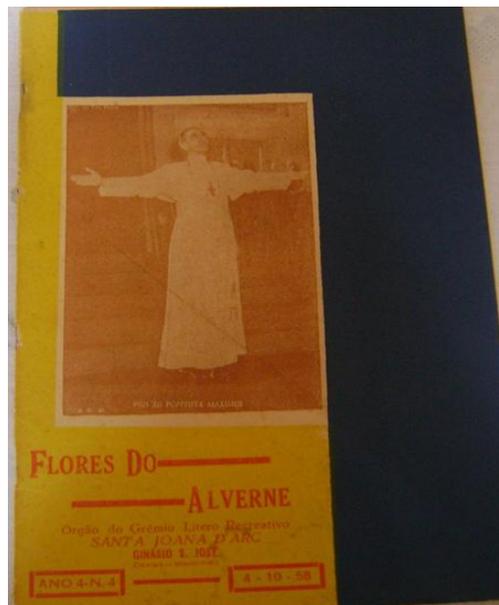


Figura 02 - Revista Flores do Alverne (1958)

Fonte: Arquivo do Colégio São José – Caxias.

A edição da revista ocorria anualmente e possuía uma grande circulação não apenas no interior do Colégio, como também entre os religiosos e as famílias católicas caxienses. Nela eram evidenciadas as festas, os espaços escolares, as atividades do Grêmio, os desfiles cívicos e as páginas de honra que homenageavam representantes da igreja católica.

1.1 A Ordem capuchinha em Caxias

Em 10 de fevereiro de 1937, chegou a cidade de Caxias, vinda de São Luís uma comitiva de Missionárias Capuchinhas formando o primeiro grupo de Irmãs Missionárias na cidade. A comitiva foi recebida na igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição de São José, conforme Lima (1997, p. 16), onde foi realizado o TE DEUM⁹ de Ação de Graças em agradecimento a chegada das irmãs á cidade.

Em Caxias, o “Colégio das Freiras” (LIMA, 1997, p. 20), como é conhecido o Colégio São José, foi fundado em 14 de fevereiro de 1937, com o nome de Educandário São José. Este foi responsável pela educação de inúmeras gerações de mulheres caxienses. Desse modo, “com a criação do educandário, surgiu à necessidade de que fosse aberto um internato para abrigar moças que vinham de outras localidades” (LIMA, 1997, p. 28).

Havia necessidade de implantar uma escola que cuidasse da educação feminina. As irmãs capuchinhas se apresentaram como dispostas a contribuir com a formação dessas mulheres em Caxias. como alude Lima (1997, p. 28):

Surgindo daí a ideia da criação de uma escola que possibilitasse, além da educação, a preparação de jovens e adolescentes, oriundas das classes menos favorecidas, com as atividades de prendas domésticas, ajudando-as em aulas de corte e costura e bordados, sendo-lhes ministrado curso de alfabetização e primário completo.

As freiras vieram para Caxias com o intuito de fundar um estabelecimento de ensino, pois imediatamente a sua chegada fundaram um educandário de ensino infantil e primário ofertado apenas as meninas. O curso infantil compreendia três séries “conforme a capacidade mental dos pequeninos de 04 (quatro) a 06 (seis) anos” (Colégio São José - Livro de ata da reforma dos Estatutos do Educandário São José. 15 de maio de 1952). Como podemos observar:

O Educandário mantém Curso Infantil e Primário oficializado pelo Governo do Estado nº 66, de 28 de fevereiro de 1939 [...] tem por finalidade principal a educação moral e religiosa da juventude a par de sólida e esmerada educação cívica e doméstica, sendo a educação literária de pleno acordo com o programa do Estado (Colégio São José - Livro de ata de 15 de maio de 1952).

⁹ **Te Deum** é um hino cristão, usado principalmente na liturgia católica, como parte do Ofício de Leituras da Liturgia das Horas e outros eventos solenes de ações de graças.

Caxias possuía escolas na esfera pública e privada que ofertavam diferentes modalidades e níveis de ensino aos caxienses. Como destaca Medeiros (1991, p. 15),

Chegávamos o ano de 1931. O país entrara, havia pouco, em uma nova fase do regime republicano, com a vitória da revolução política militar que entronizaria a ditadura de Getúlio Vargas. Encontrava-se como Interventor Federal no Maranhão o Padre Astolfo Serra. O caxiense João Guilherme de Abreu, que muito se dedicava a sua terra exercia então o cargo de prefeito Municipal de Caxias, lançou em março daquele ano a elevada ideia de fundação de Escola Normal [...] em 31 de julho de 1932, ainda no governo do Interventor Federal Astolfo Serra, por decreto estadual, foi a escola equiparada.

Entretanto, não havia escolas de cunho religioso que atuasse na educação feminina. No ano de 1937, o Cônego Carlos Bacelar trouxe para Caxias a Ordem Missionária Capuchinha para que atuasse na educação de meninas e moças da cidade.

As irmãs missionárias capuchinhas que chegaram no ano de 1937 foram Irmã Electa, Plácida, Justina e Engrácia, tendo como superiora a Madre Delfina. Como descreva a ata de fundação do Colégio:

Acompanhando as viajantes vieram honrar com suas presenças a fundação da nova casa confiada ao zelo das filhas de São Francisco a reverendíssima Irmã Inez, superiora do Orfanato de Santa Luzia em São Luís do Maranhão e a Irmã Florentina Graças (Colégio São José - Ata de fundação de 14 de fevereiro de 1937).

Na figura 03, podemos visualizar a imagem de Irmã Electa Maria que integrava a comissão de freiras capuchinhas fundadoras do Colégio São José no ano de 1937.



Figura 03 - Irmã Electa Maria uma das fundadoras do colégio São José
Fonte: Arquivo do Colégio São José – Caxias

Houve a participação da Família Cruz que foi fundamental para que se estabelecesse na cidade de Caxias as Irmãs Capuchinhas, pois encontraram por parte desta família conhecida pela grande devoção religiosa empreendida a igreja católica acolhida as freiras recém-chegadas de Fortaleza.

Essas freiras proporcionaram oportunidade educacional para as meninas e moças caxienses. A partir daquele momento, sua interferência e participação educacional na formação da futura geração de mulheres iria compor o quadro escolar da cidade, voltando-se para educação feminina. Existe nos relatórios anuais da Escola, a exemplo o ano de 1965, a descrição da forma como foi iniciado o trabalho das irmãs capuchinhas na cidade de Caxias. Elas tiveram inicialmente o apoio de pessoas que faziam parte de uma elite local e, por sua vez, detinham influência política junto aos órgãos públicos e privados da cidade. Esse apoio foi fundamental para que se desenvolvesse um trabalho não apenas educacional, mas, também religioso. O Relatório Escolar de 1965 afirma que:

Desempenhou papel importante na fundação deste estabelecimento o Mons. Frederico Chaves o Cônego Carlos Bacelar, auxiliados por ilustres bem feitores, como a senhora Santa de Brito Pereira, o Sr. José Ferreira Guimarães, o Sr. Nachor Carvalho e a professora Aída Cruz e outras pessoas generosas (Colégio São José – Relatório Escolar de 1965).

Essas pessoas eram autoridades religiosas e políticas ou representantes do poder constituído na cidade de Caxias, pertenciam a famílias de tradição católica e ofereciam apoio as obras religiosas cristãs.

A Ordem Missionária Capuchinha presente em Caxias possuía uma característica diferente de outras congregações: era genuinamente brasileira. Foi fundada no Brasil através do *Decretum Laudis*,¹⁰ tinha por incumbência a dedicação aos humildes e necessitados ou onde houvesse a necessidade de ajudar o próximo como descreve o jornal Cruzeiro:

Dedica-se, antes de tudo, ao trabalho das escolas hospitais, leprosários, orfanatos, pensionatos, centros catequéticos e centros sociais em todos os quadrantes do território nacional. Alegam-se principalmente aqueles que não beneficiários do apostolado das irmãs Capuchinhas (De parabéns a congregação das Irmãs Capuchinhas - Cruzeiro, 06 de julho de 1958).

¹⁰ O novo decreto eleva a congregação das Irmãs Missionárias de São Francisco de Assis do Brasil, (este de agora em diante será seu nome oficial e canônico), á categoria dos grandes e veneráveis institutos de Direito pontifício, prova do excelente conceito que desfrutano seio da igreja.

Na cidade de Caxias, a atuação das Irmãs Capuchinha foi dedicada ao trabalho educacional, enquanto mantinham na capital do estado São Luís uma escola voltada para a formação de enfermeiras e um noviciado voltado para a formação de jovens que aspiravam á vida religiosa, sua ação estendeu-se por muitas cidades do interior do Estado.

1.2 Instituição de Ensino São José: fundação e ampliação

O Educandário São José, mantido pela Associação das Irmãs missionárias Capuchinhas – AIMCA, fundado no ano de 1937, trouxe mudanças e desenvolvimento no contexto da educação local. A escola foi fundada com o nome de Educandário São José, sendo reconhecido pelo governo do estado através do Decreto – Lei nº 66 de 28 de fevereiro de 1939 (Colégio São José –Estatuto da Escola Normal Regional São José- 1949).

Assim, depois de instaladas na cidade ficaram sob a responsabilidade das Irmãs Capuchinhas duas escolas: o Educandário São José e a Escola Santa Rosa de Viterbo.

A Escola Santa Rosa de Viterbo foi fundada logo após o educandário São José, no dia 16 de agosto de 1937, conforme consta nos registros do Colégio São José (Ata de Inauguração das Escolas Domésticas Proletárias em Caxias do Maranhão), tinha como mantenedora o Educandário São José da Associação das Irmãs Missionárias Capuchinhas funcionando no mesmo prédio, ambas possuíam o caráter e o perfil do ensino religioso praticado pela fé católica.

Esses trabalhos passaram a ser desenvolvidos tão logo da chegada das missionárias em Caxias. A ação das capuchinhas em Caxias assemelha-se as atividades desenvolvidas pelas religiosas no asilo Santa Rita, em Lopes (2006, p. 73):

Angariando a simpatia e o auxílio de algumas famílias abastadas, as irmãs não apenas foram implantando a ação educativa, mas garantiram um nível de ensino que atendia aos interesses e necessidades daquelas famílias. Elas tinham como metas que definiam as práticas cotidianas nos colégios, o recato, a formação para as atividades domésticas, a formação da boa mãe, esposa e catequista do lar (LOPES, 2006, p. 73)

A escola era totalmente gratuita voltada para alfabetização de adultos, em especial, operárias e domésticas que em sua maioria não sabiam ler e escrever. Em

seu primeiro ano de funcionamento, foram “matriculadas 95 alunas no turno da noite” (Colégio São José - Relatório Escolar de 1963).

Constituído o Colégio, pessoas vindas de outras regiões do Maranhão e localidades, como centro sul do estado, estabeleciam-se na cidade em casa de parentes para que pudessem frequentar a escola. Isso contribuiu para que surgisse a ideia de que fosse aberto um internato.

Inicia-se uma nova fase do processo de escolarização do Colégio São José, neste momento não mais educandário infantil, pois com a implantação do ensino ginásial em 05 de agosto de 1948, descrito no Diário Oficial do Estado Maranhão em 28 de fevereiro de 1949, elevou-se o Colégio a categoria de Ginásio São José, atendendo a um contingente maior de jovens caxienses e de outras localidades, que procuraram continuar seus estudos, conforme descreve Lima (1997, p. 31).

O ensino primário do educandário São José estava consolidado, adquirindo destaque e sobressaindo-se diante dos demais estabelecimentos de ensino da cidade. Após adquirirem ensino básico – o primário – os estudantes caxienses se deslocavam muito jovem ainda, para outras localidades em busca de estudos de níveis mais elevados, a fim de completarem a educação secundária e superior.

Com a realização de mais um projeto, muitas moças se estabeleceram ali, supervisionadas e dirigidas pelas irmãs. Com a expansão dos domínios da ordem Capuchinha, em 1937, o “Arcebispo do Maranhão, Dom Carlos Carmello de Vasconcelos Mota, nomeou um capelão para o Educandário São José: o Pe. Mariano Britto em provisão datada de 1º de maio de 1937” (LIMA, 1997, p. 29).

No ano de 1937, o colégio recebeu a visita do Arcebispo do Maranhão que disse ser o educandário de “uma das alegrias do meu arcebispado” (LIMA, 1997, p. 29).

O colégio foi reconhecido através dos poderes Públicos e transformado em estabelecimento de ensino no seu caráter jurídico e legal. A influência de Aída Cruz, inspetora de Ensino, contribuiu no processo de legalização do Colégio São José, o qual ocorreu em 28 de fevereiro de 1939, através do Decreto – Lei de nº 63¹¹ descrito em Colégio São José - Ata de fundação do Colégio São José.

¹¹ Decreto Lei nº 63 – O Colégio São José, mantido pela Associação das Irmãs Missionárias Capuchinhas (AIMCA) foi fundado em 14/02/1937, na cidade de Caxias, Maranhão, sendo reconhecido pelo Governo do estado com o Decreto. Lei nº 63 de 28/02/1939.

A obra de fundação do Colégio São José teve a participação de inúmeros contribuidores da elite caxiense citados nos registros de memórias do Colégio São José (Movimento Escolar de 1964); dentre eles, destacamos Monsenhor Frederico Chaves, Cônego Carlos Bacelar, Santa de Brito Pereira, José Ferreira Guimarães, Sr. Narchor Carvalho e a Professora Aída Cruz. Além dessas contribuições, a escola recebia subsídios oficiais após o reconhecimento de utilidade pública. Conforme podemos ver no quadro 02.

Ano	Mantenedores	Valor
1957	Ministério da Educação e Cultura	CR\$ 17.000.00
1958	Ministério da Educação e Cultura	CR\$ 17.000.00
1965	Secretaria de Educação e Cultura (Plano Trienal de Educação do Maranhão)	NCR\$ 500,000
1967	Secretaria de Educação e Cultura	NCR\$ 3.000.00
1965	Ministério da Educação e Cultura	NCR\$ 6.500.000
1966	Ministério da Justiça	NCR\$ 5.000.00
1966	Ministério da Educação e Cultura	NCR\$ 20.000.000
1967	Ministério da Educação e Cultura	NCR\$ 19.800.00
1967	Secretaria de Educação e cultura	NCR\$ 3.000.00
1968	Ministério da Educação e Cultura	NCR\$ 8.600.00
1968	Ministério da Justiça	NCR\$ 6.000.00
1968	Ministério da Agricultura	NCR\$ 1.000.00
1969	Ministério da Educação e Cultura	NCR\$ 34.200.00
1969	Ministério da Justiça	NCR\$ 6.000.00

QUADRO 02 - SUBVENÇÕES DESTINADAS A MANUTENÇÃO DO COLÉGIO SÃO JOSÉ (1959-1969)

Fonte: Recibos da secretaria do Colégio São José

O Colégio São José recebia subsídios oficiais do governo anualmente, através de órgãos como Ministério da Educação e Cultura, Ministério da Justiça e também Ministério da Agricultura. Estas subvenções foram fundamentais para a construção do prédio do colégio, para a manutenção do internato e compra de materiais permanentes, possibilitando que o colégio fosse equipado. Materiais permanentes como cadeiras eram adquiridos através das subvenções do governo Federal e Estadual, como podemos ver a partir da prestação de contas

Exmo. Senhor Diretor da Divisão de Orçamento do Ministério da Educação e Cultura.

A Escola Normal São José, com sede em Caxias, Estado do Maranhão, por sua Diretora, vem prestar contas a V. Excelência da aplicação dada ao auxílio, no valor de NCr\$ 3.000,00(três mil cruzeiros novos) subvenção extraordinária, concedida por este ministério pela dotação Orçamentária exercício de 1967, recebida em agosto de 67 (NCR\$ 2.000,00) e em fins do ano próximo passado NCR\$ 1.000,00.

Anexo vão os recibos, as notas fiscais e a demonstração da despesa feita e paga com a devida importância.

Aproveito o ensejo para apresentar a V. Excia. os meus protestos de elevada consideração (Colégio São José – Prestação de Contas 11 de fevereiro de 1969).

Fator importante a ser destacado era que essas subvenções eram concedidas para as várias modalidades de ensino que funcionavam no colégio. As prestações de conta e os planos de aplicação do dinheiro recebido demonstram que eram aplicados em despesas pertinentes a manutenção e construção do Colégio, que se encontrava nesses anos em fase de edificação. À medida que se construíam as dependências, novas salas de aula funcionavam e havia a necessidade de equipá-las com mesas, cadeiras e quadros.

Os recursos também serviam para a compra de mantimentos e roupas usadas nos dormitórios. Não havia cessão de pessoal mantido por órgãos públicos no funcionamento do colégio, pois caberiam as irmãs o papel de instruir e zelar pela instrução das alunas.

Muitos recursos de origem estadual contribuíram para a manutenção e construção do prédio. Algumas contribuições estaduais garantiram o acesso à escola de alunas que não tinha como custear os estudos, estas alunas eram chamados de bolsistas, uma quantidade pequena de alunas, dez por ano enquadravam-se nesta situação (Colégio São José - Regimento da Escola Normal). O estado através das subvenções destinadas ao Colégio garantia a permanência destas alunas no espaço escolar.

Ao longo de sua trajetória, o educandário São José, com a participação das irmãs educadoras como eram chamadas as freiras que exerciam o ofício docente na escola desenvolveram um currículo de base católica. Suas festividades e solenidades impactavam a sociedade da época em função do pequeno prazo de sua existência. Muitas subvenções doadas ao Colégio ocorriam em função dos filhos de pessoas ilustres e influentes estudarem no colégio.

No dia 05 de agosto de 1948, foi criado o Ginásio São José, e também se institui a Escola Normal Regional de Caxias que iniciou o seu funcionamento em 15

de janeiro de 1949, em regime de externato e também internato para o sexo feminino.

Durante muito tempo, as Irmãs residiram numa das casas da Diocese. Como evidencia o Relatório Escolar do ano de 1964 do Ginásio São José;

O prédio é próprio e foi comprado em 1952, no dia 06 (seis) de setembro. Eram duas casas térreas, estando hoje quase demolidas, com a nova construção do prédio. Foi compradora deste imóvel a Associação das Irmãs Missionárias Capuchinhas.

O Cel. Eugênio Barros prefeito de Caxias no período de 1948 chegou a oferecer um terreno no Morro do Alecrim¹² para que fosse construído o Colégio e a casa das freiras, porém a proposta foi recusada por parte das irmãs, o terreno estava localizado em um local pouco habitado e de difícil acesso por parte da comunidade. O local ainda desabitado dificultaria o acesso das pessoas ao colégio, um enorme morro teria que ser percorrido até a chegada do colégio, a região era muito íngreme, sendo inviável a construção do Colégio. Irmã Maria Gemma de Jesus em seu depoimento nos conta como se deu a oferta e recusa do terreno:

Nós ganhamos um terreno no morro e recusamos porque lá não tinha nenhuma habitação, tinha até onça viu! Era muito perigoso não existia nada, era um morro cheio de muita árvore, tinha até onça por lá, então não convinha, e para nós era muito difícil as crianças se locomoverem pra lá, não era como é hoje, muito cheio de mato, uma ladeira muito íngreme né! Cheio de buracos e tudo. Aí então nós não quisemos preferimos ficar numa casa. Elas aos poucos foram comprando as casas, eram duas casas e se comprou logo, como era da diocese foi fácil o bispo vender logo (Maria Gemma de Jesus Carvalho - entrevistada).

As casas paroquiais onde residiam as Irmãs e funcionava o Colégio ficavam localizadas em um ponto muito estratégico, no centro da cidade em frente à praça principal que hoje se chama Praça do Panteon, outrora Praça Dias Carneiro. Com o fácil acesso onde passava, a todo momento, pessoas que se deslocavam para o comércio, o local onde a missão havia se instalado era propício ao funcionamento do colégio.

Na década de 1950, inicia-se a construção do prédio onde se localiza o Colégio São José, muitas atividades festivas foram realizadas para se obter

¹² Local de difícil acesso e inabitado, local onde se travaram os maiores embates durante a guerra da Balaiada.

contribuições financeira indispensáveis à construção do prédio onde funcionaria o Colégio e residiriam as freiras.

Através de inúmeras e sucessivas doações, foi possível a Madre Superior da Fraternidade¹³ em Caxias e Irmã Rafaela, Diretora do Colégio, a aquisição de uma casa, contigua ao prédio da escola, onde funcionou o Ginásio São José. Em outra ocasião o jornal “Cruzeiro” menciona em suas páginas o contentamento externado pelas irmãs missionárias quanto á construção do novo prédio que abrigaria o Colégio e todas as suas modalidades de ensino, a antiga casa pertencente á paróquia que fora comprada pela ordem missionária, estava sendo reformado através da construção de novas dependências a serem ocupadas pelo seu ministério educacional;

É uma obra admirável que vêm levando a efeito em Caxias as Irmãs Capuchinhas. Dentro em breve veremos totalmente concluído o grande e moderno prédio em que irão funcionar a Escola Normal, o Ginásio e o jardim de infância, além de uma escola gratuita para moças operárias no turno da noite (De parabéns a Congregação das Irmãs Capuchinhas - Cruzeiro, 06 de julho de 1958).

Ocupam-se ainda as irmãs com trabalho de catequese de crianças nos bairros pobres da cidade, pois a propagação do evangelho e das boas aventuras não podia limitar-se apenas aos muros do colégio, era preciso irradiar por toda parte e nos pontos mais longínquos da cidade a busca de almas para o reino de Deus, comentando o jornal Cruzeiro, 06 de julho de 1958;

Ensinando todos os domingos a doutrina cristã a centenas de meninos nos pontos extremos de nossa cidade, obra por certo de grande alcance moral, visto como é alii principalmente, que o descaso dos pais, os costumes da rua, as reuniões mundanas operam os mais funestos estragos nas almas infantis, se não encontram quem a defenda em tempo (De parabéns a Congregação das Irmãs Capuchinhas - Cruzeiro, 06 de julho de 1958).

A Congregação Missionária Capuchinha possuía seu próprio hino. Em sua letra podia se perceber a grande devoção a Maria, mãe de Jesus e aos sacerdotes que de alguma forma contribuíram para a expansão da obra missionária. A figura do Papa Pio XII estava em evidência em todas as ações sacerdotais como pastor real, São Francisco patrono da ordem capuchinha estava presente nos versos dos hinos entoados pelas Capuchinhas. São Francisco era lembrado como o santo

¹³ Fraternidade – conceito filosófico profundamente ligado as ideias de liberdade e com os quais forma o tripé que caracterizou grande parte do pensamento revolucionário; termo que designa a congregação Capuchinha.

da pobreza alguém que representava a dedicação e o sacrifício do ministério aos esquecidos pela sociedade, como podemos perceber em suas estrofes:

Hino da Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas

Letra: Irmã Electa

Música: Irmã Fabiana

Tu nasceste do sangue tão puro
 Desse nosso irmão fervoroso
 Que o martírio tornou glorioso
 Recebestes a missão de ajudar
 Na divina seara das almas
 De plasmar juvenis corações
 Com exemplos de santas lições
 Para a igreja, a pátria e o lar.

Estribilho

Salve' salve' feliz tu surgistes
 Sob céu que o amor de Jesus
 Em cruzeiros de estrela traduz,
 Não vaciles. Na luta sê forte
 Teu destino, avante prossegue
 A estrela polar que te guia
 É o olhar materno de Maria
 Ó não temas perder o teu norte!

II

Frei João Pedro, exemplar Sacerdote
 Inspirado por deus na oração,
 Para auxílio de sua missão,
 Quis formar no Brasil um aprisco
 Com a benção da igreja infalível,
 Triunfou o seu nobre ideal,
 O rebanho do pai São Francisco.

III

Tu estás sob o pálio de Roma,
 Pois de Cristo visível na terra
 Tu ouviste a palavra que encerra
 O supremo poder que decide
 Ó santíssimo Padre Pio XII
 Desse reino de eterno esplendor,
 Abraçai-nos excelso pastor
 Que produz bons frutos a vide!

O Hino celebra as conquistas dos ideais capuchinhas, a congregação dedicada a São Francisco de Assis, que as inspira a renovar seus votos de obediência ao Santo Padre o Papa Pio XII, e á igreja Católica Apostólica Romana.

A figura 04 nos remete a postura das freiras capuchinhas sempre alinhadas e assim também promoviam esse comportamento nas meninas educadas no Colégio. Embora crianças, já se portavam com ordem e arrumadas como forma de obediência a hierarquia. As irmãs apresentadas na fotografia compõem o grupo de freiras que ajudaram no trabalho missionário educativo em Caxias.



Figura 04 - Alunas do Educandário São José (1947)

Fonte: Arquivo do Colégio São José – Caxias

As freiras que se dedicavam ao trabalho e a missão de ensinar, as meninas educadas pelo colégio como deviam se portar. Elas deviam está bem vestidas e arrumadas, trajando seus uniformes impecavelmente limpo e alinhado como uma forma de demonstrar sua boa educação juntamente com seus bons modos, serviram de exemplo. As moças de então não eram preparadas apenas para exercer as atividades do lar, mais para exercerem um papel social.

A esfera doméstica não significava mais o limite da educação feminina, muito embora estivesse presente no currículo escolar feminino, porém, outros horizontes se vislumbravam para as meninas e mulheres instruídas no colégio São José sem, contudo desconhecer que “a igreja cabe cuidar do tempo eterno, destino natural da alma, que depende da sua orientação, de sua educação para realizar esse plano divino” (MANOEL, 1996, p. 58).

1.3 Arquitetura escolar

A escola iniciou seu funcionamento em 1º de março de 1937 tendo membros da elite local como contribuidores e mantenedores da instituição. Essa possuía o caráter privado, mas recebia por parte das autoridades federais e estaduais subvenções importantes para manutenção da sua ação. Conforme Lima (2007, p. 25) “iniciaram-se as aulas no dia 1º de março, com a sessão solene, precedida da eucaristia, celebrada pelo Pe. Joel Barbosa. Nesta data tiveram início as atividades educacionais do Educandário São José”.

Em seu momento inicial o colégio não possuía sede própria, as irmãs utilizaram as acomodações paroquiais que ficava localizada no centro da cidade na Praça Dias Carneiro nº 03, mais tarde às custas de seus esforços e de importantes doações vieram adquirir como sua propriedade esta residência que se tornou o espaço onde foi construído o Colégio São José. Conforme descreve o relatório do Ginásio São José enviado á secretaria de Educação para outorga de mandato do curso Normal.

O prédio fica encravado em um terreno situado entre a Prefeitura Municipal e a União Artística Operária, localizada no centro da cidade, na aprazível Praça Dias Carneiro. O prédio antes pertencente á Diocese de Caxias e cedido ás Irmãs Capuchinhas residentes em Caxias, recentemente passou a pertencer a esta entidade, que o vem melhorando e adaptando, aos requisitos higiênicos e pedagógicos estipulados pelo Ministério de Educação e Cultura, pretendendo, conforme a planta oferecida ao Exmo. Governador

do Estado, reforma-lo totalmente, contribuindo assim, não só para conforto e bem estar das alunas, como, também, para o embelezamento e progresso da cidade.

O prédio onde funciona o Colégio São José foi comprado no dia 06 de setembro de 1954 pertencente á diocese (Colégio São José – Livro de Atas da Fundação). De acordo com o Livro de atas da fundação do Colégio São José o espaço físico é descrito como confortável e higiênico. O prédio dispõe de amplas e bem arejadas salas para aulas e estudos, vasta área para recreio e exercícios físicos e demais instalações próprias de uma boa casa de ensino. As dependências do prédio tinham funções muito específicas como exemplifica Buffa (2007, p. 156) ao descrever a arquitetura dos prédios religiosos.

O pátio tem longa história nos programas arquitetônicos, sobretudo no das instituições religiosas. Com o tempo, foi servindo a novas funções até tornar-se nos colégios, espaços de encontros, confraternização e socialização. Mais que isso, era um espaço adequado que permitia articular ao seu redor a implantação de edifícios com funções diversas.

O prédio do Colégio São José tinha urgência em ser construído, pois o aumento pela procura dos níveis de ensino era elevado, sua planta estabelecia como forma acabada¹⁴ o formato predial de “letra U” Lima (1997, p. 46). O prédio completo deveria possuir dois pavimentos para melhor acomodação das alunas internas e das irmãs que residiam no próprio colégio, considerando que “neste eloquente exemplo temos um edifício altamente didático pela sua própria arquitetura” (BENCOSTTA, 2007, p. 117). O prédio possuía uma fachada voltada para o pôr do sol, que nas tardes trazia muita luz e iluminação as sua dependências, possuía duas alas de salas laterais uma ao fundo com um amplo espaço ao meio onde se podiam realizar atividades lúdicas e festivas como delegava o calendário escolar. A imponência da construção refletia o alcance da proposta didática implantada pela ordem missionária em Caxias, que impressionava por sua estrutura moderna. Como descreveu Buffa (2007, p.157); ao mencionar o estilo dos prédios escolares.

As construções de tijolos, em sua maioria coberta por telhas de cerâmica, impressionavam mais pelo porte e pela sua implantação do que por suas características arquitetônicas; aparentavam sempre uma mistura ambígua

¹⁴ Sua forma arquitetônica deveria completar o “U” ainda era necessário concluir a capela, tesoureiro, secretaria e sala de professores, além de outras dependências necessárias (Documentos do Colégio São José, 1961).

de simplicidade e poder. O conjunto, sempre ordenado a partir dos eixos ou do quadrado do pátio, seguia os procedimentos de projetos já havia muito reproduzidos.

A escola constituída se assemelhava a outros prédios pertencentes à ordem religiosa que costumava manter a estética e o mesmo padrão, possuindo salas, biblioteca, capela e extenso número de dependências como dormitórios, refeitórios e auditório. O colégio apresentava uma estrutura completa que oferecia condições de realizar um ensino capaz de servir de referência em todo o Estado, o que se confirma através da sua importância para o contexto educacional da época.

O reconhecimento de suas modalidades de ensino e os curtos prazos em sua implantação demonstrava sua credibilidade junto aos poderes públicos. O colégio de cunho confessional privado oferecia a sociedade local uma referência de ensino compatível com as necessidades educacionais da época. “No fundo, em sua gênese, os edifícios escolares repetem, através dos tempos, um padrão que acabou por torna-lo sempre, facilmente reconhecível em qualquer cidade” (BUFFA, 2007, p. 159).

Podemos observar na foto 05 os detalhes de como se constituiu o espaço escolar do Colégio São José, quando sua estrutura estava completa e necessitava apenas do acabamento, que mais tarde foi feito.



Figura 05 - Fachada do Colégio São José na década de 1970
Fonte: Arquivo do colégio São José – Caxias

Descrevemos o ambiente arquitetônico como propício para instalação de um modelo educacional onde os alunos ao contemplarem uma “fachada gloriosa, interior imponente e transparente despertaram sentimento de devoção” Bencostta (2007, p.121). Com a ação da construção do prédio escolar as Irmãs missionárias procuravam ser bem sucedidas em seu projeto educacional. Esse modelo de instalações era presente em outras escolas como descreve Bencostta (2007, p.123), ao fazer alusão ao conceito de espaço escolar.

Os ambientes envidraçados ou abertos, o pé-direito alto, as salas de aulas com portas para as galerias abertas e a posição da administração escolar criam um ambiente transparente e permitem controlar o fluxo e o comportamento de professores e alunos.

Com o trabalho educacional e cristã desenvolvido pela ordem missionária Capuchinha em Caxias havia a necessidade de estabelecer um patrimônio para que desse início a obra que seria o Colégio São José, que estrategicamente foi idealizado pelo clero, também responsável e contribuidor da educação naquela época.

Segundo Certeau (1994, p. 168), a estratégia “se traduz pelo cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado”. Nesse cenário o Cônego Bacelar assumiu novos papéis, inaugurando um novo lugar para nos mostrar sua conquista e sua influência tão bem conhecida pelos domínios religiosos.

Em 1956, o pavimento térreo do prédio foi concluído, começando a funcionar nessa área as aulas do Ginásio e do Curso Normal. No Colégio São José era ministrado os cursos primário, Ginásial e Normal o qual era, inicialmente, de preparação das regentes do ensino¹⁵ que atuavam nas localidades rurais de Caxias onde havia uma significativa demanda.

Por volta de 1961 o Colégio São José passa a ser misto e o alunado agora não se restringe apenas a mulheres, mas, meninas e meninos. Porém, era uma regra interna que apenas mulheres poderiam permanecer em regime de internato.

O prédio neste momento havia sido construído no mesmo espaço onde funcionara inicialmente o colégio, mas para que houvesse espaço suficiente para a

¹⁵ Regentes – Nome usado para designar as professoras formadas na Escola Normal Regional do Colégio São José, que depois de formadas atuavam nas zonas rurais.

construção do novo prédio foi necessária à compra da casa adjacente para que fosse possível o novo empreendimento como descreve Lima (2007, p. 37);

Madre Inocência, superiora da Fraternidade em Caxias e Irmã Rafaela, Diretora do Colégio, depois de muito sacrifício, fizeram a compra de uma casa, contígua ao prédio da Escola, pertencente à Diocese, onde haveria de funcionar o Ginásio São José.

A construção do prédio acabou por consolidar o trabalho das irmãs missionário no aspecto educacional. Para a ordem missionária era muito importante à aquisição do espaço físico e constituíam-se numa práxis própria da ordem as irmãs manterem-se independente para que pudessem desenvolver com plenitude seus trabalhos. Podemos vislumbrar abaixo o Colégio concluído com todas as suas dependências em funcionamento.



Figura 06 - Fachada interna da escola construída (1979)

Fonte: Arquivo do Colégio São José

A contribuição do Governo Federal através de verbas e dotações orçamentárias possibilitaram a conclusão do que haveria de se constituir como um espaço físico com instalações adequadas para o funcionamento de uma escola.

É importante compreender os indicadores dos espaços educacionais precisam ser relacionados ao contexto cultural como afirma Escolano (1998, p. 73).

Os textos os mobiliários, os espaços e todos os elementos que compõe o conjunto escolar falam também de nossos modos de pensar e sentir, dos

sistemas de valores que orientam a educação, da intra-histórica da escola e das relações destas com sociedade de cada época.

Ao longo dos anos a escola sofreu inúmeras reformas em sua forma arquitetônica buscando atender as transformações educacionais que viveu e mudanças em sua concepção de educação e espaço escolar.. Novas dependências iam sendo adicionadas e outras substituídas. O internato deu lugar a novas salas de aula, a capela foi mudou de lugar, laboratório de anatomia foi equipado para que se desse maior suporte aos estudos de ciências no Colégio. Como nos reporta o movimento Escolar de 1965.

Este ano foram feitas as seguintes obras: reforma no Palco Auditório e nas diversas e nas diversas salas de aula; construíram-se no 1º pavimento: duas salas e no 2º pavimento , 03 salas e continuação das galerias em ambos os pavimentos. Ficaram prontas no 1º pavimento 01 sala do jardim de infância que será ocupada provisoriamente com a capela até que esta seja construída (Colégio São José – Movimento Escolar do ano de 1965).

Era importante para o Colégio oferecer as diversas modalidades de ensino, desta forma se destacariam as irmãs educadoras na formação educacional das jovens caxienses, suprimindo as necessidades educacionais da cidade.

1.4 Pedagogia das Capuchinhas

As irmãs Capuchinhas chegaram ao Maranhão no ano de 1910, na cidade de Barra do Corda onde inicialmente desenvolveram suas atividades apostólica, como descreve o Jornal do Maranhão (Sábado, 08 de setembro de 1962).

De coração aberto o Maranhão recebeu em 1910, as irmãs missionárias capuchinhas que escolheram como ponto inicial de suas atividades apostólicas, a cidade de Barra do Corda, onde inauguraram, o Educandário “São José da Providência” em pouco tempo transformado em um viveiro de almas eleitas, não só para as criancinhas, como também para a juventude. (O Maranhão e as Irmãs Missionárias Capuchinhas- Jornal do Maranhão 08 de set.1962).

Na cidade de Caxias chegaram em 1937, á convite do Cônego Carlos Bacelar que por sua vez, tinha uma irmã que se tornara freira na ordem das capuchinhas na cidade de Fortaleza, lugar de origem das missionárias que vieram para o Maranhão, em especial á cidade de Caxias, assim descrito no Jornal do Maranhão:

Caxias, a cognominada Princesa do Sertão – contentar-se-ia em não participar dos benefícios disseminados em tantas outras Cidades? – Impossível! ... Assim em 1937 despontou para os caxienses o Educandário São José, que deu origem não só ao Curso Ginásial, como também ao Normal Regional e pedagógico (O Maranhão e as Irmãs Missionárias Capuchinhas - Jornal do Maranhão 08 de set. de 1962).

No trabalho desenvolvido pelas irmãs capuchinhas estavam em suas prioridades crianças e jovens que segundo pensavam receber uma educação calcada nos princípios religiosos. Os internatos foram marca dos colégios católicos.

As irmãs capuchinhas desempenhavam um trabalho de caráter conservador, onde o objetivo mais amplo dessa educação era a religiosidade. O projeto educacional católico deveria acima de tudo, formar uma mulher “cujas atitudes se pautem por um princípio moral derivado da moral única e verdadeira revelada por Deus á igreja e por ela ensinada á humanidade” (MANOEL, 1996, p. 59).

Para as missionárias religiosas sua ação guiava-se pelos princípios religiosos que deveriam nortear a conduta diária, incidindo na obediência aos poderes constituídos, desde que estes poderes respeitassem a catolicidade defendida pelas ordens religiosas. Assim conforme Lopes (2006, p. 39);

Mais que um tratado de pedagogia, este sistema é uma arte educativa, representado por um conjunto coerente e unitário de teorias e práticas, fundamentadas em princípios e valores específicos. Os princípios norteadores [...] são o humanismo otimista, primado da pessoa, a promoção integrada a serviço de um projeto social e a religiosidade integradora e unificadora.

Podemos considerar que a forma de ensinar embasava-se em uma educação hierárquica onde o homem buscava uma reaproximação de Deus através da fé religiosa. Era necessário formar um homem com um espírito devotado a Deus e a igreja, assim define Manoel (1996, p. 59):

Procede então a pergunta: o que é um homem preparado para a vida eterna? É antes de tudo um homem íntegro, bom marido, bom trabalhador, bom cidadão. Ou, fazendo-se a pergunta pelo inverso: Quem é o bom cidadão? É o católico.

As práticas pedagógicas evidenciadas pelas irmãs missionárias persistiam em estabelecer preceitos reguladores que estreitassem os laços entre os homens e Deus, pois a moral pretendida por intelectuais leigos não se enquadrava nos modelos educacionais propostos pela igreja católica em suas práticas virtuosas. O

ato de ensinar se constituía em dois atos distintos “a educação e a instrução” (MANOEL, 1996, p. 76). No tocante á instrução caberia “comunicar a inteligência com as conquistas descobertas do saber e da ciência em assuntos meramente humanos” (MANOEL, 1996, p. 76). Enquanto que a educação “caberia a tarefa de modelar o caráter da educanda conforme os preceitos e valores morais católicos” (MANOEL, 1996, p. 76).

A pedagogia praticada nos Colégios Capuchinha caminhava para a defesa em manter-se uma educação única voltada para a prática do bem, entendida neste caso como a obediência as regras estabelecidas pela igreja como forma de concretizar o homem secular através dos ensinamentos praticados nas instituições escolares. Era proeminente formar “jovens cultas, polidas, sociáveis, mas, acima de tudo cristãs, católicas, convictas, que difundissem na família e na sociedade os valores do catolicismo conservador” (MANOEL, 1996, p. 76).

Uma presença marcante na organização pedagógica e curricular do Colégio foi a de “Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho¹⁶ no ano de 1963 assumiu pela primeira vez a direção do Colégio São José, em substituição á Irmã Natalia, que havia sido transferida” Lima (1997, p. 47).

A criação da Associação de Pais e Mestres (APM), contribuía para o surgimento de uma escola moderna, que exigia a presença dos pais e seu envolvimento nas atividades escolares. Assim a primeira diretoria da APM, tinha a seguinte composição como descreve Lima (1997, p. 49);

Presidente – Francisco Félix Costa; Vice-Presidente – José Tadeu de Assunção; tesoureiro – Raimundo Mário Rocha; Secretária – Irmã Utília. Coordenadores – Maria Lenir Machado Assunção, Lucília Brandão, Iris Baima Pereira, Maria do Carmo Alves de Sousa. A responsabilidade da APM ficou a cargo de Irmã Agostinha, designada coordenadora geral (LIMA, 1997, p. 49).

Teve grande importância o papel desempenhando pela APM no funcionamento da escola. A participação dos pais sinalizava para um comprometimento com a vida escolar dos filhos e os professores sentiam-se apoiados pela participação dos pais na rotina do Colégio, como assevera Lima (1997, p. 49):

¹⁶ Irmã Maria Gemma também era chamada de Irmã Clemens, a congregação adotava outro nome as Irmãs quando entravam para a Ordem Missionária Capuchinha.

Os debates e as palestras aconteciam quase que semanalmente, onde as questões inerentes ao acompanhamento e a atuação dos pais e mestres, junto ao aluno eram enfocadas com clareza e retidão, ajustando-os á escola e á sociedade. Tudo isso era feito nem clima de diálogo e compreensão.

Isso favoreceu ao Colégio um crescimento do relacionamento entre Pais, Professores e escola. O rendimento escolar também sofrera profundas alterações, era o inicio de uma nova época para o Colégio, a participação da família no contexto escolar indicava uma grande conquista educacional. Os pais poderiam participar e contribuir com a escola nas atividades educacionais na Ata de Reunião de 18 de junho de 1965 temos um exemplo das atividades desenvolvidas pela associação e o conteúdo das discussões realizadas:

Ouvimos a palestra de um dos pais- Dr. Armandino Teixeira Nunes, que apresentou o tema “Educação Moral, Social e Religiosa”. Surgiu o Boletim “ELOS,” da associação cujo nome indica “União, Ligação”, com a finalidade de levar aos pais uma colaboração na árdua e difícil tarefa da educação dos filhos (Colégio São José – Ata de Reunião da Associação de Pais e Mestres do Colégio São José 18 de jun. de 1965).

Os conteúdos discutidos nas reuniões de pais e mestre não eram apenas o desempenho e a necessidades educacionais do aluno, mas o apoio que família poderia desprender para ajudar no alcance e concretização dos objetivos educacionais do colégio. Nas reuniões os pais eram lembrados de seus deveres para com os filhos, assim não descuidariam de dar assistência necessária ao bom andamento do projeto formativo da escola.



Figura 07- Reunião da associação de pais e mestres do Colégio São José (1971)

Fonte: Arquivo do colégio São José - Caxias

Outra importante representação existente no colégio era o Grêmio Santa Joana d'Arc que tinha como função principal a discussão dos problemas e inquietações por parte dos alunos, bem como a promoção de eventos no interior do Colégio. O Grêmio Littero Recreativo Santa Joana d'Arc foi fundado em 13 de maio de 1951, conforme descreve a (Colégio São José - Ata de Fundação do Grêmio Santa Joana d'Arc). Era regido por estatuto próprio estando subordinada a autoridade da direção do Colégio e ao Regimento Escolar. Promovia-se atividades culturais sendo que “as práticas culturais como a musica vocal e instrumental, o teatro e a danças sempre constituíram pontos fundamentais na vida escolar” (LOPES, 2006, p. 85).

O Grêmio era uma iniciativa educacional dos alunos do Colégio São José, que se envolviam em atividades da mais variada natureza, quer seja com a arte, com os esportes ou com o teatro. Havia sempre uma oportunidade para se comemorar as atividades cívicas e festivas da escola que reforçava o projeto formativo da escola. Como afirma Lopes (2006, p. 40), sobre a preparação das alunas na vida escolar.

Sua participação dever ser incrementada através de múltiplas práticas e vivências, como as associações, grupos músicas, teatro, celebrações, passeios, esportes, festas; a estetização do ambiente deve ser saudável, agradável, arejado, alegre, estimulante, juvenil.

O Grêmio Santa Joana d'Arc na década de 1960 sofreu modificações, “favorecendo aos alunos uma participação mais dinâmica e ativa, pois na ocasião foram criadas equipes culturais, esportivas, de imprensa artística e de ornamentação e lazer” (LIMA, 1997, p. 48). Os alunos participavam das atividades de acordo com suas aptidões.

O grêmio destinava-se a ser uma associação cultural com finalidades específicas conforme descreve o Relatório Escolar de 1951 assim descritos;

I-Congregar as alunas do curso secundário num ambiente propício a formação cívica, literária, moral e cívica;

II-Elevar o nível intelectual das gremistas através de reuniões de caráter literário, social e artístico;

III-Promove excursões, dramas, festividades e sessões littero-recreativas. (Colégio São José – Relatório Escolar de 1951).

O grêmio do Colégio São José, possuía personalidade jurídica, e recebia subvenções que eram administradas pela Irmã Diretora, que por sua vez respondia judicialmente pelo grêmio. A figura 08 destaca uma partida de voleibol disputada pelo time pertencente ao grêmio.



Figura 08 - Alunas do Colégio São José em atividade recreativa (1957)
Fonte: Arquivo do colégio São José - Caxias

O Grêmio Santa Joana d'Arc, por sua vez possuía seu próprio hino que evidenciava a sua natureza cristã. Assim, sobremaneira o Grêmio estudantil estava presente em todas as atividades desenvolvidas pelo Colégio quer como organizador quer como participante ativo, sua presença era marcante em todos os eventos escolares. Havia um calendário com todas as atividades previstas para o ano inteiro, incluindo as realizadas pelo grêmio estudantil.

Suas manifestações estavam além das paredes da escola, pois realizaram muitas atividades extraescolar como campeonatos interestadual “Dia 07 de junho de 1958, por intermédio de Dr. Armandino Nunes chegou a esta cidade o time de voleibol feminino da Faculdade de Filosofia do Piauí, a fim de disputar com o FLAMA” (Revista Flores de Alverne, 04 de outubro de 1958). O grêmio possuía dentre outras equipes esportivas o time de voleibol feminino chamado Flama¹⁷, que

¹⁷ FLAMA era o nome do time de voleibol formado apenas pelas alunas do curso normal do Colégio São José, estas alunas chegaram a disputar campeonatos interestaduais.

comumente se apresentava em disputas esportivas com outros times da região ou de outros estados, a exemplo do Piauí.

Hino do Grêmio Sta. Joana Dárc
Letra José do Espirito Santo do Nascimento
Centro Cultural Coelho Neto

Sob os auspícios desta nossa irmandade
Foi fundado nosso Grêmio Alvissareiro
A nossa fé vinculada á cristandade
Há de ser o pedestal deste luzeiro

ESTRIBILHO

Reverente, nós aqui vos bendizemos
Joana Dárc, paradigma de virtude;
Que o estandarte deste grêmio desfraldemos
Na harmonia da garbosa juventude.

II

Joana Dárc, vossos servos com ufania,
Pela vossa senhora augusta seguem unidos
O vigor da vossa graça se associa
A esperança das suas almas destemidas

III

Que para nós seja este hino de louvor
Farol de amor que nos guie nesta jornada
Cada vez que nós cantamos com fervor
Cada vez que sois por todos venerada

IV

Ó Joana d’Arc – heroica de Pais
Vossa história esplendorosa contemplamos
Dai a luz da vossa benção á diretriz

Que contentes, aqui todos aceitamos

V

Companheiros devotados deste Grêmio
 Que almejamos as coroas da Vitória
 Trabalhemos, com ardor, para que o Grêmio
 Leve todos os pináculos da glória.

A letra do Hino do Grêmio Recreativo Santa Joana d'Arc reflete bem a formação cultural que era oferecida aos jovens alunos do Colégio, seus ideais combinavam muito bem aos preceitos praticados pelo ensino confessional. O Grêmio é produto também do trabalho e dinamismo de Irmã Cesária que o idealizou e concretizou junto aos alunos. Ações e atividades culturais foram empreendidas pelos alunos “fazendo surgir à revista Flores do Alverne que circulou durante muitos anos entre os alunos” (LIMA, 2007, p. 40).

Os alunos através do grêmio recreativo Santa Joana d'Arc expressavam também seus ideais juvenis através das inúmeras atividades culturais desenvolvidas por eles. Os alunos encontravam espaço para desenvolverem suas ideias, aspirações e também sua criatividade. Conforme Manoel (2006, p. 53) descreve o cotidiano feminino em uma escola confessional.

Entrelaçando a vida colegial, alinhando o cotidiano das alunas, uma sucessão de festas e comemorações religiosas construía o seu tecido cultural, tendo como referência novas devoções, diferentes das que estavam habituadas pela religiosidade brasileira e portuguesa.

Entretanto, as alunas do Colégio São José absorviam um conjunto de regras e valores que complementavam sua formação religiosa no âmbito escolar. Como nos explica Manoel (2006) ao referir-se a educação feminina praticada em outras instituições confessionais:

Sobre a qual se reconstruiria uma sociedade segundo os critérios e propostas da igreja conservadora: uma igreja católica, ordeira, hierarquizada, moralizada, antimoderna, antiliberal e antifeminista (MANOEL, 2006, p. 52).

As ideias que permeavam o dia-a-dia das alunas oscilavam em torno da preocupação com a obediência e o cumprimento de seu dever com a sociedade e

com Deus. A cena abaixo retratada através da figura 09 mostra a presença e a influência das irmãs em meio às expressões culturais praticadas pelo colégio. Nessas, caberia sempre a uma autoridade eclesial a supervisão e o acompanhamento dos jovens. Lopes (2006, p. 40) refere-se às atividades educativas como favoráveis para se estabelecer um clima agradável e propício à educação;

Quanto ao ambiente educativo, a característica familiar, nesta práxis, é imprescindível, é o clima de alegria, que para ser criado é preciso dar a vez ao jovem, e sua participação deve ser incrementada através de múltiplas práticas e vivências, como as associações, grupos, música, teatro, celebrações, passeios, esportes, festas, e estetização do ambiente deve ser saudável, agradável, arejado, alegre, estimulante, juvenil.

As festas promovidas pelo grêmio eram sempre acompanhadas de muito entusiasmo por parte das alunas que se esforçavam em promover as sessões culturais, em demonstrar as habilidades adquiridas no seio da escola através dos ensinamentos transmitidos a elas.



Figura 09 - Curso de teatro realizado pelo Grêmio Santa Joana d' Arc Colégio do São José- (1970)

Fonte: Arquivo do colégio São José – Caxias

Na figura 09 observamos momentos de expressão cultural artística, os alunos aprendiam como se caracterizar para as apresentações teatrais, que faziam parte de sua rotina escolar, sempre assistidos por uma irmã que cuidava e vigiava sua postura e seus comportamentos. A presença masculina na figura 09 devia-se ao fato do Colégio São José possuir uma educação mista nos cursos do primário e ginásio na década de 1970.

2 AS MARCAS DA ESCOLA NORMAL SÃO JOSÉ

No dia 15 de janeiro do ano de 1949 á Praça Francisco Dias Carneiro nº 3, a Escola Normal Regional São José deu inicio a seu funcionamento e um novo momento marca a vida das jovens caxiense e demais moças vindas de outras regiões próximas, pois teriam a chance de dar continuidade a sua formação elementar e tornarem-se professoras.

Embora se referindo a épocas anteriores Vilella (2010, p. 25) afirma que: “Inclusive com a necessidade de mulheres assumirem o magistério de escolas femininas, foi dado o ensejo que se construísse uma argumentação que atribuísse às mulheres o papel de regeneradoras morais da sociedade”.

Devido à necessidade e o trabalho desenvolvido pelas irmãs capuchinhas as autoridade governamentais reconheceram o Colégio São José como utilidade pública pelo Decreto – Lei nº 583, de 28 e fevereiro de 1949 (Diário oficial do Maranhão, 22 de Março de 1949).

A principal finalidade do colégio era oferecer a sociedade da época uma educação de qualidade para as jovens caxienses, que a partir daquele momento não necessitaria se deslocar a outras regiões em busca de instrução.

A escola oferecia como parte de seus préstimos “educação moral, cívica e doméstica, sendo a instrução literária de pleno acordo com o programa do estado” (Colégio São José – Estatutos da Escola Normal regional São José).

Assim, este tipo de escola criava “A possibilidade das mulheres acenderem as instâncias formais da educação, sobretudo para as mulheres do interior – da – roça – deu-se em grande parte, ás escolas católicas e seus internatos [...]” (LOPES, 2006, p. 84).

A Escola Normal começou a funcionar no antigo prédio do educandário São José, ou seja, nas casas que foram compradas da diocese. O colégio era dirigido por uma professora normalista pertencente à ordem religiosa capuchinha, Irmã Hilária Maria que ocupava no ano de 1949 o cargo de Diretora do Colégio São José como consta na ata de fundação do Ensino Normal.

Inicialmente no ano de 1949 a Escola Normal preparava suas alunas em nível ginásial, possibilitando as mesmas o exercício de docência nas localidades rurais onde havia uma grande demanda desse profissional “O papel das professoras

regentes ocupou um espaço relevante, junto às escolas primárias, sobretudo no interior” (LIMA, 1997, p. 38). Porém no ano de 1953 o Colégio São José suspende suas atividades no Ensino Normal de grau ginásial. Por conta do Decreto- Lei de nº 1123 - de 01 de novembro de 1955 o Colégio volta a ministrar o curso Normal de grau colegial.

Em 1960 o Colégio São José sofre inúmeras mudanças em seu funcionamento por ocasião da falta de recursos e da necessidade de ampliar seu contingente de alunos. Todas essas mudanças se iniciam com a chegada de Irmã Juliana, que exerceu a função de Diretora do Colégio São José por um curto período de um ano.

Muitas foram as irmãs missionárias a ocuparem o cargo de diretoras do Colégio, como até hoje se mantém esta tradição, vejamos o quadro 03 a lista das freiras que integraram o corpo de diretoras deste estabelecimento de ensino do ano de 1937 até o ano de 1972.

Ano de Exercício	Nome das Diretoras
1937	Irmã Electa Maria
1938	Irmã Delfina Maria
1949-1953	Irmã Hilaria Maria
1954-1957	Irmã Rafaela Maria
1958-1960	Irmã Juliana Maria
1961	Irmã Natália Maria
1963-1966	Irmã Maria Gemma de Carvalho
1966	Irmã Serápia Maria de Santana
1970	Irmã Diva Martins de Sousa
1971- 2014	Irmã Maria Gemma de Carvalho

Quadro 03 - Diretoras do colégio São José (1937 – 1972)

Fonte: Secretaria do Colégio São José

O cargo de Diretora do Colégio São José, era exercido pelas freiras da Ordem Capuchinha. Fazia parte da filosofia educacional capuchinha a permanência das irmãs no cargo até que fossem chamadas pela congregação para atuarem em outros lugares. Muitas irmãs foram chamadas para a cidade de Fortaleza sede da congregação, outras para São Luís, a exemplo Irmã Gemma que ocupou o cargo de diretora do instituto Divina Pastora na cidade de São Luís – MA, no ano de 1968.

Irmã Gemma havia exercido a direção do colégio no período de 1963 a 1966, mais tarde retornou a Caxias no ano de 1971 permanecendo até o momento atual.



Figura 10 - Fraternidade das irmãs Capuchinha em Caxias no Colégio São José

Fonte: Arquivo do Colégio São José – Caxias

1. Ir. Diva Martins
2. Ir. Zélia Ataíde
3. Ir. Eutália Maria
4. Ir. Carmem Maria
5. Ir. Gerárda Maria
6. Ir. Lita Maria
7. Ir. Maria Aparecida Xavier

Alguns vestígios presentes daquela época nos foram revelados na construção da história escolar. Buscamos compreender os conceitos que embasaram a atuação educacional da ordem Capuchinha em determinados momentos do contexto educacional.

A presença de Irmã Gemma foi fundamental para que fosse implantado o curso Normal de grau Colegial, pois atuou intensamente no processo de reconhecimento do curso junto aos órgãos estaduais. A Escola Normal São José, foi

bem recebida por moças que ampliaram suas oportunidades de formação no campo educacional, embora o ensino fosse e funcionasse em caráter privado.

O Ensino Normal do Colégio também funcionava em regime de internato e externato. O Regime de internato era oferecido para as alunas que não residiam na cidade, entende-se que o internato na visão de Snyders promovia a “separação do mundo e, dentro desse recinto fechado, reservado, vigilância constante, ininterrupta de todos os instantes, que visa construir um auxílio, um devotamento de todos os instantes” como destaca Snyders, (*apud* MANOEL, 2006, p. 77) ou aquelas que não possuíssem parentes, mas desejam concluir seus estudos. O regime de externato compreendia aquelas alunas que residiam na cidade de Caxias. A Escola Normal São José mantinha-se também à custa de inúmeras subvenções vindas por parte de colaboradores e influentes políticos daquela região.

A qualidade do ensino, além de ser uma preocupação, era também uma exigência para as irmãs educadoras. Na tarefa do resgate dos valores cristãos, no tocante a igreja católica em Caxias, a diocese pode contar com a colaboração e empenho das irmãs capuchinhas para desempenhar de forma legítima através da instrução dispensada e dos valores essenciais a continuidade dos domínios religiosos.

Conforme Nóvoa (1995, p. 15) enfatiza que: “o modelo de professores continua muito próximo do modelo do padre”. Essa transposição das exigências comportamentais dos clérigos para professores pertencentes ao laicato, também foi comentado por Louro (2004, p. 462) ao afirmar: “Ao se subordinarem à autoridade do Estado tanto os docentes quanto as docentes continuaram a ser tratadas de um modo especial, como uma espécie de ‘clérigos-leigos’ cujas vidas e ações deveriam ser controladas”.

Era a Escola Normal São José essencialmente formado por mulheres. Esta escola de ensino normal atendia os valores sociais presentes na definição do papel da mulher, pois eram compatíveis com as convenções sociais da época conforme Motta (2011, p. 20):

A mulher está submetida a uma imitação social em que a normalidade esta fundada na sua atuação em uma atividade secundária como o magistério e á sua atuação doméstica. Deste modo, vincular o ensino de prendas domésticas ao curso normal era a forma de perpetuar a dominação masculina que se processa nas relações de gênero, á medida que são impostas limitações sociais no espaço de atuação da mulher.

Os ensinamentos praticados pela ordem religiosa quanto à instrução não excediam os valores fortemente definidos na sociedade ao afirmar notoriamente os papéis femininos: esposa, mãe devotada e filha obediente incapazes de questionar ordens superiores. O fio que se tecia os princípios da educação feminina ainda estavam respaldadas nas ideias conservadoras de uma sociedade marcada pelos valores da época, como nos assegura Moraes (2011, p. 76) ao afirmar que:

As escolas Normais são espaços de afirmação profissional, um lugar de reflexão sobre as práticas, que conferem as professoras a representação de profissionais que produzem saberes e legitimam o magistério feminino.

A Escola Normal do Colégio São José, abrigava jovens moças de muitas regiões em regime de internato para que pudessem realizar seus estudos. Estas meninas e moças ocupavam um espaço que compreendia a ala superior da escola, havia regras de comportamento bastante taxativas, dentre elas o fato de não ser permitida a permanência do sexo masculino no interior do Colégio. As Alunas recebiam instrução e formação educacional, bem como as orientações religiosas¹⁸ que seguiam criteriosamente os padrões estabelecidos quanto a primar pela separação do sexo feminino no tocante á permitir apenas mulheres como estudantes internas.

A forte presença das moças nos cursos normais poderia ser atribuída ao modelo hegemônico de mulher na sociedade da época, que não permitia sua atuação e interferência nas decisões sociais e políticas, como ressalta Bruschini e Amado (*apud* DERMATINE; ANTUNES, 2002, p. 70):

A escola normal passa então a representar uma das poucas oportunidades, senão a única de as mulheres prosseguirem seus estudos além do primário. Ela abrigou tanto mulheres que queriam efetivamente lecionar como outras que buscavam apenas dar continuidade aos estudos e adquirir formação antes de casarem.

A manutenção da ordem e da disciplina constitui-se em fator primordial, pois era feito de forma rígida no Colégio São José. Existiam irmãos vigiando as alunas o tempo todo e a presença masculina era totalmente vetada a menos que

¹⁸ As alunas deviam obedecer às regras e os estatutos dos próprios da instituição educacional, como o rigor dos horários pré – estabelecidos pelo grupo de religiosas que comandavam a escola. Recebiam também as doutrinas próprias da religião católica, não sendo outra aceita.

fossem familiares muito próximos. Maria do Carmo Daniel recorda em sua entrevista a postura das irmãs frente à disciplina.

Suspensão! A criança era mandada á secretaria, era um terror ir para secretaria! Mas do ginásio para frente era suspensão! Suspensão de três dias, suspensão de uma semana. Era muito duro na minha época, a Superiora era Madre Inocência. Madre Inocência era uma figura assim, que aterrorizava a gente, todo mundo tinha medo. Quando você ouvia a pisada de Madre Inocência, não ficava ninguém no corredor em pátio, em lugar nenhum, corria todo mundo! Ela era assim..Muito dura! Irmã Clemens não, ela era mais flexível, era dura, mais era mais flexível com a gente, quando ela encontrava a gente pelos corredores, ela conversava com a gente. Madre Inocência tinha aquela superioridade!

A ordem e da disciplina constitui-se em algo fundamental para que se respeitasse a hierarquia no Colégio, e isso era observado rigorosamente pelas irmãs. Como em outros colégios religiosos “nelas se encontravam regras claras, advertências exatas, proibições inquestionáveis, cujo objetivo era levar o aluno ao “conhecimento do criador” e a “honra e gloria de Deus” (MANOEL,1996, p. 86).

Às alunas da Escola Normal Ihes era indicadas regras que deviam ser acatadas por todas como parte do ensino e disciplina ministrada pela escola e compreendida pelas religiosas, como necessárias a formação das alunas.

2.1 Regras de convivência

Existia um quadro de disciplina a ser ministrada as alunas do Colégio, cabendo às irmãs tratá-las com vigilância contínua, suavidade e carinho religioso, devendo procurar meios para a formação moral das alunas seguindo as regras estabelecidas no Estatuto da Escola Normal São José de 1959.

- 1 – Assistência continua das irmãs que, com suave energia procurarão a exata observância dos estatutos e da disciplina interna;
- 2 – Como meios para formação moral das alunas serão empregados;
 - a) por conselhos e prudentes advertências na correção dos defeitos;
 - b) por privação de recreio e saída;

As normas referem-se, também ao enxoval descrito nos estatutos da Escola Normal São José. Esse compreendia uma lista de material e de objetos, sendo critério de matricula na Escola Normal. O enxoval deveria ser marcado com o

nome da aluna por completo. Só eram matriculadas as alunas que pudessem dispor dos uniformes diários e também de gala para os dias de festas e reuniões na escola, as quais eram todas obrigadas a comparecer. O uniforme de gala era confeccionado de seda branca, atendendo as exigências do modelo autorizado pela Escola. O uniforme para uso diário era composto de 03 saias azul marinho, sendo uma de casemira¹⁹ e duas no modelo normalista; 05 blusas branca sendo uma de seda (Colégio São José – Estatuto da Escola Normal). O quadro 04 relaciona os itens do enxoval da aluna interna do curso normal.

Quantidade	Descrição dos Itens
04	Vestidos de xadrez branco e azul escuro
12	Calças
03	Camisas de dormir (compridas e com mangas)
06	Lenços
04	Lençóis de 2 m X 1.40
04	Fronhas de 60 cm x 40 cm
01	Cobertor de lã
04	Toalhas de rosto
02	Toalhas de banho
02	Cochas brancas
01	Roupão de banho
02	Véu de filó branco
08	Pares de meia bege compridos
02	Pares de meia soquete para ginástica
02	Pares de sapato preto, tipo colegial.
04	Guardanapos brancos 40x40
02	Porta- guardanapos branco (envelope) 23x12
02	Sacos para roupas servidos
01	Uniforme para ginástica - azul e branco
02	Copos
01	Talher completo, pratos rasos e fundos, xícara grande, uma costureira completa com chave, pente grosso e fino, escova, pasta, sabonete etc.

QUADRO 04 - Enxoval da Escola Normal São José (Ano de 1949)

Fonte: Estatutos da Escola Normal São José – 1949.

¹⁹ Tecido usado para confecção de fardamento escolar. O nome Caxemira tornou-se sinônimo de tecido da alta qualidade, devido à lã de caxemira produzida a partir das cabras nativas.

A lista do enxoval exigido para alunas que estudariam em regime de internato deveria ser adquirido por todas e levados para o Colégio, tão logo se efetivasse a matrícula. Havia bolsas de estudo cedidas por órgãos públicos e federais como Governo do Estado, Ministério da Educação dentre outros ministérios (Colégio São José- Estatuto da Escola Normal São José).

Toda aluna devia comportar-se bem na hora das aulas, da oração, nos dormitórios, onde cada uma seria responsável por seus pertences, em especial arrumar seu espaço de dormir. Nenhuma insubordinação seria permitida por parte das irmãs, pois isso ocasionaria suspensões e até mesmo a perda do direito de frequentar a escola. Suspensões eram aplicadas às alunas que desobedeceram ao regulamento ausentando-se das dependências do colégio, ou até mesmo estabelecendo comunicação com alunas externas. Havia uma lista de penalidades a serem aplicadas as alunas que desacatassem o regulamento da escola devidamente regulamentadas através do Artigo 35 do Estatuto da escola Normal São José, o qual previa como castigo:

- a- Admoestação em sala de aula
- b- Repreensão reservada pela diretoria
- c- Baixa atribuição de nota de conduta
- d- Retardamento de saída
- e- Exclusão da aula ordenada pelo professor
- f- Suspensão do Colégio por um ou mais dias, conforme o caso
- g- Exclusão definitiva, em casos contrários á moral, insubordinação habitual e doença contagiosa.
- h- Além dessas penalidades, a Diretoria poderá expedir compulsoriamente a guia de transferência da aluna que é manifestamente incorrigível, ou comete falta de que decorre ofensa grave ou agressão ao professor (Colégio São José - Ata de Reforma dos Estatutos da Escola Normal São José).

Podemos observar o exemplo da aplicação do estatuto a determinada aluna que infringiu o estatuto do Colégio. O documento suspendia aluna por não acatar o regulamento do Colégio, pois estabeleceu uma comunicação com as alunas externas, solicitando que estas lhe comprasse um objeto no comércio da cidade. Como descreve a portaria 5/5/1960.

Irmã Juliana Maria, Diretora do Ginásio São José, no uso de suas atribuições que lhe confere o regulamento deste estabelecimento:

1º Considerando que as alunas Cacilda Rosa Correia Lima Serra e Edna Maria Silva Cruz do 1º ano do Ensino Normal, incorreram numa infração disciplinar desobedecendo as ordens superiores que proíbem as alunas externas fazerem comunicação com as internas de comprarem qualquer objeto para as mesmas resolve suspendê-las por dois úteis.

As regras impelidas as alunas eram claras e bastante severas, todas deveriam acatar o regulamento escolar. Essa aceitação não era, contudo completa. As alunas em alguns momentos procuravam burlar os regulamentos do colégio, mesmo sabendo que se descumprissem seriam disciplinadas e corrigidas pelas irmãs. Em seu depoimento Irmã Gemma, diretora do Colégio São José narra as dificuldades muitas vezes encontrada na hora de lidar com as alunas do colégio.

[...] Tinham meninas muito insubordinadas que não obedeciam as irmãs. As únicas irmãs que elas obedeciam era a superiora, e a mim, porque eu era professora de todas elas, a irmã Cesária elas obedeciam e algumas outras irmãs que eram fortes com ela. A mim elas tinham medo porque eu era professora, elas respeitavam, mas eram meninas terríveis, danadas.

Observa-se que o medo e o temor somado ao reconhecimento da autoridade e uma certa amizade as irmãs era importante para que vigorasse a disciplina e a doutrina do colégio, essa postura fazia parte de “uma educação voltada para o polimento sociocultural das mulheres” (MANOEL, 1996, p. 22). Existia um ideal a ser alcançado pela aluna do colégio, pois elas desempenhariam um papel social que era feito:

Por meio da seleção e apropriação de saberes rebuscado e de uma disciplina corporal refinada, esses educandários faziam circular uma cultura burguesa que contribuía para produzir ou burilar os hábitos de seus alunos (BRITO, 2005, p. 23).

A congregação não se descuidava de seu papel educacional e contribuía de forma significativa para formar “sujeitos dóceis, ordeiros e produtivos” (DALLABRIDA, 2009, p. 84).

Tudo teria que caber nos padrões determinados pelos valores religiosos católicos. Essas regras constituíam-se como elementos fundamentais que norteariam as práticas educacionais religiosas do Colégio São José.

Nada poderia ser mais intolerável que responder com altivezas irmãs e colegas. Era vetado o direito a alunas de escreverem ou receberem cartas, bilhete recados sem o conhecimento da superiora ou diretora. Essa regra estendia-se até

mesmo a família que também deveria dirigir quaisquer das situações citadas acima à diretoria da escola, pois a esta caberia o direito de transmiti-las as alunas.

2.2 Horários do Colégio

Na prática pedagógica do Colégio São José, os horários deviam ser cumpridos rigorosamente por todos que faziam parte da rotina do Colégio, sobremaneira as alunas, por terem a necessidade de demonstrar disciplina, ordem e respeito quanto ao regulamento do Colégio.

O horário matutino começava as 06h:45min de manhã para que os alunos pudessem cantar e rezar antes do início das aulas, cumprido uma tradição implantada pela direção e o estatuto da escola. O horário vespertino iniciava-se as 13h:00 e estendia-se até as 17h:20min. Não era permitido atrasos por mais de dez minutos. As visitas à capela eram constante principalmente para aquelas que desacatavam alguma ordem ou infligissem o regulamento da escola. Rezar e fazer penitências constituía-se numa forma de aplicação de disciplina e castigo das alunas insubordinadas.

O colégio São José não mantinha turmas à noite exceto enquanto funcionou a Escola Santa Rosa de Viterbo, que em função do público alvo funcionava no período noturno. Conforme descreve ata de fundação²⁰ da Escola Santa Rosa de Viterbo que atendia a domésticas e proletárias que não poderiam ir à escola no turno diurno.

O horário de acordar das alunas internas era condicionado à campanha que soava sempre bem cedo rotineiramente nas primeiras horas da manhã. Também era proibida sua entrada em diversos espaços escolares como: dormitórios, rouparias, salas de aulas, copa e cozinha, sem a devida permissão, ou fora dos horários devidamente estipulados.

As regras eram claras, nenhuma pessoa que fosse estranha poderia adentrar à escola ou mesmo conversar com as alunas internas sem que houvesse licença dos seus superiores.

²⁰ Ata de inauguração da Escola Domésticas e Proletárias – Santa Rosa de Viterbo em Caxias do Maranhão.

Quanto às visitas era permitido apenas aos pais, que aos domingos em período específico e bem determinado das 08 às 10hs poderiam visitá-las. Além dos próprios pais somente pessoas por eles autorizados.

Havia uma ressalva quanto às alunas que fossem filhas de pais moradores do sertão²¹, estes poderiam visitá-las a qualquer dia da sua permanência na cidade. Existiam condições determinadas quanto à saída das alunas do recinto escolar, pois, só teriam direito a saídas no primeiro domingo de cada mês apenas as alunas que obtivessem nota oito no quesito comportamento.

Estas alunas poderiam deixar a escola às 07h30min da manhã, mas deveriam retornar às 18 horas, podendo ser revogada a saída, caso não tivessem por escrito a autorização dos pais ou responsáveis.

As regras eram claras e rígidas não podendo ser descumprida por nenhuma aluna, devendo as mesmas acatar as determinações da escola. O quadro 06 descreve os horários de entrada e saída, os dias da semana e as disciplinas cursadas pelas alunas do Curso Normal.

HORÁRIO	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta - feira
13:00	Português	Música	Português	Português	Desenho
13:50	Geometria	História do Maranhão	Geografia	História do Maranhão	Português
15:00	Química	Física	Química	Física	Química
15:50	Anatomia	Religião	Anatomia	Religião	Anatomia
16:40	Matemática	Desenho	Matemática	Música	Matemática

QUADRO 05 - HORÁRIO DO CURSO NORMAL (1ºANO / 1959)

Fonte: Secretaria do Curso Normal São José

Observa-se que nenhuma aluna podia permanecer sem que estivesse realizando alguma atividade, todas se dirigiam a biblioteca para fazerem leituras ou a capela para rezarem, os horários eram sempre ocupados, não se permitia alunas nos corredores ociosas de afazeres como descreve a ex-aluna Maria de Jesus Lobão.

Nos horários vagos a irmã arranjava sempre alguma coisa para a gente fazer, a gente ia para a biblioteca fazer leituras, eu gostava muito de ler, até na hora do recreio eu pegava um livro da biblioteca, e ia sentar na escada que vai para a biblioteca.

²¹ Havia muitas alunas que estudavam em regime de internato, estas eram de diferentes localidades do sertão maranhense, que vinham para Caxias em busca de instrução.

De igual maneira nas diferentes séries, não tinha horários vagos no colégio, as irmãs eram cuidadosas ao supervisionar a instrução das alunas. A diretora do Colégio era categórica ao elaborar as rotinas de estudo em horários fechados, aulas seguidas e alunas empenhadas nos estudos.

HORÁRIO	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta - feira
13:00	Metodologia	T. Manuais	Metodologia	T. Manuais	Metodologia
13:50	Agricultura	Religião	Agricultura	Religião	Agricultura
15:00	Biologia	Desenho	Música	Desenho	Música
15:50	Psicologia	Biologia	Psicologia	Biologia	Psicologia
16:40	Higiene	Português	Higiene	Português	Higiene

QUADRO 06 - HORÁRIO DO CURSO NORMAL (2º ANO / 1959)

Fonte: Secretaria do Curso Normal São José

A partir do segundo ano do ensino normal, as alunas se dedicavam as disciplinas com aulas práticas, a exemplo de trabalhos manuais, isso demonstrava que o papel desempenhado pela mulher na sociedade como “destinadas ao casamento, á família, e á submissão para serem admiradas e reverenciadas como ser amável e frágil [...]” (CASTELLANOS, 2011, p. 203), não havia sido superado.

No terceiro ano a rotina possuía o mesmo formato quanto aos horários. Porém algumas disciplinas eram implantadas para que se completasse a formação das educandas, que deveria receber uma formação moral, religiosa e pedagógica de acordo com o enfoque do currículo.

HORÁRIO	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta - feira
13:00	Desenho	Português	Desenho	Português	História da Educação
13:50	P. de ensino	Metodologia	P. de ensino	Metodologia	P. de ensino
15:00	Sociologia	Psicologia	Sociologia	Psicologia	Sociologia
15:50	Filosofia	Música	Filosofia	Música	Filosofia
16:40	H. da Educação	Higiene	Adm. Escolar	Higiene	Religião

QUADRO 07 - DE HORÁRIO DO CURSO NORMAL (3º ANO / 1959)

Fonte: Secretaria do Curso Normal São José.

As disciplinas que faziam parte do currículo da Escola Normal constituíam os conhecimentos que deviam ser incorporados pelas alunas, visando que elas tornassem-se capazes de viver os valores humanos e cristãos. Como em outros

estabelecimentos católicos “seu fim primordial era a formação cristã das alunas” (STREVIS, 1994, p.73). A preocupação quanto à instrução que devia permear os comportamentos e atitudes das alunas implicava em oferecer de modo especial um modelo educacional que indicasse a presença e os objetivos da ordem Capuchinha. Conforme descreve Strevis (1994, p. 73) “uma sólida instrução religiosa, desenvolvendo-lhes, ao mesmo tempo as suas faculdades intelectuais e morais a fim de prepará-las a cumprir dignamente a sua missão futura tanto no lar como na sociedade”.

Procuravam tornar sua ação devidamente organizado e metódica as regras, o convívio e o ensino no dia-a-dia do Colégio. O silêncio era um requisito indispensável na formação das alunas, necessário para que houvesse uma aprendizagem e uma disciplina satisfatória de acordo com a filosofia praticada pelas Capuchinhas.

2.3 A Matrícula das Alunas

Para o ingresso no curso normal regional, era necessária a realização de exames de admissão. As candidatas às vagas deveriam ser portadoras do certificado primário. Os exames constavam de provas de língua portuguesa e aritmética

Na prova escrita de português eram avaliados a ortografia, o ditado e a redação, enquanto que a de aritmética era composta de cálculos elementares. Também compunha o rol de disciplinas para o exame as matérias de geografia geral e Corografia²² do Brasil, História do Brasil e de Ciências Físicas e Naturais. Seriam eliminatórias as provas de Português e Aritmética que deviam constar da média cinquenta (50), a média mínima para aprovação da candidata. Demonstrado através (Colégio São José –Das instruções para o exame de admissão ao curso Normal, 1º de agosto de 1948)

O Curso Normal, sob a direção das Irmãs Terceiras Capuchinhas, era composto de quatro anos de estudo a nível ginásial. A sua matrícula era efetivada

²²A "Corografia" (descrição histórico-geográfica de um lugar) foi a obra que inaugurou a edição de livros no Brasil escrito por um padre, de cuja biografia pouco se sabe, o livro era dedicado ao rei D. João VI que, em razão da invasão napoleônica em Portugal, transferira toda a Corte para o Brasil, trazendo consigo a Imprensa Régia

mediante o atestado do exame de admissão, além do certificado do curso primário, exigia-se ainda a certidão de idade e batismo, atestado médico e de vacina.

Quanto á idade a candidata devia ter idade mínima de 12 anos, não sendo admitidas candidatas maiores de 25 anos.

Rastrear as alunas da primeira turma do curso normal (quadro 08), matriculadas em 02 de março de 1949, nos possibilita compreender o movimento educacional percorrido pelas alunas do Curso Normal, tendo todas as alunas da primeira turma se formaram no ano de 1951, tornando-se em professoras normalistas regentes de Ensino²³. Sua atuação devia concentrar-se nas regiões rurais onde desenvolviam suas atividades como professoras do ensino primário, contribuindo para educar gerações e organizar a educação oferecendo uma cultura letrada a sociedade caxiense. A imagem da profissão era algo prestigiado pela sociedade da época “pelo menos no plano simbólico” (SOUZA, 2011, p. 137), uma vez que se depositava nas mãos da professora a responsabilidade de dias melhores. “Fada boa e carinhosa, misto de sacerdote, artista e operário” (Colégio São José- Relatório Escolar, outubro de 1953, p. 47), sua missão de professora configurava-se na de “colaboradora predileta de Deus em sua obra de amor” (Colégio São José – Relatório Escolar, março de 1960, p.65). Em decorrência, era requerido dessas mulheres “a preservação de um comportamento condizente com tal tarefa” (FISCHER, 2009, p. 327). O quadro 08 lista as o nome das alunas que fizeram parte da primeira turma do Curso Normal do Colégio São José em Caxias.

Nº	Nome do aluno	Data de Nascimento	Profissão do Pai
1	Clara de Jesus Lima	12/08/1929	Falecido
2	Conceição de Maria Lopes Prasêres	12/01/1930	Operário
3	Cacilda Edna da Silva	13/02/1932	S.Doméstico
4	Clenir Lopes dos Prasêres	25/02/1932	Operário
5	Dinair Dias marinho	26/10/1934	Guarda-fio
6	Eldy de Aguiar machado	14/10/1935	Alfaiate
7	Flôr de Liz Pereira Costa	02/10/1932	Comerciário
8	Helena de Jesus Costa	19/05/1930	Comerciário

²³ As Escolas Normais de Grau ginásial expediam diplomas de regentes de Ensino, assim também era prática da Escola Normal São José até o ano de 1953, quando cessou essa modalidade de ensino, retornando no ano de 1955 o curso Normal de Grau colegial através do decreto, integrada ao Sistema Estadual de Educação que a reconheceu através do Decreto-Lei 1123 de 01 de novembro de 1955.

9	Maria Helena G. Barbosa	16/04/1933	Falecido
10	Maria Edelves Martins Lima	21/02/1934	Negociante
11	Maria José de Sousa Barros	30/10/1932	Falecido
12	Maria Jesuíta S. Trindade	21/06/1933	Comerciário
13	Maria Edite Ferreira da Silva	12/08/1937	Funcionário Público
14	Terezinha de Jesus Amorim	03/08/1935	Funcionário Público
15	Maria José Costa	27/08/1930	Carpinteiro
16	Neusa Pinheiro Coêlho	14/10/1934	Comerciante
17	Rita Tadeu de Assunção	31/10/1927	Comerciante
18	Teresinha de Jesus F. da Silva	26/06/1936	Empregado
19	Zelinda Varão Pinto	24/10/1925	Comerciante

QUADRO 08 - LISTA DE ALUNAS DA 1ª TURMA DO CURSO NORMAL (1949)

Fonte: Arquivo da Secretaria do Colégio São José.

As estudantes do Curso Normal têm em média de 12 a 25 anos, a primeira aluna a se matricular no curso Normal São José foi Clara de Jesus Lima (natural do Maranhão e filha de Adolfo Lima), em 02 de março de 1949 com vinte anos de idade.

Assim se desenhava o ensino normal do colégio São José em Caxias, uma escola essencialmente feminina voltada para a formação da mulher na sociedade em conformidade com os padrões da época. Isso se aplicava também a outras instituições escolares como nos descreve Moraes (2011, p. 64), referindo-se a Escola Normal de Natal:

O ingresso feminino no espaço público no início do século XX, dava-se a parti do Curso Normal, o qual compreendia três anos. Compunha-se das seguintes disciplinas: Português, Francês, Aritmética, Noções de Geometria teórica e prática, Geografia particular e Geral do Brasil, História Geral e particular do Brasil, Educação Moral e cívica, Noções de Física e Química aplicada á vida prática, História Natural aplicada á agricultura á criação de animais. Este corpo de conhecimentos gerais e científicos era ministrado nos dois primeiros anos. Eram disciplinas especializadas que dotavam o curso de um caráter propedêutico á profissão docente.

O quadro 09 descreve o número de matrículas de alunas no primeiro ano do Curso Normal, que oscilava durante os diversos ano. Deve-se considerar que a instituição oferecia um ensino que incidia em custos elevados para as famílias que desejavam educar suas filhas na modalidade de ensino Escola Normal. Esta modalidade do Curso Normal de Nível Ginásial cessou no ano de 1953, sendo implantada no ano de 1955 a Escola Normal de grau Colegial.

ANO	Nº DE ALUNAS	SÉRIE
1949	19	1º ANO
1950	10	1º ANO
1951	08	1º ANO
1952	17	1º ANO
1953	07	1º ANO

QUADRO 09 - MATRICULA DAS ALUNAS DO 1º ANO DO CURSO NORMAL (1949-1953)

Fonte: Arquivo da secretaria da escola São José.

De acordo com o livro de matrícula da escola havia uma expectativa e aceitação do curso Normal por parte das famílias que demonstravam pouco a pouco uma valorização da instrução feminina, pois as vagas ofertadas na instalação do curso foram preenchidas em um único dia, encerrando-se a matrícula em 03 de março de 1949.

ANO	Matricula total	Alunas concludentes	Série
1961	99	97	1º, 2ºe 3º
1962	97	92	1º, 2ºe 3º
1963	98	95	1º, 2ºe 3º
1964	87	89*	1º, 2ºe 3º
1965	77	78*	1º, 2ºe 3º

QUADRO 10 – MATRÍCULA TOTAL E Nº DE ALUNAS CONCLUDENTES DO CURSO NORMAL (1961-1965)

Fonte: Arquivo da secretaria do Colégio São José

*Houve efetivação de matricula de alunas ao longo do ano

De acordo com análise do quadro 10 podemos observar um aumento na procura pelo Curso Normal. O decreto-lei nº 1123 de 1º de novembro de 1955 outorga mandato ao Colégio São José para ministrar o Curso Normal de Grau Colegial. (Diário Oficial do Maranhão do Estado do Maranhão, 1º de Novembro de 1955).

Ano	Nº de alunas		
	1º Ano	2º Ano	3ºAno
1971	29	31	32
1972	33	23	32

QUADRO 11 - NÚMERO DE ALUNOS DO COLÉGIO NORMAL SÃO JOSÉ (1971-1972)

Fonte: Arquivo da secretaria do Colégio São José

As estatísticas apontam que a cada ano que se passava aumentava o número de alunas matriculadas no Ensino Normal, o que demonstrava a expansão do magistério na região. A Escola Normal de Grau Colegial representava um acontecimento importante para a formação docente na região.

2.4 Composição do Corpo Docente

O quadro de professores do curso Normal era considerado de nível elevado e com pouca rotatividade de docentes, sendo constituído por um número pequeno de professores laicos e possuía em sua maioria religiosas. Exemplo dessa baixa rotatividade são as professoras religiosas que só deixavam a docência mediante o término de sua estadia naquele local, que poderia estender-se por um longo tempo. Sobre um desses professores afirma Carvalho (2003, p. 25).

Tive a imensa alegria de participar por quase uma década, do convívio e da experiência educativa do professor Dr. Salvador de Castro Barbosa, mestre insigne que enobreceu o corpo docente do Colégio São José, em Caxias no período de 1954 a 1963. Conheci-o nos idos de 1956 quando chegava a Caxias para integrar a missão magisterial das Irmãs Missionárias Capuchinhas.

Outro elemento significativo de ser mencionado é o fato de que algumas alunas por apresentarem um excelente desempenho nas disciplinas e nos estudos tornavam-se professoras do ensino primário no Colégio São José. Isso se convencionava no costume de a cada final do ano letivo, eger-se a melhor aluna formada no curso Normal. Essa aluna tinha grande chances de tornar-se professora naquele estabelecimento de ensino, como descreve a professora Maria de Jesus de Melo Lobão em seu depoimento:

Quando terminei irmã Clemens me chamou logo para dar aula de português e redação na escola de magistério [...] eu não tinha nem faculdade estava começando Pedagogia. Fui terminando pedagogia e começando logo letras (Maria de Jesus de Melo Lobão, ex-aluno do Ensino Normal e ex-professora do Colégio São José).

Nota-se um enorme valor que se dispensava ao desempenho escolar do aluno nas disciplinas do curso. Havia também uma necessidade de manter outros profissionais leigos, em razão do crescimento do colégio e das várias modalidades de ensino desenvolvidas pelo Colégio São José. “Os professores que fizeram parte do quadro docente do colégio, eram pessoas renomadas e conhecidas pela

sociedade caxiense” no Brasil a participação de leigos como professores nos corpos docentes destes colégios também foi discreta (NUNES, 2006, p. 76). O quadro 12 descreve os professores que compunha o quadro docente da Escola Normal do ano de 1953 até a década de 1967.

Ano de ingresso	Nome	Matéria que lecionava	Habilitação
1953	Filomena Machado Teixeira	Prática de Ensino	Normal Pedagógico
1960	Antônio Bezerra Filho	Matemática / Ciências	Licenciado em Ciências
1960	Maria Tereza de Jesus Lima	Geografia	Normal Pedagógico
1960	Zélia Barbosa Ataíde	Educ. Artístico / Desenho	Normal Pedagógico
1963	Ir. Agostinha Maria	Psicologia Educacional	Curso Profissional / pedagógico
1964	Maria do Socorro R. Brito	História e Sociologia	Normal Pedagógico
1965	Geovane Menezes Ramos	Higiene Escolar	Superior e Secundário
1966	Maria Zélia Chagas Barbosa	Português / metodologia especial	Normal Pedagógico
1966	Dr. José de Ribamar Araújo	Filosofia	Direito
1967	Ir. Assunta Maria de Benjamim Constant	Música e Canto Orfeônico	Normal Regional
*	Ir. Tadeia Maria	Desenho	Curso Profissional/pedagógico
*	Ir. Uília Maria	Religião	Curso Profissional / pedagógico

QUADRO 12 - Relação dos professores da Escola Normal São José (1953-1967)

Fonte: Arquivo da secretaria do Colégio São José

*não foi possível localizar a data exata de permanência destas Irmãs no Colégio.

Outro indicativo quanto à qualidade do corpo docente da Escola Normal, foi o posterior ingresso de docentes nos quadros funcionais da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Dentre outros podemos citar Ir. Maria Gemma de Jesus Carvalho²⁴ que exerceu a função de professora e Diretora do Centro de Estudos Superiores de Caxias no período de 12 de julho de 1976 até o mês de maio de 1983. Como descreve Carvalho (2007, p. 77):

Ainda no primeiro semestre do ano de 1976 foi enviada à PRESIDÊNCIA DA FESM a lista sêxtupla para DIRETOR “PRO TEMPORE” da Faculdade de Educação de Caxias e na escolha saiu o nome da professora Irmã Maria Gemma de Jesus Carvalho, nomeada em 12 de julho pelo Exmo. Sr. Governador do Estado – Dr. Osvaldo da Costa Nunes Freire.

²⁴ Irmã Maria Gemma de Jesus assumiu o cargo diretora da Faculdade de Educação de Caxias, hoje Centro de Estudos Superiores de Caxias e permaneceu também como diretora Geral do Colégio São José acumulando assim os dois cargos simultaneamente. Não se afastando de suas obrigações com o trabalho educacional da Congregação.

As atividades desenvolvidas por Irmã Gemma demonstra que seu trabalho reflete não apenas a profissional, mas um traço marcante das educadoras capuchinhas que através da dedicação impelida ao seu trabalho revelam a contribuição educacional dispensada ao longo dos muitos anos em que esta congregação está presente na cidade “a educação é coisa do coração, e do qual só Deus é dono” daí a necessidade de conquistar “o coração dos jovens por meio do amor” (LEYMONE; AMADEI; CERIA. Apud Lopes, 2006).

2.5 O Currículo da Escola Normal

As atribuições das professoras primárias não se desvincilhavam das de mães e donas de casa o que se tornou a tônica do Ensino Normal. A Escola Normal São José não descuidava dos valores e princípios religiosos a serem ensinadas as normalistas. Existia, contudo, uma preocupação com o desenvolvimento dos conhecimentos seculares presentes e passíveis de serem observados em seu rol de disciplinas curriculares.

Os conteúdos ministrados eram descritos inicialmente no programa de admissão do curso normal, os livros adotados deveriam ser únicos e exclusivamente da editora da FTD, em específico os do primeiro ano, por assim conceberem serem os mais avançados nos conteúdos de ensino. Conforme descrito no relatório de instrução para exame de admissão ao Curso Normal Regional em 1º de Agosto de 1948.

Havia uma política de promover as melhores alunas através dos quadros de honras organizados pelo Colégio, que engrandecia fortemente o nome do Colégio aos olhos da sociedade. O quadro de honra ao mérito era publicado na revista “Flores do Alverne” que circulava entre as estudantes e familiares como demonstra a figura 11.



Figura 11 - Fotos das alunas que compunha o quadro de honra do colégio São José ano (1954)
Fonte: Revista flores do Alverne.

Pertencer ao Quadro de Honra do Colégio simbolizava não apenas uma conquista intelectual, mas um prêmio de reconhecimento moral em virtude da aplicação e do comportamento da aluna. Estes quadros denominados de “Quadros de Honra ao Mérito” era uma premiação feita em todas as modalidades de ensino presente no Colégio. Outras escolas também se utilizavam desse recurso como podemos ver em Manoel (1996, p. 96), que descreve este e outros o tipo de prêmios empregado pelos Colégios ao Homenagearem suas alunas.

Os Prêmios Públicos, como o próprio nome indica, eram entregues em pomposas solenidades públicas, realizadas no Salão Nobre do Colégio, com a presença de autoridades religiosas, civis e militares, além dos pais e da “elite” social. [...] Os Prêmios de Primeira Ordem destinavam-se a laurear as alunas exemplares pelo seu Bom Comportamento, polidez, Economia, Língua Estrangeira, Literatura, Música Instrumental, Canto, Desenho, Pintura, Trabalhos Manuais.

Quanto à habilitação das alunas para promoção e conclusão do curso a forma como desempenhariam suas funções encontravam-se no dispositivo do Decreto-Lei 1462 de 31 de dezembro de 1946, previsto antes mesmo de o curso ser implantado, o qual definia também a forma de promoção e conclusão do curso normal. Dentre as atividades destacava-se o Tirocínio que deveria ser realizado por todas as alunas que cursassem o Ensino Normal. Tratava-se de um exame onde as

alunas eram avaliadas por uma banca examinadora. Sobre o tirocínio relembra Maria de Jesus de Melo Lobão ex-aluna do Curso Normal.

Agora só que pra você colar grau você tinha que fazer o tirocínio. O tirocínio era uma banca com a diretora da escola, a madre, a professora para você dar uma aula, pra elas assistirem sua aula e te aprovarem isso que era um tirocínio.

Além do tirocínio as alunas precisavam fazer provas de conteúdo de forma oral e escrita, embora tivessem notas aprovativas suficientes para serem promovidas, era uma exigência do modelo de avaliação praticado pelo Colégio (Escola São José – Ata de resultados Finais dos Exames em 1ª e 2ª época, 1960). As disciplinas enfocavam os estudos ainda bem próximos do papel que caberia a mulher numa sociedade conservadora como observamos a permanência de disciplinas relacionadas às atividades do lar e a importância em se manter os trabalhos manuais como uma atividade essencialmente feminina.

ANO	Série	Disciplinas
1949	1º ANO	Português, Aritmética, Geografia Geral, História do Brasil, Francês, Ciências Naturais, Religião, Canto orfeônico, Trabalhos manuais e Economia doméstica, Desenho e Caligrafia, Educação Física.
1950	2º ANO	Português, Aritmética, Geometria, Corografia do Brasil, Ciências físicas, Francês, Religião Desenho e caligrafia, canto orfeônico, Trabalhos manuais e indústrias próprias do lugar, educação física e Recreação e Jogos.
1951	3º ANO	Português, Álgebra, História universal, Inglês, rudimentos, Noções de Anatomia e Fisiologia humana, Química, Religião, Canto orfeônico, Desenho decorativo, Trabalhos manuais e Indústria Próprias do lugar, Educação física e recreação e Jogos.
1952	4º Ano	Português, Noções de Higiene, Psicologia e Pedagogia, Didática e Prática de Ensino, Inglês, Religião, Noções de pintura, canto orfeônico, educação física e jogos.

QUADRO 13 - CURRÍCULO DA ESCOLA NORMAL (GINASIAL - 1949-1951)

Fonte: Arquivo da secretaria do Colégio São José.

As disciplinas cursadas preparavam, também, as alunas de forma geral, através de disciplinas de cunho científico indicando uma preocupação com a formação intelectual da mulher. O ensino da língua francesa indicava uma tendência da época em termo de língua estrangeira era considerado importante para a formação.

O currículo da Escola Normal permaneceu inalterado, pois fazia parte da proposta de funcionamento da Escola Normal de grau ginásial. Apenas quando a Escola Normal passou a ser de Grau colegial houve uma adequação ao nível de ensino. Fazia parte do rol de disciplinas do currículo da escola Normal a parti do ano de 1955 as seguintes disciplinas:

ANO	SÉRIE	DISCIPLINA
1959	1º ano	Português, Matemática, História, Geografia, ciências físicas e biológicas, metodologia Especial, Inglês.
1959	2º Ano	Português, Metodologia Especial, Psicologia Geral, sociologia Educacional, Biologia Educacional, Prática de Ensino Primário e Desenho Pedagógico.
1959	3º Ano	Português, Psicologia Educacional, Filosofia da Educação e História da Educação, Administração Escolar e Legislação de Educação. Prática do Ensino Primário, Desenho Pedagógico e higiene Escolar.

QUADRO 14 - CURRÍCULO DA ESCOLA NORMAL (COLEGIAL - 1959)

Fonte: Arquivo da secretaria do Colégio São José.

A composição das disciplinas do currículo da Escola Normal evidenciava ainda uma intenção de manter sob a égide da igreja a educação das mulheres sem perder de vista a formação moral que devia fazer parte do caráter feminino a ser desenvolvido nas meninas e mulheres oriundas de uma educação cristã.

2.6 O Internato

O Colégio São José como muitas instituição católica ofereceu um ensino que dispunha de um internato que se instalava num contexto onde os ensinamentos contribuísse “para que a educação fosse produtiva, forçoso se fazia isolar a criança de todo contato com esse mundo necessariamente mau e corrupto” (MANOEL, 1996, p. 77). Desta forma o internato seria escola e guardiã, responsável por ensinar as virtudes e os preceitos do cristianismo. Conforme consideramos Manoel (1996, p. 78):

A fórmula do internato para seus defensores não representaria nada mais do que o método natural para educação das crianças, porquanto seria a transposição do método da própria natureza criada por Deus para a prática pedagógica humana.

Os internatos eram vistos como o lugar onde a mulher estaria segura e protegidas das contaminações do mundo secular, constituíam-se na forma de preservar sua virtude onde ninguém pudesse roubá-la “cada passo era medido, estipulado por um conjunto de regras destinado a modelar a mulher, que, além dos ornamentos culturais, da polidez, portasse a marca indelével da educação conservadora” (MANOEL, 1996, p. 78).

As alunas internas no Colégio viviam quase que isoladas do mundo exterior, posta em contato apenas com o universo católico que cuidava de inculcar um método pedagógico eficiente na doutrinação das práticas devocionais. O espaço era propício para distanciar as alunas do mundo exterior. Conforme nos alude Manoel (1996, p. 51).

As grossas paredes e os altos muros do colégio interno desempenhavam uma dupla função: não permitir nem a saída das alunas nem a entrada do mundo exterior, seja na forma de pessoas não autorizadas, seja na de leituras proibidas, ou de correspondências, toda ela censurada.

Logo, todo tipo de “gestos, comportamentos, linguagem tudo era vigiado controlado, moldado” (MANOEL, 1996, p. 78). As ações, as linguagens e os comportamentos estariam subjugados aos olhares das irmãs educadoras. Como em outros internatos mesmo as “amizades particulares” (MANOEL, 1996, p. 78), seriam capazes de colocar em risco a autoridade e o controle das irmãs. Convém esclarecer que as memórias citadas indicam que o sistema disciplinar do Colégio São José procurava estabelecer padrões de conduta estavam “além do alcance dos olhos e ouvidos dessa entidade semi-abstrata (sabe-se que ela existe, embora invisível) chamada Regras” (MANOEL, 1996, p. 78). O momento em que se dava o recolhimento das alunas ao dormitório do colégio é descrito por Irmã Maria Gemma ao mencionar:

Elas arrumavam as camas, mas nós tínhamos as pessoas que limpavam o dormitório, elas arrumavam as camas delas, então a menina que dormia na cama tinha que deixar a cama feita, nós ensinávamos como ela devia arrumar a cama, o travesseiro, colocar a cobertura da cama, depois o lençol depois a colcha, a gente ensinava como devia fazer e elas aprendia a deixar tudo direitinho. Então quando elas iam dormir ficava uma irmã lá com elas, dormia também uma irmã lá com elas, tinha o quarto da irmã, ela dormia e deixava a porta aberta, então qualquer barulho elas saiam. Elas ficavam um pedaço lá, quando viam que tinha muita gente dormindo a gente saia, aí outra irmã chegava se deitava e ficava com a porta aberta. Elas ficavam de recreio até oito horas, aí rezavam e iam para o dormitório. Como elas tinham aulas e educação física tinha que levantar no horário certo. Se a educação física fosse de manhã seis e meia, mas geralmente era à tarde, então elas

levantavam as seis horas, porque as aulas começavam sete, um pouquinho antes das seis porque tomavam café e sete horas começavam as aulas.

A década de 1960 foi um período em que ocorre grande mudança no aspecto educacional no Brasil, na cidade de Caxias não foi diferente. Essas transformações incidiram também sobre o trabalho das freiras que mantinham a instituição educacional Colégio São José. Por motivo de escassez de recursos financeiros fizeram cessar as atividades de internato que se limitava a receber apenas mulheres. Havia o intuito de transformar os dormitórios em salas de aula aumentando o número de salas, por se considerar melhor empreendimento por parte do Colégio. Conforme podemos constatar através das narrativas da entrevistada Maria Gemma, diretora do Colégio naquele momento.

Não tinha mais condições de manter o internato, nos queríamos ocupar a parte do internato que era o dormitório com salas de aulas. Ali o aquela parte que hoje é a biblioteca, ali era dormitório, onde é sala do jardim era tudo dormitório das internas, aí tivemos que desocupar [...] depois internato dá muito trabalho muita despesa.

O pensamento que rodeava o ensino em regime de internato era que ninguém melhor que a igreja poderia educar as crianças e as jovens, pois a igreja era capaz de defender as jovens contra os pecados e de guardar suas virtudes, mantendo a postura instrutora e doutrinadora. O Estatuto da Escola Normal São José, ano de 1949, faz menção ao custeio das despesas do internato.

As candidatas ao Curso Normal regional, moradoras do interior, ou fora da cidade, serão aceitas no internato gratuito, mantido pelo Governo, mediante prova de serem pobres. A aluna que perder o ano perderá o direito à gratuidade, cedendo à vaga a outra candidata. As alunas mantidas pelo Governo, em nº de 10, não ficaram isentas de trazer os uniformes e vestuários necessários ao uso de cada uma.

Embora houvesse subvenção por parte do governo do Estado para manutenção do Colégio, nem todas as internas eram custeadas pelo governo, havia em sua maioria alunas que a família pagava por seus estudos, com altos valores como convém às instituições privadas confessionais. O quadro 15 descreve os valores das mensalidades do internato variando conforme os níveis de ensino.

Nível de Ensino	Valor da Mensalidade
Curso Primário	Cr\$ 400,00
Lavagem de roupa para cada curso	Cr\$ 50,00
Curso Ginásial	Cr\$ 450,00
Curso Normal	Cr\$ 450,00

QUADRO 15 - Mensalidades do Internato do Colégio São José (1949)

Fonte: Arquivo da secretaria do Colégio São José.

Além das mensalidades ainda eram cobradas taxas extras para que as alunas tivessem aulas particulares de determinadas disciplinas, que careciam ser reforçadas, ou mesmo de atividades que complementassem os estudos, a exemplo aulas de piano, datilografia, pintura e trabalhos manuais. Convém mencionar que o valor do salário mínimo pago no Brasil no ano de 1949 era de Cr\$ 380,00. Portanto o valor cobrado pela instituição para as mensalidades era superior ao salário mínimo vigente na época. O prospecto com que as irmãs divulgavam a educação das alunas enfatizava um modelo educacional capaz de modelar o caráter das educandas. O anúncio do Colégio evidenciava os níveis de ensino:



Figura 12 – Anúncio dos cursos do Colégio São José (1954)

Fonte: Flores do Alverne, 1954.

O Colégio deveria preparar jovens que ocupariam lugares centrais na sociedade, como descreve Barros (1998, p. 80).

A plena concretização desses objetivos se dava por meio de uma prática diária que comportava dois momentos o da educação em sala de aula e o da vivência cotidiana, balizada por um severo regulamento em um local apropriado, o internato, onde matinha as alunas afastadas do mundo exterior.

Os custos pagos pela aquisição desses saberes não eram incluídos nas mensalidades, eram pagos á parte podendo ser visualizados no quadro16.

Aulas Particulares	Valor Cr\$
Piano	Cr\$ 70,00
Datilografia	Cr\$ 50,00
Pintura	Cr\$ 50,00
Trabalhos Manuais	Cr\$ 30,00
Matérias Avulsas	Cr\$ 40,00

QUADRO 16 - VALORES DAS AULAS PARTICULARES DO COLÉGIO SÃO JOSÉ (1949)

Fonte: Arquivo da secretaria do Colégio São José.

Essas taxas eram chamadas taxas de estudo, e variavam conforme a classe ou o ano dos cursos, sendo concedido abatimento apenas as famílias que tivessem mais de uma filha matriculada no estabelecimento (Colégio São José - Estatuto da Escola Normal São José, 1949).

Foi publicado em Diário Oficial do Estado do Maranhão do ano de 1949, o regimento interno do Colégio contendo as regras e disposições necessárias ao funcionamento da instituição como: o período em que seriam dado férias as alunas internas, limitando-se a uma vez por ano e a organização das bancas de avaliação ao final do curso de ensino Normal.

2.7 Festividades do Colégio

Muitas eram as comemorações festadas pelo Colégio São José, havia uma programação elaborada pelas irmãs educadoras que abrangia todos os meses do ano, composto pelas atividades a serem comemoradas no Colégio, seguindo as datas memoráveis de um calendário cristão.

A primeira festa comemorativa realizada pelas irmãs missionarias no Colégio fundado por elas com o nome de Educandário São José foi à comemoração do dia da criança em 16 dezesseis de outubro de 1937 em um dos salões onde funcionavam as aulas conforme está descrito na ata de eventos importantes do colégio.

Dentre a educação oferecida às alunas destaca-se a festividades e comemorações cívicas festejadas pelo Colégio São José. O Colégio São José

comemorou seu primeiro aniversário com a execução do hino do educandário seguido pelo hino nacional como costume nas solenidades escolares do período, transformando em feriado escolar. O Hino do Colégio São José é mencionado no documento que comemorou 75 anos do Colégio São José.

HINO DO COLÉGIO SÃO JOSÉ

Toda luz vem de Deus
 É a sã instrução
 Um reflexo do céu
 Que ilumina á razão

CORO

Colégio São José
 As almas irradia
 A viva luz da fé
 Que nossos passos guia
 É nosso dever
 Em primeiro Lugar
 O bom Deus conhecer **(Bis)**
 Sempre o bem praticar

E sigamos avante
 O saber é fanal
 Numa guerra constante
 A luta contra o mal

È de estrela o emblema
 Que no céu cor de anil
 Nos inspira este lema
 Sempre honrar o Brasil.

O hino cantado pelos alunos da escola traduz em sua letra os ensinamentos e ideais próprios da ordem missionária o qual reflete os preceitos

morais e intelectuais a serem desenvolvidos nos educando que estavam sob os cuidados educacionais das irmãs missionárias.

Agrega-se a isto a veneração e o respeito á igreja e a Deus, bem como o patriotismo presente através do respeito ás leis e as autoridades. Como afirma Burke (1992, p. 169) “buscar entender o fenômeno religioso como um produto cultural é compreendê-lo enquanto construtor da realidade”. Os hinos do Colégio inspiravam um amor devotado aos princípios religiosos como essenciais e indispensáveis à vida. O homem deveria está disposto a atender os apelos da fé cristã impregnados nos ritos religiosos próprios da ordem missionária capuchinha. O nome Santa Joana d’Arc homenageava a mulher forte e destemida que deu a vida em favor de seus ideais religiosos.

Os eventos eram sempre precedidos de missa, ato peculiar as comemorações religiosas e cívicas realizadas pelo Colégio, sendo o ritual um momento de expressar a religiosidade individual e coletiva das alunas que faziam, parte da escola. Embora fosse realizada diariamente na capela do Colégio, havia a necessidade de reforçar este hábito constantemente, pois através dele era repassado os valores cristãos. A doutrinação cristã estava presente em cada passo dado pelas guardiãs da fé. Tanto crianças como jovens deviam submeter-se aos sacramentos da igreja, daí a importância em realiza a primeira eucaristia dentro da escola. Essa ação constituía-se em prática freqüentes do “edifício educativo” (LOPES, 2006, p. 55).

Eram imprescindíveis manter viva as “práticas de comunhão e confissão freqüentes, missas cotidianas, exercícios espirituais, novenas, pregações, catecismo e práticas de piedades individuais” (LOPES, 2006, p. 55).

Todas as atividades estavam imbuídas da espiritualidade cristã, não se podia perder de vista os objetivos religiosos da congregação missionária em educar na perspectiva cristã as novas gerações, oferecendo-lhes os mais sublimes princípios da fé católica.



Figura 13 – Missa de 1ª comunhão realizada na Capela do Colégio São José (1958)
Fonte: Arquivo do Colégio São José.

Um dos espaços de sociabilidade mais concorrido em Caxias estava sempre ligado àqueles onde se realizavam as festas religiosas. Caxias possui uma história marcada pela forte presença do catolicismo, a cidade possuía um calendário devocional que compreendia todos os meses do ano.

O Colégio São José tinha como prática tradicional a festa do dia dos pais realizada pela escola, onde todos eram convidados a participar do evento que sempre era acompanhado de cerimônia religiosa, como a missa para que pudessem agradecer a Deus pelos trabalhos desempenhados na escola. A presença dos pais nas atividades escolares era expressiva, pois todos como bons católicos deveriam está envolvidos nas atividades educacionais e religiosas das Irmãs educadoras.



Figura 14 - Comemoração da festa do dia dos pais (1970)
Fonte: Arquivo do Colégio São José.

Destaque especial dado á educação literária e artística, que de certa forma estava sempre ligada á formação cristã, pois “durante as celebrações das festas do ano litúrgico as meninas tinham a oportunidade de demonstrar seus dotes artísticos” (LOPES, 2006, p. 59). Estas festas eram muito aguardadas pelas alunas do colégio, como nos descreve a entrevistada Maria de Jesus Melo.

O colégio São José tinha muitas festividades, cantos, recitais de poesias, coisas assim. Era só festa animada, mais não tinha nada de homem só tinha mulher, tinha que usar o uniforme nas festas. Gostava das festas de representar, recitar, dramatizar, fazer aquelas dramatizações no auditório, então só essas coisas mesmo, naquele tempo só tinha esse tipo de festa.

As meninas do curso Normal independente de serem internas ou não, possuíam uniformes de festa, assim deveriam freqüentar as solenidades do Colégio, servindo como referência de uma boa educação.

Os desfiles de 07 de setembro eram um evento importante. Nele os alunos iam às ruas exibirem sua reverência á pátria. O sentimento moral e cívico estava estampado nas vestes e nas coreografias demonstradas ao longo do desfile pelos alunos do colégio.

Era um dia festivo, cheio de muitas comemorações aguardado ao longo do ano, que demonstrava a enorme preocupação da escola com esta data comemorativa. As autoridades religiosas e políticas estavam a posto para prestigiar os feitos realizados pelos alunos do Colégio São José, além da participação marcante da comunidade caxiense que imbuídos de um sentimento de civismo e amor á pátria assistiam ao desfile de 07 de setembro. Nas páginas da revista Flores do Alverne, podemos encontrar descrito a satisfação das alunas para com o desfile dedicado á Pátria.

Dia 7 – Dia da Pátria. O Colégio São José desfilou pelas ruas principais da cidade, sendo muito ovacionado. O Grêmio se fez representar. Uma aluna trajando Joana Dárc ia á frente num garboso cavalo conquistando os aplausos da assistência (FLORES DO ALVERNE, 1958).

A movimentação por parte das alunas para as apresentações da comemoração do dia 07 de setembro exigia esforços e criatividade, pois como podemos observar na figura 04, muito se fazia para que o Colégio conquistasse o primeiro lugar dentre as escolas participantes. Maria Do Carmo Daniel, aluna que atuou junto ao Grêmio Estudantil, destaca: “queríamos sempre tirar o primeiro lugar”.

Assim ocorriam os desfiles na cidade de Caxias, preparando para disputas entre as escolas para que alcançassem notoriedade em suas apresentações no período da Festa da Pátria.



FIGURA 15 - Desfile de 07 de setembro (1958)
Fonte: Revista Flores do Alverne - 1958

Havia um grande empenho por parte das alunas para que o Colégio fosse premiado com o primeiro lugar no desfile do dia 07 de setembro, todos deviam se empenhar para que tudo transcorresse em conformidade como esperado. O desfile era imponente ao homenagear á pátria demonstrando que a tônica era, como em outras ocasiões, a “exaltação á Pátria, louvor á Deus e disciplinarização do trabalhador” (SENA, 2010, p. 284). As alunas dedicavam-se aos treinos para que houvesse apresentações capazes de chamar atenção do público que as assistia, conforme visualizamos na figura16.



Figura 16 – Banda do Colégio São José - 07 de setembro 1970
Fonte: Colégio São José Caxias

O desfile era cuidadosamente preparado, pois também fazia parte do rol de comemorações alusivas à Pátria realizar a “hora cívica.” As alunas demonstravam através de sua criatividade o amor e o respeito pela Pátria. A ex-aluna Maria do Carmo relembra ser

Era um desfile muito bonito, uma data muito esperada, era muito concorrido. Tinha gente que se entusiasmava muito com o 07 de setembro, tinha uma época que tinha até concorrência mesmo, quem tirava o primeiro lugar com os carros alegóricos. A gente desfilava mais ia sempre uma representação com a bandeira do Grêmio.

Estas atividades também são descritas no Relatório das Atividades do Ginásio São José, nos informando o movimento gerado em torno do dia da Pátria. O relatório nos possibilita uma compreensão deste momento memorável na história da instituição

Para maior brilhantismo da grande data do dia 7 de setembro, realizou-se no auditório do Colégio, uma hora cívica, com a finalidade de despertar nas alunas um maior amor e respeito à Pátria. Foram apresentados vários cartazes sobre a data em evidência. Vários deles muito simbólico. Foram apresentados pelas alunas que tão bem souberam manifestar seu amor à Pátria Brasil (Colégio São José - Relatório das Atividades do Ginásio São José, 1967).

Havia muitas alas temáticas alusivas as festividades da Pátria, era um dia único, todas as alunas deveriam está envolvidas, deviam comparecer devidamente vestidas para a ocasião, suas vestes de gala, uniforme de festas, as destacavam dentre os demais que assistiam a comemoração. Tratava-se de uma festa importante para todos envolvidos no Colégio. Vejamos na figura 17 o desfile apresentado pelo Colégio.



Figura 17 – Desfile de 07 de setembro - Colégio São José (1970)

Fonte: Colégio São José Caxias

Outra grande festividade comemorada, era a Festa do Dia do Estudante. Havia muita movimentação por parte das estudantes que se organizavam para fazerem sua apresentação de Coral, teatro, jogos, danças e poesias. As manifestações eram promovidas com o auxílio do Grêmio Estudantil que enaltecia sua atuação através das páginas da revista estudantil Flores do Alverne. As menções comemorativas do dia 11 de agosto de 1958, foram assim publicado.

Dia 11 de agosto – A natureza parece que surgiu um pouco mais bela e os estudantes mais alegres do que nunca. E porquê? Ora é claro. É o seu dia. O Grêmio promoveu uma sessão para comemorar essa data. Convidando para abrilhantar com sua presença a diretoria da U.C.E.S, o Grêmio Cultural Caxiense, e o Grêmio São Luis Gonzaga. Houve alguns números de arte, falando em seguida a Vice-Presidente Cirene Lopes que procurou enaltecer a significação desta data.

O Colégio vivia em clima de festas uma após outra, considerando que as formaturas eram momentos aguardados com muita expectativa por parte das Humanistas e Normalistas. Estes eventos eram divulgados na cidade e no Estado, culminando com a presença de autoridades Políticas e Religiosas que costumavam serem os paraninfos das festas de formaturas. Neste momento era enaltecido o trabalho do Colégio nos discursos que faziam parte do rito de formatura. Como reporta o jornal O Pioneiro de 13 de dezembro de 1954.

Sensibilizou-me de maneira marcante o nobre gesto das professorandas e humanistas do Colégio São José ao me transmitirem o convite para que fosse o seu paraninfo no ato solene de sua merecida colação de grau, que hoje se realiza com raro brilhantismo e esplendor.

Os jornais da Cidade de Caxias e de outras localidades do estado noticiavam a primeira colação de grau da primeira turma da Escola Normal do Colégio São José, como forma de divulgar o nome e a reputação das alunas e do colégio. Havia alunas que pertenciam as camadas mais altas sociedade caxiense sendo a colação de grau um momento de glamour e luxo. Os paraninfos das festas eram pessoas de destaque político e econômico, como noticiou o Jornal Cruzeiro:

Com Grande solenidade, realizou-se na noite de 13 do corrente, no salão de festas do Educandário São José, desta cidade, o solene ato cívico de colação de grau da Turma “D. Luís da Cunha Marelim” e entrega de certificados das Professoradas e Humanistas de 1952. As 21hs. Teve lugar a sessão solene presidida pelo exmo. Sr. Bispo Diocesano, com a presença do representante do Governador Eugênio Barros, paraninfo homenageado, do inspetor federal Gastão de Oliveira Sobrinho, do representante do senhor Prefeito Municipal, dos paraninfos das Professoradas e Humanistas e

distintas famílias de nosso meio social (CRUZEIRO, Quinta-feira, 25 de dezembro de 1952).

Noticiado pelo Jornal Católico de circulação semanal, as festas de formaturas eram organizadas com muita pompa, sendo uma comemoração que expressava o modelo e o ideal educacional praticado pela ordem missionária na cidade. A figura 18 reflete a presença da igreja católica na formação profissional das alunas.



Figura 18 - Missa de Formatura das alunas do Colégio São José (1970)
Fonte: Arquivo do Colégio São José.

Inúmeras outras festas e comemorações eram igualmente celebradas pelo Colégio, estas comemorações faziam parte do calendário de atividades do Colégio, previamente definidas no planejamento realizado anualmente. Como acontecia em outros colégios religiosos segundo nos informa Manoel (1996, p. 51).

Entrelaçando a vida colegial, alinhavando o cotidiano das alunas, uma sucessão de festas e comemorações religiosas construía o seu tecido cultural, tendo como referência novas devoções, diferentes das que estavam habituadas pela religiosidade brasileira e portuguesa.

Elencava-se como festividade importante no calendário escolar a festa de São José, patrono do Colégio, festa da Páscoa, o mês Mariano que contemplava a festa em homenagem ao dia das mães, a festa do dia dos pais, festa de Santa Rosa, festa de São Francisco, primeira eucaristia, Crisma, dentre muitas outras. Os eventos realizados faziam parte da concretização do ideário católico que primava pela construção de uma sociedade ordeira e conservadora. A Imagem da figura 19

ilustra a importância dos eventos no Colégio, o zelo e os cuidados dispensados aos cerimoniais realizados no Colégio.



Figura 19 - Mesa ornamentada para a cerimônia de formatura (1958)

Fonte: Arquivo do Colégio São José.

Os episódios que cercava a vida das alunas “somaram as de mulher católica, a que elas responderam á luz dos atos de pertença por elas construído e expresso em sua identidade de mulher professora” (NUNES, 2011, p.78). Estes momentos proporcionados pelo Colégio visava um ajustamento da postura da mulher ao ideal definido pela igreja católica, significava a divulgação dos méritos religiosos sob o “olhar vigilante” (MATTOS, 2004, p. 216) das irmãs missionárias que desempenhavam sua missão junto á sociedade.

A festa de formatura constitui um momento a parte, esperado e aguardado por todas as alunas do Colégio, as lembranças da Ex-aluna Enei dos Reis nos revela que estes bailes eram uma cerimônia de muita pompa: “Tinha paraninfo tinha tudo, todo mundo vestido de Beca e com aquela toga na cabeça.” Havia uma preocupação quanto a evidenciar á sociedade que as alunas formadas pelo Colégio constituíam um grupo seletivo de professoras na cidade e na região. A materialização da festa de formatura culminavam um projeto religioso e cristão de educar a mulher e dotá-la de virtudes e sabedoria que apenas a igreja poderia oferecer.



Figura 20 - Formandas do Ensino Normal (1970)

Fonte: Arquivo do Colégio São José.

Havia dentre as muitas festividades promovidas pelo Colégio, uma em especial que era sempre lembrada e esperada não apenas pelas alunas e religiosas da congregação, mas também pela sociedade caxiense. A festa em homenagem ao dia de São Francisco era um evento grandioso. As encenações promovidas pelas alunas como forma de reverenciar e homenagear o mártir trazia inúmeros pais e representantes eclesiásticos para o interior da escola. As peças teatrais, e os musicais apresentados ficaram impregnados na história do Colégio. A figura 21 nos remete ao sentimento de veneração dedicado ao mártir católico.



Figura 21- Jogral em homenagem a São Francisco de Assis (1970)

Fonte: Arquivo do Colégio São José

Como afirmamos anteriormente estas festas contribuían para que os valores religiosos apregoados fossem melhor assimilados como elementos do trabalho das religiosas capuchinhas no espaço escolar.

3 AS LEMBRANÇAS DO COLÉGIO: MEMÓRIA DAS EX-ALUNAS DA ESCOLA NORMAL

Durante muito tempo as lembranças foram algo guardado á sete chaves, como instrumento particular onde ninguém podia adentrar. As memórias dos sujeitos dessa pesquisa serão a partir desse momento o norte que nos fará compreender o passado. As impressões deixadas pelo Colégio na vida de cada aluna nos ajudarão a compreender a dimensão do trabalho educativo desenvolvido pelas irmãs missionárias capuchinhas.

Para que fosse possível escrever esta parte do trabalho, nos reportamos às alunas que foram entrevistadas e nos permitiram entrar em seu mundo particular. Essas informações nos direcionam a compreender a importância que teve o Colégio São José e sua prática educativa na vida das suas educandas, revelando as alunas entrevistadas o contexto social em que se inseriu o Colégio São José. O próprio prédio escolar se constituía-se em lugar de memória:

A memória é assim guardada e solidificada nas pedras: as pirâmides os vestígios arqueológicos, as catedrais da idade média, os grandes teatros, as óperas da época burguesa do século XIX e atualmente os edifícios dos grandes bancos. Quando vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, freqüentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda humanidade (POLLAK, 1989, p. 224).

Podemos afirmar que o Colégio São José existiu em dois planos diferenciados: no momento histórico revelado pelas fontes e documentos e outro descrito pelas lembranças de quem experimentou ser parte do modelo educacional empregado pelas irmãs capuchinha na instrução de meninas e jovens que fizeram parte desse processo. Dizemos então que: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas às quais os homens podem atualizar impressões ou informações passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419).

As memórias das alunas que fizeram parte da Escola Normal do Colégio São José em Caxias representam uma história narrada “História é uma urdidura discursiva de ações encadeadas que, por meio da linguagem e de artifícios retóricos, constrói significado no tempo” (PESAVENTO, 2003, p. 33), onde é

possível conhecer os vestígios de um modelo de ensino em que as professoras formadas carregavam um ideário religioso que não poderia ser desvinculado de sua postura moral.

Entrevistar as ex-alunas que há mais de quarenta anos se formaram em professoras normalistas nos possibilitou também uma proximidade com as condutas empreendidas na educação dessas mulheres.

O Colégio São José procurou preservar nas alunas um ideal de mulher que caberia nas posições de professoras, mães e esposas e excelentes cristãs por sua vez católicas. Convém lembrar que o Colégio ainda hoje representa um espaço educacional de notoriedade que se mantém no posto privilegiado de ministrar a sociedade caxiense uma educação tradicional e cristã. O Colégio mantém-se em funcionamento. Para Maria de Jesus Lobão “desde aquela época era um colégio muito elitizado” por atender as necessidades educacionais das camadas mais altas da sociedade. Maria do Carmo nos lembra que “a influencia política, a presença dos políticos era por contas dos filhos que estudavam lá”. O Colégio como muitas outras instituições privadas de cunho confessional possuía uma educação com um custo elevado para atender a classes menos abastadas. O ensino praticado pela ordem confessional em Caxias também corroborou para que mantivessem em evidencia os valores burgueses e cristãos das famílias mais tradicionais da sociedade Caxiense.

A cultura disseminada entre os alunos era marcante, pois os valores apregoados determinaram o comportamento e a postura das moças formadas por aquela instituição influenciando os hábitos e as condutas das alunas como nos informa Enei dos Reis Lobão ex-aluna do curso Normal.

Eu gostei da época de escola, o Colégio Tinha seus pós e seus contras, a gente saía, às vezes quando tinha aniversário das colegas, a gente ia tudo fardada àquela hora da tarde, quando terminava a aula, a gente brincava, em nossa turma nunca houve suspensão, para dizer, chamou os pais, porque a gente temia. A relação era de submissão, você teme ou não podia ficar. Não é como agora que os meninos não respeitam os professores não estão nem ai. A gente temia, ou temia ou podia ficar até reprovado.

Outro momento importante na vida das alunas destacado por elas ao serem entrevistadas são as lembranças sobre a hora das refeições, a ex-aluna interna do colégio que anos mais tarde entrou para a Ordem Capuchinha e hoje ocupa o cargo de secretária da escola Irmã Maria Assunta da Eucaristia Barros de

Neri compartilha de sua experiência ao dizer que este momento ficou marcado em sua memória.

Tu sabe que menino sempre reclama por causa de comida, a comida era assim ruim, agora eu não me importava porque gostava e comia de tudo, agora as colegas reclamava e a gente trocava rapadura por pedaços de carne. [risos] as meninas traziam, comprava no João Severo, o João Severo Já existia, era no João Severo que a gente ia. Ai no tempo aqui eu era comportada, na hora que as irmãs estavam dormindo as meninas diziam assim - Eucaristia tu vai que a gente abre a janela, tu vai comprar rapadura, ai eu pulava ia comprar rapadura escondida e elas me davam um pedaço, eu não tinha dinheiro para comprar elas me davam um pedaço, era coisa de menino mesmo.

Estes momentos nos são possíveis de serem conhecidos em função das memórias e história que permeiam as lembranças daquelas que vivenciaram e pertenceram ao universo que para nós parecia impenetrável. As memórias nos permitem assim dizer que:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informação na nossa memória (ATLAN, 1972, p. 461).

Podemos elencar a partir da fala das ex-alunas que para os pais fazê-las estudar no Colégio São José seria assegurar-lhes o futuro, de modo a prepará-las para viver no meio social adequado para se manter os bons costumes e salvaguardar sua pureza em um mundo cheio de tentações e perigos. As alunas demonstraram ser muito importante apropriar-se dos conhecimentos e saberes dispensados pelas irmãs. Quanto á sua formação, consideravam algo essencial á educação adquirirem os comportamento, os modos, as regras ensinadas pelo Colégio. A ex-aluna Enei dos Reis Lobão menciona sentir falta da ordem e da disciplina que era ensinada no Colégio, pois relembra ao dizer “hoje o pessoal vão mesmo é de shortzinho e de bustiê, não é? eu digo sempre a Irmã Clemens: São José quem te viu e quem te vê”. O respeito às normas do Colégio estendiam-se por toda a trajetória de vida das alunas. Foram esses princípios que nortearam seu comportamento e suas atitudes, a obediência, o respeito, e o silêncio.

A educação dispensada pelo colégio que se ocupava de educar as mulheres filhas da sociedade caxiense oferecia uma orientações calcada nos princípios religiosos e cristão considerado necessários á formação do caráter

feminino. Era preciso educá-las com limites, sendo estes limites estabelecidos pela igreja, que reforçava a distancia e a desigualdade entre homens e mulheres, como assinala outros contextos.

O catolicismo conservador partia do suposto de que as leis divinas e naturais teriam estabelecido as tarefas domésticas como domínio próprio das mulheres e as atividades sociais e cívicas como domínio masculino, com a preponderância das últimas sobre as primeiras. Assim toda proposta de profissionalização feminina ou concessão dos direitos cívicos às mulheres era entendida como um atentado às lei criadas por Deus, um retrocesso á barbárie, o desmoronamento da sociedade civil (MANOEL, 2006, p. 32).

Na esfera educacional, os apelos religiosos exigiam para a mulher uma educação diferenciada daquela oferecida ao homem. A ex- aluna Maria de Jesus, ao contar sua história nos revela os limites de sua educação e os muros estabelecidos entre ela e o mundo que a cercava. Relembra as dificuldades de estudar o curso técnico por ser no horário noturno. Vejamos:

Depois quando terminei de me formar Irmã Gemma me fez homenagem, “a professora ilustre da Escola” com todos os pais no auditório. Outros professores ficaram de mal comigo foi tempo, por causa dessa homenagem que ela fez pra mim. Quando eu terminei ela me convidou para dar aula de Português e redação, eu fiz magistério e escola técnica paralela. Meu pai não queria deixar porque era a noite, eu fiz a bolsa escondida e passeie, A diretora Assunção, Edmêe Assunção veio lá no banco do papai e disse: as meninas vão fazer, as colegas dela, Roselinha, Gardi, Laís Chaves, porque ela não faz? Elas eram do mesmo grupo da escola da mesma sala e foram fazer a escola técnica. Ai papai me deixou fazer a escola técnica.

Até mesmo para estudar, havia fatores que condicionavam a permanência das moças na escola, sua reputação não podia ser manchada, por isso existia uma resistência a permitir que as filhas estudassem no horário da noite. O comportamento feminino era controlado pelos pais, pela igreja e pela sociedade que preferia seguir a trilha do conservadorismo. Havia alunas que manifestavam o desejo de fazer parte da ordem missionária por admirarem o comportamento e a santidade das freiras que cuidavam de sua instrução. Portanto as memórias a serem ouvidas nos revelaram detalhes de uma história que os documentos não nos fariam ver.

3.1 O Primeiro dia das alunas na escola

O primeiro dia de aula na escola deixava as alunas eufóricas por adentrarem um universo novo que causava nas alunas admiração e encantamento por causa da cordialidade e acolhida das freiras. Assim “o ambiente educativo devia ter clima familiar, em que as educadoras faziam papel de mães” (BARROS, 1998, p. 160). A gentileza praticada pelas irmãs fazia parte da pedagogia capuchinha de educar. As lembranças das alunas sobre o primeiro dia de aula nos fazem perceber que o tempo não apagaria as marcas de uma educação tradicional centrada nos dogmas e valores religiosos. O Colégio procurava estabelecer suas normas desde o primeiro dia de aula, sendo necessário deixar claro a rotina que teriam no Colégio e a filosofia que teriam de seguir. Maria do Carmo Daniel diz:

No meu primeiro dia de aula quando eu entrei no educandário São José eu me lembro do nervoso que eu cheguei, achei a escola muito bonita muito grande estava com muita ansiedade porque eu vinha de uma escola pública eu cheguei lá no ano de 1955.

O modelo religioso disciplinador causava orgulho as famílias e a sociedade maranhense por ter em Caxias uma escola que acolhesse a educação das meninas e moças com tanta polidez.

Educar as filhas não era mais um luxo, mais uma necessidade, a educação feminina já era uma imposição social com algumas ressalvas, as filhas das classes mais altas de Caxias careciam de uma educação que lhes afastasse os funestos perigos trazidos pela modernidade. O projeto educacional do Colégio São José era aquilo que requeria os cidadãos-católicos caxienses.

As alunas eram envolvidas nas atividades de boas-vindas que demonstravam como seria rotina no colégio e como deveriam proceder na “atmosfera de religiosidade, de devoção, de piedade, de tal forma que essa religiosidade era incorporada á vida da educanda, no colégio ou fora dele” (MANOEL, 2006, p. 82).

A primeira impressão por parte das alunas era de expectativa sobre como seriam recebidas e o que as esperava, muitas almejavam o posto de freiras por acharem o hábito atraente e encantarem-se pela vida religiosa. Porém a influencia da família, sobretudo a autoridade do pai afetava fortemente na decisão das filhas. Maria de Jesus de Melo Lobão relembra sua propensa vocação religiosa.

Eu era doida pra estudar no internato, chorei de mais e papai nunca deixou, eu passava o dia lá, só vinha pra casa de noite, eu tinha mania de ir para o Colégio eu queria ser freira eu tinha vontade de morar lá com elas, papai não deixava, era meu sonho.

As alunas demonstravam ter uma admiração pela vida religiosa. O colégio era um espaço onde elas conviviam com as freiras e diariamente absorviam suas doutrinas e ensinamentos. No entanto no dizer de Nunes (1997, p. 494),

Consciente ou inconscientemente, as religiosas preparavam as mulheres para contestar o lugar que lhes era tradicionalmente atribuído na sociedade, ainda que continuassem a veicular, em seu discurso religioso, uma visão do tradicional papel social feminino.

Embora o Colégio aplicasse uma boa dose de rigidez no trato e na disciplinarização das alunas quanto às regras e o regimento escolar, isso não as impedia nem as distanciava da construção desse momento marcante em suas vidas, sendo lembrado de modo especial por aquelas que fizeram parte desse processo educacional ora lembrado com detalhes, ora esquecido pelo tempo que tangencia a importância que “estas práticas tinham na formação religiosa e moral das alunas” (LOPES, 2006, p. 55).

3.2 O Uniforme das Alunas

O uniforme do Colégio usado pelas alunas do curso normal era uma marca registrada de sua permanência no Colégio, todas deveriam está perfeitamente alinhadas para que pudessem refletir o zelo e a disciplina da instituição, as vestimentas sempre limpas e ajustadas ao corpo de cada uma das alunas. Era uma roupa composta por adornos que cabiam perfeitamente no modelo educacional praticado pela ordem confessional. As moças deviam vestir-se de maneira recatada, sóbria, discretas sem que chamassem atenção para si, demonstravam uma formação sólida nos princípios católicos. O uniforme usado diariamente pelas alunas do Curso Normal tinha uma discricção e sobriedade compatível com uma educação de cunho religioso.

Ao ouvir as entrevistadas sobre o uniforme do Colégio, elas mencionaram que usavam diariamente o fardamento e o descreviam com orgulho de tê-lo usado. Irmã Gemma descreve como era este uniforme escolar. “Elas tinham duas fardas

que era a farda do Colégio e a farda de gala das festas. Era uma farda muito bonita de suspensório era a farda do colégio. As internas tinham uma vestimenta diferente, mais simples não é! Mais leve”.

Fazia parte do conceito que a escola tinha diante da sociedade da igreja e da família por isso não se permitia que nenhuma aluna usasse outro traje diferente do uniforme do Colégio sem o consentimento das irmãs e principalmente da madre superiora.

Eu peguei o uniforme inicial da escola, era aquele de peitilho assim, era saia de prega frente e costa, ficava uma preguinha fechada onde ficava o zíper para fechar, saia de cóis, aquele peitilho, a blusa branca de manga comprida tricoline de gola redonda com uma gravatinha de veludo amarrada no pescoço, sapato colegial preto e meias brancas. O fardamento da ginástica, era uma calça fofa [risos] de elástico na perna era cumprida mesma, as alunas mais danada pegava o elástico da perna e colocava na virilha, ai ficava aquela sainha no meio da coxa, era um calção [risos] puxava até em cima e ficava aquele balãozinho, quando a irmã pegava, mandava baixar, mais na hora que ela virava as costas, a gente subia de novo (Maria do Carmo Daniel - 2014).

O fardamento era importante, pois deixava as alunas adequadamente vestidas, para que não demonstrassem nenhum sinal de desleixo para com o corpo e para com as normas do Colégio. Todas deviam está sempre bem compostas e penteadas. O uniforme de” gala” usado pela Escola Normal era composto de saia azul e blusa de mangas comprida, sapatos e meia branca. Este uniforme era especial e só devia ser usado em momentos importantes, festas e solenidades.



Figura 22 - Alunas uniformizadas (1950)
FONTE: Arquivo pessoal - Enei dos Reis Lobão.

O uniforme usado pelas alunas do Curso Normal visava proteger a virtude e a pureza da mulher que devia ser mantida sobre sobriedade e discrição, jamais rompendo com o regulamento e os padrões tradicionais da escola. A figura 22 apresenta as alunas uniformizadas com seus trajes colegiais usados no dia-a-dia do Colégio. As blusas possuíam mangas curtas, a saia tinha a altura do joelho, acompanhado de sapato e meias de cor branca conforme estabelecido no regulamento do Colégio. As vestimentas de Gala deveriam ser usadas em ocasiões especiais e específicas como as festividades escolares, mas não fugiam dos padrões estabelecidos pelas irmãs de estarem devidamente compostas usando roupas adequadas e discreta.



Figura 23 - Alunas do ensino Normal em uniforme de Gala (1960)

Fonte: Arquivo da secretaria da Escola.

Outro fator marcante presente na memória das professoras era o uniforme, que deveria está sempre impecável, sobretudo no tamanho da barra das saias, pois representava muito bem a moral feminina, que deveria transparecer sempre a castidade e o respeito acima de tudo. As irmãs inspecionavam diariamente os uniformes das alunas, o menor deslize quanto à adequação do uniforme era motivo de punição com relata a ex-aluna do curso normal.

Ela media na palma da mão o tamanho do uniforme da gente, se tivesse acima do joelho ela desmanchava a bainha... Amanhã eu quero que chegue

com essa saia curta aqui viu! O cumprimento é aqui! [...] usava corpete por baixo, ela metia a mão pra ver se estava com corpete por baixo, se estava só de sutiã. O cumprimento da saia se fosse curta, se aparecesse o joelho ela desmanchava e a gente ia pra casa com a bainha desmanchada (Maria de Jesus Lobão – entrevistada).

Existia uniformes específicos para a prática da ginástica e as práticas esportivas, pois não se permitia que as alunas se vestissem da forma como quisessem, as vestimentas refletiam os conceitos morais da educação cristã. O time de vôlei formado pelas alunas do Curso Normal da década de 1950 pode ser visualizado na imagem na figura 24.



Figura 24 - Alunas vestidas no uniforme do Time de voleibol (1958)

FONTE: Revista Flores do Alverne.

As práticas esportivas eram valorizadas sobremaneira pelas alunas do Colégio, mas não se descuidava de como elas deveriam trajar-se embora fosse um momento de descontração e lazer para as meninas. A valorização dos cuidados com o corpo, a prática de exercício e os cuidados com a estética já fazia parte do currículo escolar através da de Educação Física.



Figura 25 - Alunas do Time de Basquetebol da Escola Normal (1970)
Fonte: Arquivo da Secretaria da Escola.

Ao centro da foto visualizamos a freira Irmã Gemma acompanhando as alunas no jogo de basquete. As alunas não costumavam ficar sozinhas sem que fossem supervisionadas pelas freiras, que vigiavam os comportamentos e atitudes das alunas no interior do Colégio.

A Irmã Maria Assunta da Eucaristia, ex-aluna interna do ano de 1945, narra através de suas memórias que mesmo as alunas que permaneciam internas precisavam usar uniforme específico para permanecerem nas dependências do Colégio, “o internato tinha uma farda diferente mas eu não lembro mais como era a farda, eram um vestido de suspensório”. Existia um grande apreço pelo fardamento escolar, sendo as alunas monitoradas constantemente em seu uso.

3.3 A Prática de orações no Colégio

A prática diária das orações no colégio compreendia parte da educação dispensada pelas irmãs educadoras. Aliadas as festas religiosas, as orações eram forma de manter viva as chamas do catolicismo ‘fazia parte do “edifício educativo” (LOPES, 2006, p.30). Para tanto eram imprescindíveis na formação do caráter feminino. A oração se apresentava em distintos momentos como na hora da entrada, uma obrigação católica diária e a forma cristã de começar o dia. Todas as alunas ao chegarem dirigiam-se ao pátio para fazer a oração matinal sempre iniciada pelos agradecimentos, seguidas de preces e de rezas cotidianas. Além desse ritual diário, outros momentos também enfocavam a prática da oração, como a missa diária que

se iniciava às seis da manhã todos os dias, celebradas na capela do colégio como nos recorda Maria de Jesus de Melo: “A gente rezava no próprio pátio todos os dia como até hoje se faz, rezava, cantava o hino nacional e ia pra sala, agora tinha todos os dias missa e a gente podia assistir, eu gostava de assistir a missa porque estudava á tarde”.

Em outros momentos também se vivenciava a prática da oração como nas aulas de religião que tinham nos ensinamentos católicos a conduta que deveria ser seguida pelas meninas e moças para que fossem conduzidas á Deus.



Figura 26 - Alunas no Pátio do Colégio São José em momento de oração (1960)

Fonte: Arquivo da Secretaria da Escola.

A realização da primeira eucaristia no colégio aumentava a convicção e a devoção católica defendida pelas irmãs junto as famílias e toda a sociedade da época. Lopes (2006, p. 30) se refere a esse conjunto de aspectos pedagógicos como indispensáveis a formação religiosa sendo:

Práticas de comunhão e confissões freqüentes, missas cotidianas, exercícios espirituais, novenas, pregações, catecismo e práticas de piedades individuais. Aliados a esses meios, as festas religiosas ao longo de todo ano letivo, boas leituras e momentos de boas-noites.

As orações tinham a incumbência de modelar o caráter conforme os preceitos religiosos ensinados pelas irmãs capuchinhas. As orações também eram

imputadas como forma de castigo, como o hábito de mandar a aluna para a capela após praticarem alguma indisciplina.

Havia um destaque especial dado as celebrações dedicadas a Virgem Maria. A movimentação em volta dessa festa religiosa ocorria no mês de maio. O “mês mariano” era comemorado pelas alunas do Colégio. No encerramento das comemorações do mês de maio acontecia a coroação da virgem, um ritual repetido anos após anos e sempre celebrado com muita pompa.



FIGURA 27- Alunas na coroação da Virgem Maria – Colégio São José (1958)

FONTE: Revista Flores do Alverne

Durante estas celebrações eram entoados cânticos, louvores, discursos ardorosos, doações generosas e muitas demonstrações de fé. Irmã Gemma Maria que escrevia artigos para revista Flores do Alverne sob o pseudônimo de Amarylis, descreveu o cortejo com a imagem da Virgem Maria pertencente ao Colégio São José da seguinte forma:

À noite realizou-se a apoteótica procissão conduzindo a Virgem á Catedral. Cada aluna levava em mão uma lanterna de variegadas cores, luminosa. Aquêlê mar de luzes a iluminar o manto negro da noite dava a impressão de uma grandiosa sinfonia em ritmos celestes e harmoniosos. A Virgem qual uma aurora fulgurante, era a estrela mais brilhante daquele rico diadema [...] A santa missa foi celebrada por D. Luis Marelim, na Catedral dos Remédios. Quase 300 alunas compareceram ao banquete Eucarístico (Revista Flores do Alverne,1958).

Assim ocorriam as celebrações em homenagem á Virgem Maria que simbolizada um ideal de mulher para todas aquelas que desejassem ter uma

conduta virtuosa. Maria do Carmo Lembra como as alunas eram condicionadas a rezar diariamente “A gente tinha que rezar todo dia, batia a campainha e a gente ia pro pátio rezar.” Uma prática que se repete até os dias de hoje. Quando se tratava das alunas internas estas orações ocorriam também em outros momentos durante o dia como na hora do almoço e antes de dormirem. Tudo acontecia com muito silêncio, respeito e reverência ao momento da oração.

3.4 A disciplina no Colégio

A disciplina era um aspecto tratado com muita rigorosidade e atenção por parte das Irmãs, elas cuidavam para que todas as alunas internas e externas obedecessem e cumprissem suas obrigações inteiramente. A subordinação as normas do colégio era uma condição para que as alunas pudessem estudar ou permanecer no internato. “O cumprimento das ordens era sagrado e observado a rigor, em todos os seus pontos. Havia um tríduo escolar no início do ano, quando o regulamento era explicado e, assim, conhecido por todas,” enfatizado por Lopes (2006, p. 54) ao referir-se a outra instituição confessional. Maria de Jesus Melo enfatiza que as vestimentas também eram uma parte importante da disciplina, e deveria ser levada a risca por parte das alunas ao mencionar “era a maior dificuldade saber que roupa ia vestir, eu sempre fui aquela aluna modelo, aquela professora modelo e por isso nunca levei bronca das irmãs não.” Tudo que as alunas tirassem do lugar deveriam colocar de volta, a organização fazia parte dos moldes da educação capuchinha no recinto escolar.

No estatuto da Escola Normal constam cláusulas que determinam os possíveis comportamentos que devem ser observados pelas alunas e também pelas freiras educadoras. No tratamento diário com as alunas era indicado que as freiras as tratem com suavidade e carinho religioso, mantendo-as sob contínua vigilância. As Irmãs eram responsáveis pela educação e segurança das meninas, por isso, aplicavam castigos e punições aquelas que se mostrassem rebeldes as regras de convivência no Colégio.

As insubordinações eram tidas como defeitos a serem corrigidos pela imposição da ordem e da disciplina que poderiam ir da perda do recreio que abrangia tanto alunas internas como externas, até mesmo ficarem sem o direito as

saídas aos domingos e permanecerem no Colégio por dias seguidos. Irmã Maria Gemma relembra “elas podiam perder á saída delas, elas saiam todos os meses para a casa da família, então se fossem muito impulsivas perdiam á saída.”

Existia uma preocupação com a formação doméstica das meninas que deviam ser preparadas também para exercer seus papéis, como boas donas de casa devotadas ao lar. As irmãs eram mais do que cooperadoras do trabalho religioso, atuavam como mães e educadoras desempenhando o papel importante na orientação e formação das educandas. Essas meninas mais tarde viriam quer no papel de professoras ou mães de famílias, a exercendo funções educativas muito importante a de professoras primária.

O ensino da doutrina cristã era a forma considerada segura para a formação do caráter reto da mulher, inspirados na consciência pura e nos mais elevados sentimentos de uma virgem cristã. Dessa forma a escola não permitia a entrada de revistas, jornais, livros e fotografias, coisas estas consideradas inúteis e prejudiciais ao decoro e aos estudos conforme estatuto²⁵. Havia ainda a disciplina de respeito imputada as alunas quanto a suas idas e permanência na capela através do silencio e da reverência dispensada aquele lugar. Era uma regra que devia ser respeitada por todas as alunas da Escola Normal, elas deveriam se dirigir sempre com muito respeito, deferência e obediência as irmãs educadoras. A entrevistada Maria de Jesus em seu relato menciona a extensão dos corretivos aplicados às alunas mediante infração.

Íamos para a capela rezar de castigo, rezar de joelhos na capela, ou então, íamos chamadas onde ficava a madre, na diretoria para conversar com a madre. Ah minha filha! Um carão da madre tu morria! Preferia mil vezes não fazer nada do que pegar um carão ou uma lição de moral da madre.

As meninas eram controladas sobremaneira quanto ao que liam, não lhes era permitido no internato nem mesmo receber correspondências sem que fossem inspecionadas pelas irmãs, sob penalidade de perderem o direito de estudarem no colégio. A presença masculina que se podia ter contato era o padre para confissão, pais e irmãos para visita e do professor que foi um número pequeno conforme consta nos registros da escola, uma vez que as freiras era a maioria do corpo docente do Colégio. Maria do Carmo Daniel relembra os dois únicos professores do

²⁵ Estatutos da Escola Normal Regional “São José” 10 de agosto de 1948.

sexo masculino que fizeram parte de sua formação durante o tempo em que estudou no Colégio e diz:

Eu só tive um professor do sexo masculino o professor Salvador Barbosa era um médico aqui de Caxias, eu já o conheci sem clinicar, ele já era velho quando era meu professor, ele já não clinicava mais. Ele era professor de Geografia, ai a gente fazia com ele só o exame biométrico, ele só atuava como médico na escola na hora desse exame, tirava a pressão da gente, olhava a garganta. Eu tive também um professor de inglês o professor Osvaldo, ele já morreu faz muitos anos.

Exigia-se por parte das alunas um bom comportamento, uma educação baseada nos ensinamentos e princípios religiosos praticados pelo Colégio. Fazia parte também do rol do bom comportamento as saudações aos professores, as irmãs, quando as encontrassem nos corredores ou na sua chegada á sala de aula, o ato de cumprimentar a Madre Superiora toda vez que a visse ou que adentrasse as salas de aula. O silêncio na capela também complementava os bons hábitos desenvolvidos pelo Colégio. A revista pertencente ao Grêmio escolar prestou á alunas que se destacavam por seus feitos e por suas atitudes no contexto escolar.



Figura 28- Aluna homenageada na revista do Grêmio Santa Joana d'Arc - 1958

Fonte: Revista Flores do Alverne

Correr pelas salas e corredores, falar nos dormitórios ou nos períodos de aula, deixar os livros em desordem ou o material de costura incidia na violação da conduta aplicada e em ato indisciplinar relatado pela aluna Enei dos Reis Lobão ao descrever a rotina do Colégio.

Não deixei de ser castigada. Lembro-me bem que tínhamos uma turma boa e a turma era bem pouco safada quando pensávamos que não, a gente era castigada. Às vezes na sala de aula eu gostava daquela brincadeira de dizer “lá vem irmã Clemens, todo mundo ficava quieto. A irmã Clemens chegava e ficava todo mundo sério, eu ficava bem séria como se nada tivesse acontecido [...] A irmã Clemens era assim, anarquizava com a gente mesmo, o que ela podia dizer, chamava a gente se sepulcro caído, o que ela podia dizer. E a gente olhando para ela. Me lembro como se fosse hoje, todo mundo ali, com olho baixo olhando para ela com ar de riso, quando olhávamos para a cara de Irmã Clemens! vermelha! de raiva viu! porque ela era zangada, colocava todo mundo de pé em fila esse era o castigo. [...] adolescentes, a gente tinha medo era uma época diferente. Irmã Juliana nesse tempo era Madre ela ficava brigando...brigando, ai eu ficava bem séria dizendo o que é isso?

- ai ela dizia “tu és a principal”!

Eu dizia, eu! Mais sabia que no íntimo tínhamos aquelas brincadeiras. Nossa turma era 45 alunas no Normal, aquilo era aquela bagunça, todo mundo unido, quando fazia uma coisa que dizia lá vem à irmã! Todo mundo ficava quieta, quando ela chegava levantávamos todo mundo calado, ela dizia coisas, mais não respondíamos ninguém. Mas só olharmos umas para a cara das outras, já sabiam o que tínhamos feito.

O depoimento demonstra o respeito como elemento presente na educação das alunas, elas temiam a disciplina aplicada pelas irmãs, não ousava levantar a voz ou contrariar suas determinações, isso implicava na violação da conduta e era passível de ser repreendido. Os depoimentos foram essenciais para compreender a ação educativa no Colégio.

Isso, contudo não significava que comportamentos divergentes não existisse no espaço escolar ou que não houvessem resistência a essas normas. A memória das alunas sobre a instituição constitui nas palavras de Lopes (2006, p. 44), “um somatório de memórias e olhares individuais e grupais” que revelaram uma retrospectiva da vida juntamente com as experiências advindas de sua vivência na instituição. Em suas falas definiram o que significou o Colégio São José para sua vida pessoal e profissional.

Durante as entrevistas foi possível relembrar fatos que não podiam ser de outro modo precisado, sem o esforço individual de cada aluna ouvida. Suas lembranças trouxeram de volta as amizades que construíram na escola, o tempo de sua mocidade, os valores que construíram o seu caráter, a linguagem usada e sobretudo trouxeram de volta suas histórias vividas. Sabemos que não é possível abordar todas as histórias guardadas na memória dos atores que elegemos na pesquisa, mas certamente trouxemos a compreensão os fatos que não poderiam ser revelados de outra maneira sem que buscássemos na memória das mulheres que nos proporcionaram uma leitura íntima de seu passado.

4 PALAVRAS FINAIS

O estudo realizado sobre a trajetória educacional do Colégio São José pertencente à Ordem Missionária das Irmãs Capuchinhas em Caxias entre os anos de 1949 a 1972 objetivou buscar elementos que permitisse conhecer a ação da educação feminina católica em Caxias e contribuir com a historiografia educacional da cidade. A pesquisa constitui um “ponto de partida um primeiro rascunho” (LOPES, 2006, p. 84) sobre o conhecimento desta instituição escolar.

As Irmãs Missionárias Capuchinhas vindas de várias regiões e se estabelecendo na cidade participaram e influenciaram a educação das meninas, jovens e mulheres através de sua atuação educacional. O colégio implantado por elas abrigou várias modalidades de ensino permitindo que diferentes faixas etárias de mulheres pudessem usufruir de sua pedagogia. A gênese do projeto educacional Capuchinha começou a ser desenvolvido no ano de 1937, com a chegada da primeira fraternidade das Irmãs chegadas de São Luís, que se ocupariam em educar meninas e adolescentes da cidade. O projeto foi aceito e pode contar com o apoio da sociedade civil da época.

As elites locais acolheram a ideia, pois precisavam de um espaço que possibilitasse dar, as suas filhas uma formação que estivesse dentro dos parâmetros conservadores do momento. As irmãs educadoras preocupavam-se com a educação das meninas, sobretudo em manter vivo os valores religiosos que orientavam a posição da mulher na sociedade. A educação dispensada pelas Irmãs às mulheres caxienses representava um importante elemento para sua formação intelectual. A princípio a instrução ministrada no colégio ficava a cargo exclusivamente das irmãs que ou eram professoras normalistas ou possuíam formação para educar as meninas. Estas mulheres moravam no próprio Colégio que logo no início funcionou sobre forma de internato, por ter a necessidade de atender alunas de outras localidades, sobretudo da zona rural para estudarem no Colégio.

O colégio foi responsável por educar um grupo feminino diversificado com diferentes faixa etária, crianças, adolescentes, jovens e mulheres adultas que desempenhavam durante o dia o papel de operárias e domésticas, á noite frequentavam a Escola Santa Rosa de Viterbo que oferecia ensino gratuito para estas mulheres que por algum motivo não haviam frequentado a escola no período

regular. A Escola Normal São José, tônica de nosso trabalho apresentou características próprias através de seu currículo e sua atuação no meio educacional, as mulheres que fizeram parte desse ensino receberam uma formação intelectual com qualidades de ensino elevado, fazendo parte de sua formação a música, a arte, o canto, o esporte a língua estrangeira e as atividades essencialmente femininas como bordar e costurar, tornando-se instrução indispensável na educação feminina.

Muitas alunas voltaram para suas cidades de origem e ocuparam espaços diferentes do papel comumente ocupado pelas mulheres, estas professoras contribuíram significativamente com a educação do seu estado. Era importante para a congregação missionária oferecer uma educação de qualidade para suas educandas, havia uma preocupação em atender as exigências educacionais da época, por isso estimulavam uma vida intensa de estudo e também de devoção a Deus e a Igreja. O Colégio mantinha sobre sua égide professores formados e com padrão elevado de estudo, em sua maioria religiosas, mas também professores diplomados leigos que contribuíram com a educação dispensada pelo Colégio na cidade, a exemplo Dr. Salvador de Castro Barbosa que no dia 22 de junho de 1935 chegou a assumir o cargo de Governador do Estado por um dia, vindo a integrar-se ao corpo docente do colégio nos anos de 1954 até 1963, encerrando sua trajetória em função de sua morte neste mesmo ano.

Havia critérios para que se estudasse no colégio, como exames e uma extensa relação de itens a serem considerados indispensáveis ao processo educacional do colégio. Os exames admissionais eram parte destes critérios e constituíam-se em provas escritas que aferiam o nível de conhecimento das alunas para que ingressassem no Colégio.

Fazia parte dos interesses da congregação expandir seus domínios religiosos, por isso, havia um trabalho de incentivo quanto à busca pela vida religiosa e muitas alunas trilharam por esse caminho. As Irmãs representavam à vista da sociedade um modelo de mulher pura, virtuosa, bondosa e sem pecados, como devia ser os princípios que regiam a educação de uma mulher. Esse aspecto encontrava lugar de destaque na educação oferecida pelo colégio, no entanto as práticas culturais presentes na rotina das alunas eram importantes para que os valores religiosos católicos estivessem presentes nas atitudes e nos comportamentos das alunas. Os eventos demonstravam uma preocupação em demonstrar a posição que o Colégio São José ocupava no âmbito educacional para

a sociedade caxiense, embora seus préstimos não estivessem voltados integralmente as classes sociais diferentes daquelas que compunha seu corpo discente, pois para a concretização de sua missão assistencial junto aos pobres coube a catequese nos bairros em finais de semanas.

É necessário frisar a atuação das Irmãs Capuchinhas e a influência que estas possuíam junto aos poderes públicos. Durante as atividades culturais do Colégio era comum a presença de representantes do governo como senadores, deputados e prefeitos que reconheciam no colégio um espaço propício a formação de bons cidadãos e patriotas que estariam ao lado do país. É significativa a ligação dessa congregação católica com os poderes estabelecidos no estado do Maranhão, suas investidas e solicitações foram atendidas e a assistência era sempre presente sobre forma de doações e subvenções para manutenção da instituição. A igreja podia contar com o apoio político e financeiro das elites dirigentes.

A presença de representantes do governo estadual nas atividades realizadas pelo colégio como festas de formaturas e festas religiosas era noticiada nos jornais de circulação estadual demonstrando assim, a dimensão do trabalho missionário de educar os filhos das elites caxienses. O vasto programa de comemorações era também acompanhado pelos representantes do mais alto escalão clerical como bispos e cônegos que assistiam constantemente as Irmãs em sua missão.

A missão das irmãs educadoras seria transformar as meninas e moças em mulheres “bem postas” na sociedade que através de sua postura ajudariam no caminho do cristianismo. Importa dizer que dentre as ações praticadas pelas irmãs capuchinhas estava o cuidado e o zelo para com as meninas educadas no colégio, muitas ao terminarem seus cursos chegaram a ingressar no quadro de professoras do colégio por se destacarem em seus estudos.

As memórias das entrevistadas nos permitiram constatar que o Colégio modificou suas vidas através da educação que receberam sendo que na visão que tem da escola, não poderiam ter recebido melhor instrução e orientação para a vida, senão a oferecida pelas freiras. Nesse modelo educacional encontrava-se ausente as realidades plurais que existiam na cidade. O foco educacional principal não era atender e assistir mulheres de classes pouco abastadas, o ensino tinha custos altos e o contexto educacional vivenciava uma cultura elitizada, a relação existente entre

família e escola era harmoniosa, pois estavam de acordo quanto a educação praticada pela ordem.

Quanto à estrutura física onde foram instaladas as irmãs, constatou-se que os espaços utilizados, foram se construindo de modo propício para que se desenvolvesse a atividade educacional. O prédio tornou-se amplo, confortável, dotado de mobiliário adequado para que houvesse exitoso resultados nos estudos. Espaços como biblioteca, laboratório de anatomia humana já faziam parte do arsenal educativo do colégio.

O legado educacional católico idealizado pelas Irmãs capuchinhas na cidade de Caxias tem a presença marcante da intervenção religiosa na instrução das mulheres caxienses. Elas eram envolvidas por uma religiosidade que incorporava as suas vidas quer dentro ou fora do colégio. A instrução dadas as moças no colégio deveria ao mesmo tempo definir os padrões morais e o caráter religioso que deviam apresentar.

Assim, o resultado da pesquisa não pretende esgotar o assunto desejando tornar-se inspirador de posteriores estudos sobre a as Escolas Confessionais da Ordem Capuchinha no Maranhão, á medida que o resultado da pesquisa apresentou traços que foram significativos para a consolidação da Escola Normal do Colégio São José.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B.; LOPES, A. P. C. (Orgs.). **As escolas normais no Brasil: do Império à República**. Campinas, SP: Alínea, 2010.

ATLAN, Henri. Conscienceet désirs dans des systéme auto-organisateurs. Apud: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão et.al.3. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

BARROS, José D´Assunção. **O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **O Campo da História**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, Maria de Lima. **No tempo das visitadorias – 1900 -1910. Cuiabá: Inspaz, 1998**.

BRASIL, Lei Geral. De 15 de outubro de 1827. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. In: _____. **Coleção das leis do Império do Brasil de 1887**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org). **Culturas Escolares, saberes e Práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

BERGER, P. L. **O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BEZERRA, Daniel Costa, SILVA, José Carlos Aragão. As Garras da Raposa: o Vitorinismo em Caxias na década de 1950. In: PESSOA, Jordânia Maria; BARBOSA, Salânia Maria (Orgs). **Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das Histórias de Caxias**. Teresina: Edufpi, 2010.

BRASIL. **Decreto Lei nº 385**, de 1º de março de 1940.

_____. **Decreto Lei nº 1462**, de 31 de dezembro de 1946.

_____. **Decreto Lei nº 1123**, de 01 de novembro de 1955.

_____. **Decreto Lei nº 583**, de 28 de fevereiro de 1979.

_____. **Decreto Lei nº 63**, de 28 de fevereiro de 1939.

BRITO, Ângela Xavier de. **O saldo é positivo: cultura escolar católica e socialização das elites femininas brasileiras, 1920-1970.** Paris: CERLIS-CNRS, 2005.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. Colégios do Século XVI: matriz pedagógica-espacial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino(Org). **Culturas Escolares, saberes e Práticas educativas: itinerários históricos.** São Paulo: Cortez, 2007.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas.**São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **História e Teoria Social.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CARVALHO, Maria Gemma de Jesus. **Faculdade de Educação de Caxias: Uma Trajetória de Muitas Lutas e Grandes Vitórias.** Caxias: Nova Expansão Gráfica e Editora, 2007.

_____. Entrevista concedida. Caxias, 23 de outubro de 2013.

_____. **Centelhas de Uma Vida.** Caxias: Editora e Gráfica Expansão, 2003.

CASTELLANOS, Samuel L.V. **Práticas Leitores no Maranhão na Primeira República: entre apropriações e representações.** São Luís: EDUFMA, 2010.

CASTELLANOS, Samuel L. V. A Institucionalização da Escola Normal no Maranhão: investimento que não obteve resultado esperado! In: FARIA, Regina Helena Martins. (orgs). **Saberes e Fazeres em Construção: Maranhão séc. XIX- XXI.** São Luís: EDUFMA, 2011.

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1994.

COELHO, Elizabeth Maria Beserra; FARIA, Regina Helena Martins. (Orgs). **Saberes e Fazeres em Construção: Maranhão séc. XIX- XXI.** São Luís: EDUFMA, 2011.

COLÉGIO São José. **Dados do Colégio São José.** Caxias. S/d. (Manuscritos).

_____. **Ata de Inauguração da Escola Doméstica das Proletárias em Caxias do Maranhão. (Santa Rosa de Viterbo).** Caxias – MA, 16 de agosto de 1937. (Manuscrito).

_____. **Ata de Comemoração do dia da Criança,** Caxias – MA, 16 de outubro de 1937. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Educandário São José.** Caxias - MA, 12 de fevereiro de 1953. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Educandário e Ginásio São José.** Caxias – MA, 01 de janeiro de 1954. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Educandário e Ginásio São José.** Caxias – MA, 01 de janeiro de 1957. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Educandário e Ginásio São José.** Caxias – MA 10 de abril de 1958. (Manuscrito).

_____. **Ata de Reforma do Estatuto do Educandário São José.** Caxias – MA, 1959. (Manuscrito).

_____. **Ata de Fundação do Colégio São José.** Caxias – MA, 1937. (Manuscrito).

_____. **Ata de resultados Finais dos Exames em 1ª e 2ª época.** Caxias – MA, 1960. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Educandário e Ginásio São José.** Caxias – MA, 01 de janeiro de 1960. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Ginásio São José.** Caxias – MA, 27 de fevereiro de 1963. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Ginásio São José.** Caxias – MA, 01 de março de 1964. (Manuscrito).

_____. **Ata de Reunião da Associação de Pais e Mestres do Ginásio São José.** Caxias – MA, 18 de junho de 1965. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Ginásio São José.** Caxias – MA, 01 de março de 1966. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Educandário e Ginásio São José.** Caxias – MA, 01 de março de 1967. (Manuscrito).

_____. **Ata de Fundação do Grêmio Santa Joana d’Arc).** Caxias - MA, 13 de maio de 1951. (Manuscrito).

_____. **Ata de Reforma dos Estatutos da Escola Normal São José.** Caxias - MA, 05 de Dezembro de 1965.

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Ginásio São José.** Caxias – MA, 27 de fevereiro de 1963. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Ginásio São José.** Caxias – MA, 01 de março de 1964. (Manuscrito).

_____. **Ata de Reunião da Associação de Pais e Mestres do Ginásio São José.** Caxias – MA, 18 de junho de 1965. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Ginásio São José.** Caxias – MA, 01 de março de 1966. (Manuscrito).

_____. **Ata de Eleição da Diretoria do Educandário e Ginásio São José.** Caxias – MA, 01 de março de 1967. (Manuscrito).

_____. **Ata de Fundação do Grêmio Santa Joana d’Arc).** Caxias - MA, 13 de maio de 1951. (Manuscrito).

_____. **Ata de Reforma dos Estatutos da Escola Normal São José.** Caxias - MA, 05 de Dezembro de 1965.

DE PARABÉNS A CONGREGAÇÃO DAS IRMAS CAPUCHINHAS. CRUZEIRO. Caxias – MA, Domingo, 06 de julho de 1958.

DALLABRIDA, Noberto. A fabricação das escolas das Elites: o Ginásio Catarinense na Primeira república. In; STEPHANOU, Maria, BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **História e memórias da Educação no Brasil.** Vol. III- Sec. XX. 3 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

DANIEL, Maria do Carmo da Cunha. Entrevista concedida. Caxias, 12 de dezembro de 2013.

DEMARTINI, Z. ANTUNES, F. F. Magistério primário: Profissão feminina, carreira masculina. In: CAMPOS, Maria Cristina de Sousa; SILVA, Vera Lucia Gaspar da (Orgs). **Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente.** Bragança paulista: EDUSF, 2002, p. 39.

DIÁRIO DAS LEIS. Disponível em: <<http://www.diariodasleis.com.br>>. Acesso em 05 de jun.2014.

ESCOLANO, B. Currículo, espaço e subjetividade. In VIÑAO FRAGO, A. **Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões.** Rio de Janeiro: DPA, 1998.

ESTADO DO MARANHÃO. **Diário Oficial.** Terça-feira, 01 de novembro de 1955.

_____. **Diário Oficial**. Terça-feira, 01 de fevereiro de 1949.

_____. **Diário Oficial**. Terça-feira, 28 de fevereiro de 1949.

_____. **Diário Oficial**. Terça-feira, 22 de março 1949.

_____. **Diário Oficial**. Terça-feira, 26 de maio de 1959.

_____. **Diário Oficial**. Terça-feira, 10 de junho de 1969.

_____. Conselho Estadual de Educação. **Portaria nº 8165**, de 03 de dezembro de 1965.

_____. Conselho Estadual de Educação. **Resolução nº 169/79**, de 20 de dezembro de 1979.

_____. Lei provincial nº 24/1836.

FLORES DO ALVERNE. Sábado, 04 de outubro de 1958.

_____. Quinta-feira, 01 de Maio de 1952.

FISCHER, Beatriz Daultd. A Professora Primária nos Impressos Pedagógicos (1950-1970). In: STEFHANOU, BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Histórias e Memórias de Educação No Brasil**. Vol.III. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GATTI JÚNIOR. Décio. História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. IN: GATTI JÚNIOR, Décio; ARAÚJO, José Carlos de Souza (orgs). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados, 2002, p .3 - 24.

GAUTHIER, Clemon. **Tranches de Savoir**: essais sul a pédagogie, as nature, sonévolutionet as situationcontemporaine. [Trad. Nuno Maria]. Canadá: LesÉdition Logiques, 1993.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Os fios de Penélope**: a mulher e a educação feminina no séc. XIX. GT. De história da educação da ANPED, 2002.

IBGE. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em 17 de outubro de 2011.

JORNAL DO MARANHÃO. Caxias – MA, Sábado 08 de setembro de 1962.

JORNAL O PIONEIRO. Caxias - MA, Segunda – feira 13 de dezembro de 1954.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão et.al.3. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

LIMA, Albert, **História do Colégio São José**. Ed. Timon; Editora Grafiset, 1997.

LOBÃO, Enei dos Reis. **Entrevista concedida**. Caxias ,12 de dezembro de 2013.

LOBÃO, Maria de Jesus de Melo. **Entrevista concedida**. Caxias, 10 de fevereiro de 2014.

LOURO, Guacira. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary. (Org); BASSANEZI, Carla (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Ed.Contexto,2004.

LOPES, Ivone Goulart. **Asilo Santa Rita: educação feminina católica (1890-1930)**. Cuiabá – MT: Central de texto: EDUFMT, 2006.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas Históricas da Educação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos: história** das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e Educação Feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. O tempo Saquarema:A Formação do estado Imperial. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MEDEIROS, Jacques Inandy. **A história da educação de Caxias**. Caxias-MA: Gráfica Editora Folha de Caxias, 1991.

MELO Maria Cristina P. de P. **O bater dos panos**. São Luís: SIOGE, 1990.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara; SILVA, Francinete de Lima. Representações de Professores Primários no séc.XX: A primeira turma da escola Normal de Natal (Rio Grande do Norte). In: MOTTA, Diomar das Graças, FREITAS, Ana Maria Gonçalves Bueno de. **Mulheres na História da educação: desafios, conquistas e resistências**. São Luís: EDUFMA: UFPB: Café & lápis, 2011.

MOTTA, Diomar das Graças; NUNES, Iran de Maria Leitão. Escola Normal: uma instituição tardia no Maranhão. In: ARAÚJO, J.C. S; FREITAS, A.G.B. de; LOPES, A.P.C. (Orgs). **As escolas normais no Brasil: do império à república**. Campinas-SP: Alínea, 2008.

MOTTA, Diomar das Graças. FREITAS, Ana Maria Gonçalves Buena de. **Mulheres na História da Educação: desafios, conquistas e resistência**; São Luís:EDUFMA: UFPB: Café & Lápis, 2011.

MOURA, Laércio Dias de. **A Educação Católica no Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NORA, P. **Mémoire Collective**, In: J. Le Goff, R. et al. (Orgs), La Nouvelle histoire. Paris: Retz, 1978.

NOSELLA, Paolo. **O Centro Universitário de Jaraguá do Sul: uma história de ousadia e determinação**. Jaraguá do Sul SC: Editora UNERJ,2001.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições Escolares: porque e como pesquisar**. Campinas SP: Editora Alínea, 2009.

NOVOA, Antônio (Org.) **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora,1995.

NUNES, Iran de Maria Leitão. Profissão Docente: marco de um percurso. In:LOPES, Antônio de Pádua Carvalho, STAMATTO, Maria Inês Sucupira. (Orgs.). **O Ofício Docente no Norte e Nordeste**. São Luís –MA: EDUFMA: UFPB: Café & Lápis, 2011.

O CAIXA. Disponível em: <[http://www.oaixa.com.br/banco de dados.htm](http://www.oaixa.com.br/banco%20de%20dados.htm)>. Acesso em 09 de julho de 2014.

PEREIRA, Ana Paula Alves. As Pipiras das Fábricas: a operária sobre o olhar da sociedade caxiense na década de 1950. In: PESSOA, Jordânia Maria, BARBOSA Salânia M.(Orgs). **Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das Histórias de Caxias**. Teresina: Edufpi, 2010.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira**, São Paulo, v 9, n.18.p.9 – 18.agosto/set 2001.

PESAVENTO, Sandra. O mundo como texto:Leituras da história e da literatura. História da Educação, n. 14, set/ 2003, Pelotas: Asphe/UFPel.

PESSOA, Jordânia Maria. **Entre a tradição e a Modernidade: Belle Époque Caxiense: práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX**. Imperatriz: Ética, 2009.

POLLAK, Michael. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol.2, n. 3.1989.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Vanhargem a FHC**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.I

SENA, Laércio Rocha. Contra os Vícios e os Maus Costumes: o jornal Cruzeiro e a invenção de um novo modelo de trabalhador em Caxias (MA) nas décadas de 1930 e 1940. In: PESSOA, Jordânia Maria; MELO, Salânia M. Barbosa. **Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias**. Teresina: Edufpi, 2010.

SNYDERS, George. Os séculos XVII e XVIII, Apud: MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e Educação Feminina. (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

SILVA, Evandro Azevedo. Catolicismo e Protestantismo: um olhar sobre o comportamento religioso em Caxias, na década de 50 do século XX. In: PESSOA, Jordânia Maria; MELO, Salânia M. Barbosa. **Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias**. Teresina: Edufpi, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino. *et ali*. Histórias de Vida Memória e Identidade de Gênero: entrecruzando narrativas de ex-normalistas e professoras aposentadas. In: FREITAS, Ana Maria Gonçalves. MOTTA, Diomar das Graças. **Mulheres na História da Educação: desafios, conquistas e resistência**; São Luís: EDUFMA: UFPB: Café & Lápis, 2011.

SOUSA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.) **Culturais Escolares, Saberes e Práticas Educativas: Itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

STREVIS, C; AYAMA, M. L.; HILARION. Saint. **As Irmãs Azuis**. São Paulo: Ed. Casa Provincial, 1994.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. A primeira Escola Normal do Brasil: concepções sobre a institucionalização da formação docente no séc.XIX. In ARAÚJO, José Carlos Sousa; FREITAS, Ana Maria Gonçalves Bueno de; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (Orgs). **As escolas normais no Brasil: do Império á república**. Campinas: Alínea, 2008.

UFPI. **Resumos das dissertações**. Mestrado em educação. PPGEd/CCE. Disponível em: <<http://www.ufpi.br>>. Acesso em 13 jul. 2013.

APÊNDICE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI-UFPI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

CONVITE PARA CONCESSÃO DE ENTREVISTAS

**ENTREVISTADORA: SUELY BARBOSA DE MOURA
ORIENTADOR: ANTONIO DE PÁDUA CARVLHO LOPES**

**TEMA: O COLÉGIO SÃO JOSÉ E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS
NORMALISTAS EM CAXIAS-MARANHÃO: FORMANDO PARA IGREJA, PARA A
PÁTRIA E O LAR (1949 – 1972)**

Convido-lhe para fazer parte da pesquisa de mestrado que estou desenvolvendo sobre a formação das professoras da Escola Normal do Colégio São José, em virtude da pesquisa necessito de informações sobre as memórias das ex-alunas desta instituição.

Por ser a senhora ex-aluna do Colégio solicito que por gentileza responda as perguntas contidas na entrevista em anexo, que é composta por cinco etapas.

- 1. DADOS DA ENTREVISTADA.**
- 2. PERÍODO EM QUE ESTUDOU NO COLÉGIO SÃO JOSÉ**
- 3. MODELO DE ENSINO PRATICADO PELO COLÉGIO SÃO JOSÉ**
- 4. MEMÓRIA DAS EX-ALUNAS DA ESCOLA NORMAL SÃO JOSÉ**
- 5. O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO**

Grata pela colaboração.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI-UFPI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu _____-

RG. Nº _____, declaro, para os fins de direito que concedo a Suely
Barbosa de Moura o direito de usar a minha entrevista integralmente ou em partes
sem limites de prazos ou qualquer outra restrição, desde presente data.

Caxias, (MA) ___/___/___2013

Assinatura da Entrevistada

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI-UFPI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AS EX-ALUNAS DO CURSO NORMAL
DO COLÉGIO SÃO JOSÉ

1. DADOS DA ENTREVISTADA

- A) Nome Completo
- B) Nome dos pais
- C) Local e data de Nascimento
- D) Endereço

2. PERÍODO EM QUE ESTUDOU NO COLÉGIO SÃO JOSÉ

- A) Que ano(s) a Senhora estudou no Colégio São José
- B) Estudou em regime de () internato ou () externato
- C) Quem era a diretora da escola na época em que você estudou?
- D) Que horas iniciavam as aulas?
- E) Que horas as aulas terminavam?
- F) Havia horários vagos no Colégio?
- G) O que a senhora fazia nos horários vagos do Colégio?

3. ENSINO PRATICADO PELO COLÉGIO SÃO JOSÉ

- A) Que disciplinas possuíam maior nível de exigência por parte do Colégio?
Por quê?
- B) Que professores foram mais marcantes na sua trajetória de formação? Por quê?
- C) Quais as disciplinas a senhora mais se dedicava a estudar? Por quê?
- D) Além das aulas, que outras atividades fizeram parte de sua formação?
- E) Como era praticado o estágio? Em que horário era realizado?

4. MEMÓRIAS DAS EX-ALUNAS DA ESCOLA NORMAL SÃO JOSÉ

- A) Como foi seu primeiro dia de aula no colégio São José?

- B) Como aconteciam as orações matinais?**
- C) Nas festas promovidas pelo Colégio a senhora usava sempre o uniforme?
Por quê?**
- D) Que festas eram promovidas pelo Colégio?**
- E) Como a senhora se comportava na hora da ginástica? Que trajes usavam para praticar os exercícios?**
- F) Que penalidades eram aplicadas as alunas que descumpriam o regulamento do Colégio**
- G) Que tipo de relação às alunas tinha com os professores?**
- H) Como era a relação das alunas com as irmãs do Colégio?**
- I) Que atividades a senhora gostava de praticar no Colégio?**
- J) Como era sua relação com as outras alunas do colégio?**

5. O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO

- A) como a senhor conseguiu se tornar professora? foi através de concurso?**
- B) que escola lecionou?**
- C) Em que o Ensino do Colégio São José contribuiu em sua vida?**
- D) que momento marcou a sua profissão de professora?**